U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

Mariana Soares dos Santos de Albergaria e Sousa

(Licenciado em Estudos Arquitectónicos)

Projeto Final de Mestrado

Para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica:

Professor Doutor Arquitecto José Aguiar

Júri:

Presidente: Professor Doutor Arquitecto Hugo Farias

Vogal: Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz

Orientador: Professor Doutor Arquitecto José Aguiar

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Setembro de 2020

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

Mariana Soares dos Santos de Albergaria e Sousa

(Licenciado em Estudos Arquitectónicos)

Projeto Final de Mestrado

Para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica:

Professor Doutor Arquitecto José Aguiar

Júri:

Presidente: Professor Doutor Arquitecto Hugo Farias

Vogal: Professora Doutora Arquitecta Bárbara Massapina Vaz

Orientador: Professor Doutor Arquitecto José Aguiar

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Setembro de 2020

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à minha Família por estarem sempre presentes e pelo apoio incondicional, .

Ao Francisco, à Joana e à Sara pela ajuda e apoio indispensável ao longo do meu curso.

Agradecer ao Professor José Aguiar pela sua orientação neste trabalho de investigação e ao Professor Paulo Pereira pelos conselhos e partilha de informação.

Por todas as amizades que fiz ao longo do percurso na faculdade, principalmente, à Maria, ao António, à Rita, à Inês Beirante e à Inês Vala. Um obrigado especial à Maria e ao António.

Agradecer à Isabel, à Caetana e à Janeca, as minhas queridas amigas que sempre me acompanharam, sempre prontas a ajudar no que fosse preciso, não podia pedir melhor.

Agradecer ao Artur pela sua ajuda e conselhos sobre as maquetas nesta recta final, com quem aprendi muito.

Ao Pedro e ao tio João pela atenção, apoio e disponibilidade essenciais no desfecho deste capítulo, por quem tenho em consideração e carinho.

Obrigado ao meu querido avô Alexandre pelo seu exemplo e pelas suas últimas palavras de me felicitar pelo momento a que cheguei, que apesar de já não estar cá, caminhou sempre comigo.

RESUMO

A cidade de Lisboa apresenta um tecido urbano densificado, espaços de memória e memórias de espaços. Estes espaços, que se identificam como vazios, desterros ou edifícios devolutos, acabam por criar descontinuidades dentro da cidade.

É necessário requalificar estes espaços, de modo a contribuir para o melhor aproveitamento da cidade e salvaguardar a transferência dos seus valores para as futuras gerações. Por estes motivos, realiza-se uma proposta de arquitectura que pretende a reabilitação e reconversão do antigo Hospital Militar de Belém, localizado na freguesia da Ajuda. Este conjunto de edifícios, incorpora um convento, um edifício hospitalar e uma morgue, encontra-se desativado e com um futuro incerto, mas com capacidade estrutural e formal de ser reintegrado na vida urbana.

O trabalho desenvolvido visa responder às necessidades desta parte de cidade, através de um programa diversificado, com uma componente pública e privada, focando-se na criação de habitação para jovens, desenvolvendo estratégias arquitectónicas que valorizem os edificados a intervir, bem como no desenho de um espaço público exterior.

A presente proposta de arquitectura pretende a reapropriação de estruturas existentes, estabelecendo uma leitura unitária do conjunto de edifícios e do espaço público, e destes com a envolvente contextual, como uma oportunidade de reinventar um lugar.

Palavras-chave: Memória - Reabilitação - Habitação - Permeabilidade - Atmosferas

ABSTRACT

The city of Lisbon presents a densified urban fabric, spaces of memory and memories of spaces. These spaces which are identified as voids, exile or vacant buildings, end up creating discontinuities within the city.

It is necessary to requalify these spaces, in order to contribute to a better use of the city and safeguard the transfer of its values to future generations. For these reasons, an architectural proposal is made that intends to rehabilitate and reconvert the former Military Hospital of Belém, located in Freguesia of Ajuda. This set of buildings, incorporating a convent, and hospital building and a morgue, is currently deactivated and with an uncertain future, but with a structural and formal capacity to be reintegrated into urban life.

The work developed aims to respond to the assets of the part of the city, through a diversified program, with a public and private component, focusing on the creation of housing for younger people, developing architectural interventions that value the buildings to intervene, as well as the design of an exterior public space.

The present architectural proposal aims to reappropriate existing structures, establishing a unitary reading of the set of buildings and the public space, and of these with its contextual environment, as an opportunity to reinvent a place.

Keywords: Memory - Rehabilitation - Housing - Permeability - Atmospheres

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO 3

1.1. Tema 3

1.2. Objectivos 4

1.3. Estrutura 6

1.4. Metodologia 7

2. EVOLUÇÃO DA CIDADE, DA FREGUESIA E DO CONVENTO 9

2.1. Lisboa 9

2.2. Freguesia da Ajuda 11

2.3. Convento de Nossa Senhora da Boa Hora 14

3. REABILITAR A CIDADE 19

3.1. Reabilitação e Património 19

3.2. Intervir nos Tempos dos Objectos Arquitetónicos e da Cidade 22

3.3. Caso de Estudo 31

4. O PROJECTO 39

4.1. O Lugar 39

4.2. Conceitos 41

4.3. Proposta de Intervenção 46

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 69

6. BIBLIOGRAFIA 73

7. ANEXOS 75

ÍNDICE DE FIGURAS

1. Ortofotomapa de Lisboa. Freguesia da Ajuda, identificação da área de intervenção do projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém. 5

2. Ortofotomapa de parte da Freguesia da Ajuda em Lisboa, identificação da área de implantação do projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém. 5

3. Ortofotomapa de Lisboa. Identificação do antigo Hospital Militar de Belém, objecto de intervenção do projecto de reabilitação da presente dissertação. 6

4. Planta de Lisboa, desaparecida, autoria de João Nunes Tinoco, 1650. Redesenhada uma cópia em 1850, a pedido do general Eusébio Pinheiro Furtado para oferecer à Câmara Municipal de Lisboa. Fonte: http://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?id=3844&ns=216000&origem=249236013057050111200005009178137100141035008034001159160119082152186056089150020178024075182099150145080025134155062108124076135141090245105072043133142008011119041208037233201126059099200215&modo=album. 9

5. "O Cortejo de Entrada em Lisboa de Monsenhor Giorgio Cornaro, em 1693", século XVII. Pintura; 1090 x 2390 cm. Lisboa, Museu Nacional dos Coches. Fonte: https://artsandculture.google.com/asset/o-cortejo-de-entrada-em-lisboa-de-monsenhor-giorgio-cornaro-em-1693/JQHiTENYrWsC4A?hl=pt-PT. 9

6. "Lisboa antes e depois do Terramoto de 1755, gravura", 1965, Armando Maia Serôdio. Fonte: Arquivo fotográfico de C.M.L. https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=252803&type=PCD. 10

7. Planta de reconstrução da Baixa Pombalina, sobreposição das áreas afectadas pelo terramoto de 1755 e do novo projecto de reconstrução da autoria dos arquitectos Eugénio dos Santos Carvalho e Carlos Mardel / João Pedro Ribeiro, 1758. Lisboa, Museu de Lisboa. Fonte: http://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?ns=216000&id=2306&paginaEntrada=1. 10

8. Fotografia aérea abrangendo a avenida da Liberdade, parque Eduardo VII, Penitenciária,1953, Abreu Nunes. Fonte: Arquivo fotográfico de C.M.L. https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/. 11

9. Panorâmica do Bairro da Ajuda, vista para a "Real Barraca da Ajuda" do jardim quinta do Principal Lázaro Leitão, século XVIII. Gravura da autoria de B.R. Bourdet. Fonte: Arquivo fotográfico de C.M.L. https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1615000&type=PCD. 13

10. Vista para o Paço Real de Nossa Senhora da Ajuda, Torre do Galo, cúpula do Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, Farol do Bugio e Forte do Alto do Duque. Fonte: https://www.vortexmag.net/historia-insolita-de-portugal-quando-o-rei-d-jose-i-decidiu-ir-viver-para-uma-barraca/ 13

11. Cartografia histórica de Lisboa, da zona da actual freguesia da Ajuda por ordem cronológica, da esquerda para a direita: 1826 - 1950 - 2018. 13

12. Conventos de Lisboa. Fonte: Aguiar, José; Pacheco, Pedro. (2013) "Santa Marta, Convento e Cerca, Heterotopia, Memória e Cidade". Lisboa, Fault, Livro Digital. 16

13. Evolução morfotipológica por ordem cronológica da esquerda para a direita: 1911 - 1940-50 - 2018. 17

14. Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, edifício integrante do antigo Hospital Militar de Belém, alçado sul do pátio, fotografia da autora 2018. 17

15. Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, edifício integrante do antigo Hospital Militar de Belém, alçado sul e poente do pátio, fotografia da autora 2018. 17

16. Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, edifício integrante do antigo Hospital Militar de Belém, alçado poente e norte do pátio, fotografia da autora 2018. 17

17. Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora e o antigo Hospital Militar de Belém, Largo da Boa Hora à Ajuda, fotografia pela autora 2018. 18

18. Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora e o antigo Hospital Militar de Belém, Largo da Boa Hora à Ajuda, alçado sul do objecto de intervenção, fotografia pela autora 2018. 18

19. Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora e o antigo Hospital Militar de Belém, Largo da Boa Hora à Ajuda, alçado sul e nascente do objecto de intervenção, fotografia pela autora 2018. 18

20. Antigo Hospital Militar de Belém, alçado sul do edifício hospitalar construído em 1972, fotografia pela autora 2020. 18

21. Antigo Hospital Militar de Belém, alçado norte do edifício hospitalar construído em 1972, fotografia pela autora 2020. 18

22. Paris, Plano "Voisin", da autoria do arquitecto Le Corbusier, 1925. Fonte: Fundação Le Corbusier, ADAGP. 21

23. Lisboa, Convento das Bernardas, aparência do edifício anterior à intervenção de reabilitação. Fonte: *Revista de Arquitectura, Arquitectura Paisagista e Design* (2000), nº 52, pp. 116-121. 24

24. Lisboa, Convento das Bernardas após a intervenção de reabilitação, coordenação do projecto da autoria da arquitecta Teresa Duarte C.M.L. 24

25. Londres, Museu Tate Modern, vista exterior do edifício, projecto de reabilitação da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fonte: Tate. 24

26. Londres, Museu Tate Modern, vista do espaço interior, projecto de reabilitação da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fonte: Tate. 24

27. Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, vista do conjunto arquitectónico e a relação com a cidade, projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne. Fotografia de Duccio Malagamba. Fonte: www.goncalobyrnearquitectos.com. 25

28. Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, vista do conjunto arquitectónico e a relação com a topografia, projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne. Fotografia de Duccio Malagamba. Fonte: https://www.archdaily.com/622911/projecto-de-remodelacao-e-ampliacao-do-museu-nacional-de-machado-de-castro-goncalo-byrne-arquitectos?ad_medium=gallery. 25

29. Corte do conjunto arquitectónico do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, projecto da autoria do arquiteco Gonçalo Byrne. Fonte: https://www.archdaily.com/622911/projecto-de-remodelacao-e-ampliacao-do-museu-nacional-de-machado-de-castro-goncalo-byrne-arquitectos/55385478e58ece73570000f1-projecto-de-remodelacao-e-ampliacao-do-museu-nacional-de-machado-de-castro-goncalo-byrne-arquitectos-section. 26

30. Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, vista do pátio, projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne. Fotografia de Duccio Malagamba. 26

31. Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, escadas de acesso ao conjunto arquitectónico, projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne. Fotografia de Duccio Malagamba. 26

32. Hong Kong, centro de Tai Kwun de património e arte, vista do quarteirão com os novos edifícios, projecto da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fotografia da autoria de Iwaan Ibaan, 2018. Fonte: https://www.archdaily.com/898980/tai-kwun-centre-for-heritage-and-art-herzog-and-de-meuron. 27

33. Hong Kong, centro de Tai Kwun de património e arte, vista de um dos pátios exteriores, projecto da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fotografia da autoria de Iwaan Ibaan, 2018. 27

34. Hong Kong, centro de Tai Kwun de património e arte, espaço exterior de estar e de passagem coberto (anfiteatro), projecto da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fotografia da autoria de Iwaan Ibaan, 2018. 27

35. Hong Kong, centro de Tai Kwun de património e arte, alçado de um dos edifícios introduzidos, projecto da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fotografia da autoria de Iwaan Ibaan, 2018. 27

36. Paris, Torre Bois Le Prêtre, em 1959, projecto da autoria do arquitecto Raymond Lopez. Fonte: Pavilon de l'Arsenal. 29

37. Paris, Torre Bois Le Prêtre, após a reabilitação, em 1990, fotografia da autoria de Frédéric Druot, Lacaton e Vassal. 29

38. Paris, Torre Bois Le Prêtre, projecto de transformação da autoria dos arquitectos Frédéric Druot, Lacaton e Vassal, 2012. Fotografia da autoria de Philippe Ruault. 29

39. Paris, Torre Bois Le Prêtre, projecto de transformação da autoria dos arquitectos Frédéric Druot, Lacaton e Vassal, 2012, planta com dentificação dos espaços adicionados ao edifício existente. 29

40. Paris, Torre Bois Le Prêtre, projecto de transformação da autoria dos arquitectos Frédéric Druot, Lacaton e Vassal, 2012, vista interior do módulo de jardim de inverno, fotografia da autoria de Frédéric Druot. 29

41. Amarante, Convento de São Gonçalo de Amarante, vista aérea do conjunto arquitectónico, actual Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, projecto da autoria do arquitecto Alcino Soutinho. Fotografia da autoria de Fernando Guerra.Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-156940/faleceu-esta-semana-o-arquiteto-portugues-alcino-soutinho. 30

42. Amarante, Convento de São Gonçalo de Amarante, vista do pátio e do elemento plástico introduzido, actual Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, projecto da autoria do arquitecto Alcino Soutinho. Fotografia da autoria de Fernando Guerra. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-156940/faleceu-esta-semana-o-arquiteto-portugues-alcino-soutinho. 30

43. Tavira, Convento das Bernardas, alçado exterior do convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 31

44. Tavira, Convento das Bernardas, alçado exterior do conjunto arquitetónico, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 31

45. Tavira, Convento das Bernardas, pátio do convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 32

46. Tavira, Convento das Bernardas, pátio do convento (elemento água), projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 32

47. Tavira, Convento das Bernardas, materialidades do pátio do convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 32

48. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 0 de uma habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 32

49. Tavira, Convento das Bernardas, vista interior da habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012. 33

50. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 2 da habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 33

51. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 3 da habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 33

52. Tavira, Convento das Bernardas, vista interior da habitação triplex no convento, no piso 3, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 34

53. Tavira, Convento das Bernardas, corte pela habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 34

54. Tavira, Convento das Bernardas, vista do novo volume, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 35

55. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 0 de uma habitação T2 duplex no novo volume, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 35

56. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 1 de uma habitação T2 duplex no novo volume, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura. 35

57. Fernando Távora, Pousada de Santa Marinha da Costa, Guimarães, Portugal, 1972-1985. Fonte: https://gulbenkian.pt/paris/expositions/expositions-passees/universalistes-50-ans-darchitecture-portugaise/. 37

58. Ortofotomapa da Freguesia da Ajuda, esquema de eixos viários existentes e identificação do antigo Hospital Militar de Belém no centro da imagem. 39

59. Ortofotomapa da Freguesia da Ajuda, esquema de espaços públicos, de edifícios singulares existentes e identificação do antigo Hospital Militar de Belém no centro da imagem. 39

60. Esquema de acessos existentes do antigo Hospital Militar de Belém. Identificação dos edifícios existentes na área de intervenção. 40

61. Projecto de reabilitação no antigo Hospital Militar de Belém, planta da proposta dos edifícios a preservar, remover e a construção a introduzir sobre o conjunto arquitectónico existente. 42

62. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta da proposta de acessos no conjunto arquitectónico. 42

63. Antigo Hospital Militar de Belém, vista do alçado nascente do conjunto arquitectónico a intervir. 44

64. Antigo Hospital Militar de Belém, vista do alçado sul do conjunto arquitectónico a intervir. 44

65. Antigo Hospital Militar de Belém, vista do alçado norte do conjunto arquitectónico a intervir. 44

66. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso da varanda embutida do quarto dos estudantes, pela autora 2020. 45

67. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso da varanda projectada do quarto dos estudantes, pela autora 2020. 45

68. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso da varanda de sacada do quarto dos estudantes, pela autora 2020. 45

69. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo volumétrico da cobertura e da estrutura do claustro do convento, pela autora 2020. 45

70. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo de sombras da cobertura e da estrutura do claustro do convento, pela autora 2020. 45

71. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo volumétrico das habitações T2 no convento, pela autora 2020. 46

72. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo das aberturas no lanternim das habitações T2 no convento, pela autora 2020. 46

73. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta de implantação com a identificação das alas do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora da Ajuda: 1 - ala norte; 2 - ala nascente; 3 - ala sul; 4 - ala poente. Proposta de acessos pedonais e acessos verticais no Convento. 47

74. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso térreo do Convento à cota 42.85. 48

75. Lisboa, antigo Hospital Militar de Belém, fotografia da entrada exterior do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia da autora 2018. 49

76. Lisboa, antigo Hospital Militar de Belém, espaço interior da entrada principal do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia da autora 2018. 49

77. Lisboa, antigo Hospital Militar de Belém, vista para o corredor da ala sul a partir do patamar da entrada principal do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia da autora 2018. 49

78. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo da luz na entrada principal proposta para o Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, pela autora 2020. 49

79. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso 1 do Convento à cota 46.15. 50

80. Lisboa, antigo Hospital Militar de Belém, vista do corredor da ala sul do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia da autora 2018. 51

81. Lisboa, antigo Hospital Militar de Belém, corredor da ala nascente do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, com vista para a porta de entrada da biblioteca proposta no projecto de reabilitação na presente dissertação, fotografia da autora 2018. 51

82. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do corredor na ala nascente, com vista para a porta de entrada da biblioteca, introdução de elementos no tecto com a mesma curvatura dos arcos estruturais existentes, pela autora 2020. 51

83. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, corte BB'. 52

84. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, corte DD'. 53

85. Lisboa, Casa em Paço de Arcos, projecto da autoria do arquitecto Jorge Mealha (2010). Fonte: https://www.archdaily.com/81632/house-in-paco-de-arcos-jorge-mealha/5012b22028ba0d147d0004d1-house-in-paco-de-arcos-jorge-mealha-image. 54

86. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo das sombras na galeria do claustro no piso 2 do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, pela autora 2020. 54

87. Bélgica, Holsbeek, Crematório Hofheide, da autoria dos arquitectos RCR, 2014. Fotografia de Tim Van de Velde. Fonte: https://divisare.com/projects/338979-rcr-arquitectes-coussee-goris-architecten-tim-van-de-velde-crematorium-hofheide. 55

88. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo da luz e do ambiente do claustro no piso 1 do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, pela autora 2020. 55

89. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso 2 do Convento à cota 50.70 e do piso térreo da Residência de estudantes à cota 51.00. 56

90. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, maqueta de estudo da volumetria do espaço interior da habitação T2 no Convento, pela autora 2020. 57

91. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, maqueta de estudo da luz no espaço interior da habitação T2 no Convento, pela autora 2020. 57

92. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, maqueta de estudo da luz artificial no interior da habitação T2 no Convento, pela autora 2020. 58

93. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, maqueta de estudo, pela autora 2020. 58

94. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo da luz nos lofts com uma janela, pela autora 2020. 58

95. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo da luz nos lofts com duas janelas, pela autora 2020. 58

96. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional da proposta de cobertura do Convento, pela autora 2020. 59

97. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo das sombras da proposta de cobertura do Convento, pela autora 2020. 59

98. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquissos de diferentes combinações geométricas dos lanternins das habitações para a proposta de cobertura do Convento, pela autora 2020. 59

99. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso 3 do Convento à cota 55.48 e do piso 1 da Residência de estudantes à cota 55.30. 60

100. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso 4 do Convento à cota 58.40 e do piso 2 da Residência de estudantes à cota 58.87. 62

101. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta parcial do piso 2,3,4 e 5 da residência de estudantes. 63

102. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, alçado sul. 64

103. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, corte CC'. 65

104. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do espaço público coberto pela Residência de estudantes, pela autora 2020. 66

105. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso de uma hipótese para o espaço público da praça à cota 43.00, pela autora 2020. 66

106. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do espaço público da praça à cota 43.00, pela autora 2020. 66

107. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta de cobertura do Convento e do piso 6 da Residência de estudantes à cota 73.15. 67

JOVENS HABITAM A AJUDA

Nos dias de hoje, os estudantes deslocados enfrentam uma triste realidade na cidade de Lisboa, nomeadamente, o desafio de encontrar uma cama e um tecto que os aceite, durante os anos em que investem na sua formação e educação superior. Actualmente, em Lisboa 12% dos alunos matriculados são deslocados, a cidade dispõe 4393 camas, no entanto são necessárias mais de 10 000. Resolver esta situação, numa cidade densificada como Lisboa torna-se complexo, mas existem vários edifícios desativados, com a possibilidade de perspectivas de futuro, distribuídos pela cidade, no entanto, sem investidores que lhes concedam a oportunidade de renascer e continuar a cumprir o seu propósito, o de serem habitados.

Para estas estruturas esquecidas, parece que apenas existem duas possíveis opções, demolir ou reutilizar. Estas decisões tem de ser ponderadas e, face às exigências ambientais e limitação de recursos, contudo a opção é facilitada quando nos deparamos com edifícios devolutos, que possuem uma estrutura que assegura a sua longevidade, uma forma flexível, com potencial de ser adaptada para outra função, com raízes no tempo e na memória da cidade e, que pode satisfazer as necessidades contemporâneas.

Para colmatar estas linhas de pensamentos, considerou-se um eventual protagonista para este cenário, no coração da freguesia da Ajuda, o antigo Hospital Militar de Belém, classificado como património militar. Este edifício encontra-se actualmente desativado, implantado num bairro maioritariamente residencial e com uma elevada densidade de população envelhecida, sendo no entanto, numa das zonas mais movimentadas do bairro, no Largo da Boa Hora à Ajuda, devido à concentração de serviços e acessibilidades. Esta estrutura edificada encontra-se próximo de cinco instituições de ensino superior, de diversos equipamentos vocacionados para actividades culturais, e em proximidade com a natureza no alto de Monsanto, desfrutando de uma vista panorâmica sobre o rio Tejo. O conjunto construído do Hospital é composto por dois edifícios, um antigo convento, considerado monumento de interesse público, e um edifício dos anos setenta com influências do movimento moderno, ambos com potencial e condições favoráveis para a apropriação e reinvenção de uma nova finalidade. Por este e, por todos os outros motivos referidos anteriormente, este conjunto de edifícios foi escolhido para a intervenção e, consequentemente desenvolver uma residência de estudantes no âmbito do presente projecto final de mestrado.

Investir nos estudantes de hoje, é estimar o futuro da sociedade.

1. INTRODUÇÃO

1.1. TEMA

O presente trabalho visa o desenvolvimento da proposta de projecto realizada no âmbito da unidade curricular de Laboratório de Projecto VI, com o tema "Construir no (e com o) Construído". Este tema apela à reflexão sobre as estratégias de intervenção sobre estruturas do património militar, com o objectivo de reconfiguração, reaproveitamento ou a melhoria do programa destes edifícios e proporcionar novas narrativas à cidade contemporânea.

> *"Toda nueva arquitectura queda incardinada en la forma organizada de la ciudad, se bien apresenta una dimensión crítica al establecerse una relación dialéctica entre nueva construcción y forma histórica construida*." (Garcia, 2001, 29)

A área em estudo concentra-se desde do alto da encosta da Ajuda e estende-se até à Trafaria, na margem sul do rio Tejo, pois esta zona apresenta várias estruturas militares devido ao enquadramento com o rio, à proximidade com a periferia da cidade de Lisboa e ao encontro com as águas atlânticas.

A proposta de projecto visa a reabilitação[1] do antigo Hospital Militar de Belém para habitação e a requalificação/regeneração do tecido urbano. O antigo Hospital é composto por vários edifícios, de diversas épocas, sendo um deles considerado património de interesse público, mais precisamente, o antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora[2]. O programa de habitação tem como público alvo a geração mais jovem, nomeadamente, residentes da cidade e estudantes. A proposta foca-se também na melhoria das acessibilidades da zona, através de novos percursos, espaços públicos e a criação de um parque de estacionamento.

O realojamento de novos habitantes na zona visa satisfazer as necessidades de habitação deste grupo etário, assim como também, promover a revitalização do bairro.

A estratégia de intervenção pretende a criar um novo lugar, respeitando as memórias[3], as edificações pré-existentes, a topografia e, a vida social e económica. Com o intuito de estabelecer um diálogo harmonioso entre os edifícios a reabilitar, assim como, redesenhar espaços exteriores e interiores, de modo a proporcionar novas experiências e ambientes.

---

[1] Relativamente à definição de reabilitação, António Nunes Pereira sintetiza este conceito da seguinte forma: "Uma acção de reabilitação consiste em devolver a um edifício ou conjunto urbano ou rural a sua capacidade e ser utilizável, ou seja, de o tornar habilitado a funcionar novamente." Em revista *Jornal de Arquitectos*, nº 213, p. 27.

[2] Convento construído no ano 1758.

[3] Relativamente à definição de memória, Bernardo d'Orey Manoel (2012) descreve este conceito da seguinte maneira: "A Memória é uma imanência do universo, na medida em que a natureza é a casa que o homem habita. É o mundo da vivência profunda. É a partilha da intimidade entre os homens que, mutuamente, se reconhecem como participantes da mesma aventura. É o mundo humano. É a capacidade de escolher e relacionar as diferentes dimensões no interior do mistério do sentir. Não é a simples recordação. É a história viva que descobre em si mesma o seu próprio sentido. A memória é um conjunto de inscrições que por instituição mantém no presente as vidas passadas. As obras de arquitectura são, também elas, uma inscrição que cristaliza um novo tempo e um novo espaço." Em *Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Lisboa, Universidade Lusíada Editora, p. 25.

> *"Mas a Arquitectura da cidade é uma história viva. Mais, é a Arquitectura como fiel reflexo do seu tempo que verdadeiramente constrói a História das cidades. (...) Lisboa é tanto Pombal como Siza. Para um arquitecto, a Memória é absolutamente imprescindível. Como a arca do tesouro de onde se retira permanentemente material para se utilizar de maneira adequada. Para extrair dali as melhores essências e para continuar a tentar guardar tesouros na arca. (...) Uma memória que, longe de nos prender ao passado, nele se apoia e insta o arquitecto a elevar-se e a voar para o futuro."* (Baeza, 2013: pp. 47- 48).

A decisão de reconversão do antigo hospital procura promover uma atitude sustentável face ao paradigma entre a construção nova e a reutilização de edifícios. Neste caso, verifica-se o reaproveitamento de dois edifícios devolutos, com condições estruturais capazes de garantir a sua durabilidade, o seu carácter resiliente e compatível com o programa a introduzir.

O trabalho procura refletir sobre as novas estratégias de intervir na cidade, com e sobre as realidades construídas e, o tempo ainda por construir.

> *"En un irreversible compromiso con la actualidad ello supone rehabilitarlos y conservalos, pero ante todo solucionar la continuidad entre lo viejo histórico y lo nuevo por edificar."* (Garcia, 2001: p. 62)

1.2. OBJECTIVOS

O projecto visa a reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém e a sua reutilização[4] para habitação.

Como tal, foi necessário definir premissas que suportam a proposta de projecto:

- A requalificação do tecido urbano através da solução arquitectónica e paisagista.

- A permeabilidade do lote no quarteirão, com a introdução de novos acessos que facilitem os percursos pedonais e espaços verdes no interior e exterior da cerca.

- A reabilitação do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora e do Edifício Hospitalar, enquanto uma oportunidade de viabilizar a continuidade da cidade.

- A revitalização do bairro a partir da reutilização da estrutura existente com um novo programa, que visa proporcionar benefícios sociais, económicos e a criação de novas oportunidades para serviços e comércio local.

[4] Citação referente à acção de intervenção de re(uso) em arquitectura: "A introdução de novas actividades não deve comprometer a sobrevivência das actividades tradicionais e de tudo o que apoie a vida quotidiana dos habitantes. (...) Antes de introduzir uma nova actividade, é necessário considerar o número de utilizadores envolvidos, a duração da utilização, a compatibilidade com outras actividades existentes e o impacto sobre as práticas tradicionais locais. Essas novas funções também devem satisfazer a necessidade de um desenvolvimento sustentável, em linha com o conceito de cidade histórica como ecossistema único e insubstituível." Em Barranha, Helena. (2016) *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. (Ebook) Lisboa, IST Press e ICOSMOS-PORTUGAL, p. 94.

- Adicionar uma residência para estudantes no bairro da Ajuda, devido à proximidade com algumas instituições de ensino e, satisfazer a necessidade de alojamento estudantil em Lisboa.

- Explorar estratégias de intervenção adequadas que proporcionem uma nova imagem do edifício hospitalar, esteticamente plausível e contemporânea.

- Promover a diversidade social através de um programa variado para residentes e não residentes, com a proposta de unidades de habitação, zonas de lazer, de restauração e espaços verdes.

- Estudar hipóteses de adaptabilidade e variedade dos espaços, em particular das unidades de habitação (para potenciais unidades de alojamento local em época de baixa ocupação das habitações por parte de estudantes).

- Proporcionar um novo ponto de vista sobre a cidade de Lisboa e envolvente, com a introdução de um restaurante no último piso do edifício mais alto do conjunto arquitectónico.



1. Ortofotomapa de Lisboa. Freguesia da Ajuda, identificação da área de intervenção do projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém.



2. Ortofotomapa de parte da Freguesia da Ajuda em Lisboa, identificação da área de implantação do projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém.



3. Ortofotomapa de Lisboa. Identificação do antigo Hospital Militar de Belém, objecto de intervenção do projecto de reabilitação da presente dissertação.

1.3. ESTRUTURA

A investigação desenvolvida na presente dissertação surge da articulação entre uma componente teórica e de uma proposta de projecto de arquitectura, onde ambas as partes se suportam e complementam, constituído por cinco capítulos.

Na "Introdução" propõem-se uma breve explicação do tema, a identificação dos objectivos propostos, a estruturação do documento e a metodologia utilizada no trabalho.

O segundo capítulo apresenta o enquadramento histórico da cidade de Lisboa, a evolução da Freguesia da Ajuda, a história do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora e a sua evolução até aos dias de hoje.

O terceiro capítulo aborda o tema reabilitação, com o objectivo de identificar diferentes processos de intervenção em edifícios e conjuntos urbanos existentes, tendo como pressuposto o estudo de casos e análise de estratégias que permitiram a longevidade das estruturas e a criação de novos ambientes, com o objectivo de valorizar a identidade e continuidade da narrativa da cidade.

O quarto capítulo é constituído pela análise do lugar em que o antigo hospital se implanta, pelos conceitos que conduziram esta investigação e, pela memória descritiva da proposta arquitectónica desenvolvida.

Seguidamente, o documento apresenta as peças gráficas da proposta de projecto de arquitectura.

No final, apresenta as Considerações Finais, seguido da Bibliografia associada e Anexos necessários.

1.4. METODOLOGIA

Para uma melhor abordagem e comunicação do trabalho, foi necessário definir uma estratégia de investigação, com base na recolha e análise de informação do lugar, interpretação e cruzamento dessa informação e, aplicação dos conhecimentos adquiridos. O documento pretende evidenciar a correlação entre a componente teórica e a prática do projecto.

Neste âmbito, procede-se a recolha e organização de informação sobre da área de estudo e, análise do conjunto arquitectónico a intervir. Para esse efeito, realizaram-se visitas frequentes ao local, para observar e captar as vivências e cultura do bairro da Ajuda, acompanhado de registos fotográficos, gráficos e recolha de informação histórica.

Após a interpretação e seleção de informação relevante adquirida, realiza-se a pesquisa sobre os temas a abordar, com o estudo e análise de casos de referência. Em paralelo com a investigação de fontes inspiração, desenvolveram-se hipóteses e decisões para a proposta de projecto, a nível gráfico e tridimensional. Para um melhor entendimento sobre o público alvo, procedeu-se à realização de inquéritos[5] à população local do bairro, bem como, uma análise sobre as necessidades contemporâneas das gerações jovens.

Na fase final, sucede-se a comunicação do projecto, através do documento escrito, fundamentado com fontes bibliográficas e, a elaboração dos desenhos técnicos, maquetas tridimensionais necessárias para a compreensão da proposta de projecto final de mestrado.

[5] Conversas informais realizadas com os habitantes do bairro da Ajuda, em Lisboa, com o objectivo de recolher informação relevante.

2. EVOLUÇÃO DA CIDADE, FREGUESIA, CONVENTO

2.1. LISBOA

Foi no alto de uma colina que nasceu a cidade junto ao Tejo, com um olhar que alcança desde Sintra até Setúbal, a cidade menina, que hoje, já é adulta. Ao longo da história, foi alvo de inúmeras ocupações, de diversos povos, de sucessivas transformações morfológicas, urbanas e culturais, heranças dos tempos que deram forma à actual cidade das sete colinas.



4. Planta de Lisboa, desaparecida, autoria de João Nunes Tinoco, 1650. Redesenhada uma cópia em 1850, a pedido do general Eusébio Pinheiro Furtado para oferecer à Câmara Municipal de Lisboa.



5. "O Cortejo de Entrada em Lisboa de Monsenhor Giorgio Cornaro, em 1693", século XVII. Pintura; 1090 x 2390 cm. Lisboa, Museu Nacional dos Coches.

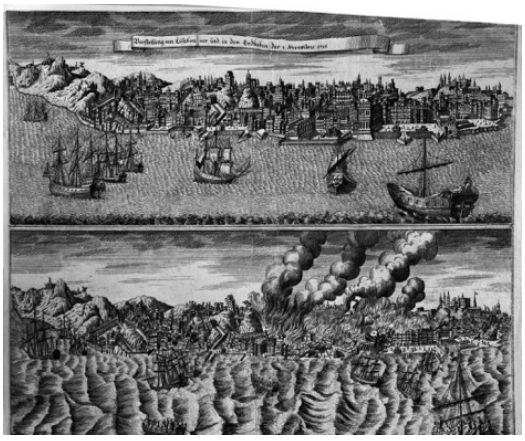
O território tem registos de ocupação desde o período paleolítico, com a instalação do povo Fenício, na actual colina do Castelo, no século III a.c. A situação estratégica da colina, como um ponto alto para vigia e defesa e, a aproximação com o rio Tejo, impulsionaram a urbanização e a actividade comercial marítima (Salgado, 2006).

Mais tarde, sob a influência romana, observou-se o crescimento urbano e a organização da cidade orgânica, através da introdução de redes viárias e definição do perímetro da cidade, com a construção da primeira cerca. Nos séculos seguintes, verifica-se o desenvolvimento de Lisboa extra-muros e em várias direcções. Exemplo disso, foi a expansão das estruturas religiosas, *"Os mosteiros precisavam de muito espaço, vão "funcionar" como pólos de urbanização e ocupação populacional, pois os frades tinham a "iniciativa" de arruarem vastos lotes dos seus terrenos, criando novas áreas urbanas."* (Salgado, 2006), assim com, também, se converteram em novos lugares de encontro dos cidadãos. Esta situação motivou a construção de novos limites da cidade, com a cerca nova[6], no ano 1372.

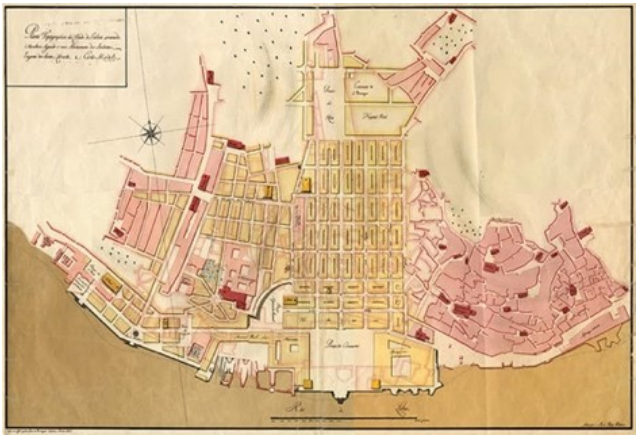
No final do século XV, a expansão já não era feita apenas em terra, mas também por mar. No dia que deu origem à palavra "saudade", preparavam-se as caravelas que iriam sair da praia de Belém, com destino à Índia e à conquista de novos horizontes para além do oceano atlântico.

[6] Cerca Fernandina, construída sob o reinado de D.Fernando I de Portugal (1345-1383).

Este acontecimento, “Os Descobrimentos”, elevaram a condição financeira e económica do país, o que gerou intervenções urbanísticas importantes em Lisboa, nomeadamente, a Casa da Índia, para fins administrativos e comércio, o Paço da Ribeira e a praça do Terreiro do Paço.



6. “Lisboa antes e depois do Terramoto de 1755, gravura”, 1965, Armando Maia Serôdio. Fonte: Arquivo fotográfico de C.M.L.



7. Planta de reconstrução da Baixa Pombalina, sobreposição das áreas afectadas pelo terramoto de 1755 e do novo projecto de reconstrução da autoria dos arquitectos Eugénio dos Santos Carvalho e Carlos Mardel / João Pedro Ribeiro, 1758. Lisboa, Museu de Lisboa.

Esta situação de estabilidade prolongou-se até ao dia negro da cidade, o terramoto no dia 1 de Novembro de 1755. O episódio avassalador deixou Lisboa em ruínas, onde se perderam memórias de uma nação, almas lusitanas, e poucas estruturas sobreviveram. O Palácio Real, hospitais e grandes igrejas foram destruídas, porém ainda é possível visitar testemunhos desses dias, como o Convento do Carmo e a Igreja de São Vicente de Fora.

Após o terramoto, sucede-se a expansão da cidade, população em busca de segurança e de uma nova morada em direcção a poente e arrabaldes de Lisboa. Esta situação, obrigou a família real e a corte a instalarem-se no Alto da Ajuda, em 1756, na “Real Barraca” de madeira. Nesta altura, a colina da Ajuda vai ser refúgio para muitos e alvo de várias transformações urbanas, sob influência da nova morada real (Rosa, 2006).

Por outro lado, inicia-se a reconstrução moderna das zonas afectadas, segundo novos ideais Iluministas e novos sistemas construtivos anti-sísmicos, sobre como viver a cidade, nova imagem da cidade e fortalecer a relação com o rio. Assim nasce a Casa Risco[7], encarregue da renovação da cidade, com destaque para a emblemática Baixa pombalina, onde são aplicados novos sistemas construtivos antissísmicos, como medida de prevenção e segurança, com o plano aprovado em 1758.

Em seguida, assiste-se a um período de construção eufórico, fruto da revolução industrial, aparecem novas infraestruturas, que alteram a mobilidade da cidade, surgem novas filosofias sobre a relação do habitante e a

[7] Gabinete de Obras Públicas constituído por engenheiros militares, nomeadamente: Marquês de Pombal, Manuel da maia, Eugénio Carvalho dos Santos, Carlos Mardel.

cidade, como a introdução da natureza. Hoje, é possível ler a anatomia da cidade, consequência dependente da evolução tecnológica e da evolução das necessidades da sociedade.



8. Fotografia aérea abrangendo a avenida da Liberdade, parque Eduardo VII, Penitenciária,1953, Abreu Nunes. Fonte: Arquivo fotográfico de C.M.L.

2.2. FREGUESIA DA AJUDA

O território onde se encontra actualmente a Freguesia da Ajuda, tem registos de ocupação desde da idade média, nos séculos XIV e XV, quando fazia parte do reguengo de D.João I, que abrangia as zonas desde de Alcântara até Algés (Silva, 1987).

Contudo, só no século XVI, se verifica a ocupação desta área, com a ocupação de estruturas de apoio ao comércio marítimo e construção naval, associadas aos navegadores que descobriram a Índia, assim como a construção do emblemático Mosteiro dos Jerónimos, em 1502, em honra do serviço de Vasco da Gama.

Ao longo dos tempos, muitas povoações iniciaram-se com histórias do povo, por falta de documentos e registos, e a freguesia da Ajuda não foge à regra. Reza a lenda, que dois pastores encontraram a caminho do alto de Monsanto, dentro de uma gruta, a figura da Virgem com o menino nos seus braços. Esta aparição gerou inúmeras visitas ao local para ver e adorar, que mais tarde deu origem à construção da ermida de Nossa Senhora da Ajuda.

Exemplo disso, eram as romarias frequentes de D.Catarina à ermida, mulher de D.João III, que incentivaram à ocupação da propriedade, com quintas de nobres e casas serviçais. A data da construção da ermida não é conhecida, mas existem registos no ano 1551, onde é citada como ermida anexa à Sé.

> *"A ermida de Nossa Senhora da Ajuda he anexa aa sé estaa fora dos muros, tem hum capellão que tem d'ordenado do cabido com as mais esmolas e benesses cem cruzados."* (Oliveira, 1938)

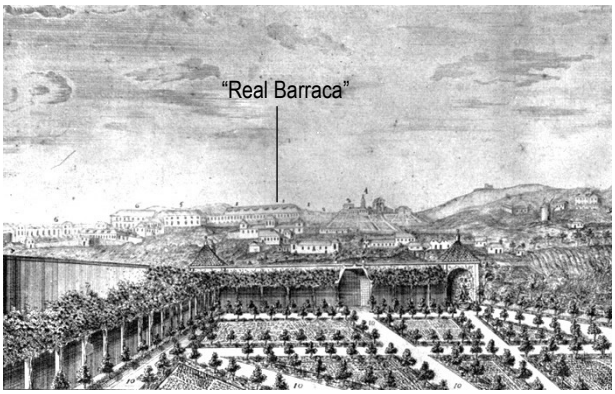
Após estas ocupações, em 1645, sucedeu-se a de D. João IV, deslumbrado pela aprazibilidade da encosta e da natureza diversificada, ordena a criação da "Tapada Real de Alcântara", para usufruto da família real e retiro de caça (Rosa, 2006).

Mais tarde, assiste-se à instalação das primeiras estruturas militares na zona, para completar o sistema defensivo do território e, permitir maior controlo da entrada da cidade de Lisboa.

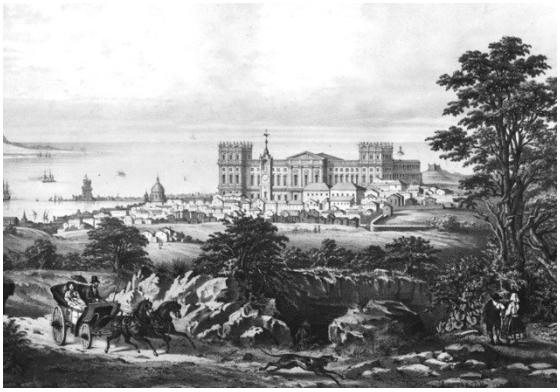
Posteriormente, o rei D.João V, "(..) descobriu e se cativou do Alto da Ajuda, talvez deslumbrado com a vista sobre o Tejo, largo, sereno e azul, uma vista que enche os olhos e arrebata quem, cá do alto, a disfruta pela primeira vez."(Silva, 1987, 53-54) e resolve desenvolver e ocupar a zona da Ajuda por completo, através de um plano urbanístico megalómano. Para esse efeito, a partir de 1726 iniciou-se a aquisição de várias quintas e propriedades na área. O plano visava um eixo de ligação entre Belém e o Alto da Ajuda, "um cais monumental parar passeios fluviais", a alargamento dos serviços do Palácio de Belém e, a construção de um quartel para controlar a acesso à cidade. No entanto este plano não foi concluído, por falta de riqueza após as invasões francesas. Segue-se um período instável para Portugal, com o terramoto avassalador no dia 1 de Novembro de 1755.

No dia seguinte ao flagelo, o rei D.José I e a corte real, com receio e inseguranças, instalaram-se no Alto da Ajuda, na "Real Barraca" de madeira. Nesta fase, parte da população realojou-se nos arrabaldes da cidade que não tinham sido afectados pelo desastre. Testemunho disso, é a ocupação da colina da Ajuda, com a nova morada real, quintas de fidalgos, casas de artífices e serviçais de apoio à casa real. Devido ao crescimento urbano desta zona, a freguesia da Ajuda integrou-se no concelho de Lisboa, em 1762. Anos mais tarde, em 1794, o Paço real sofre um incêndio, e é substituído pelo novo Paço Real de Nossa Senhora da Ajuda, em pedra e cal, no mesmo lugar onde ardeu a anterior. Seguidamente, a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, nomeada sede patriarcal, é demolida em 1843, mas a Torre do Galo, integrada na igreja, subsiste aos dias de hoje.

A presença do Paço Real influenciou bastante o desenvolvimento da zona da freguesia da Ajuda, mas em 1910, com a queda da monarquia, a moradia real é destituída e nomeada de monumento nacional, o actual Palácio Nacional da Ajuda.

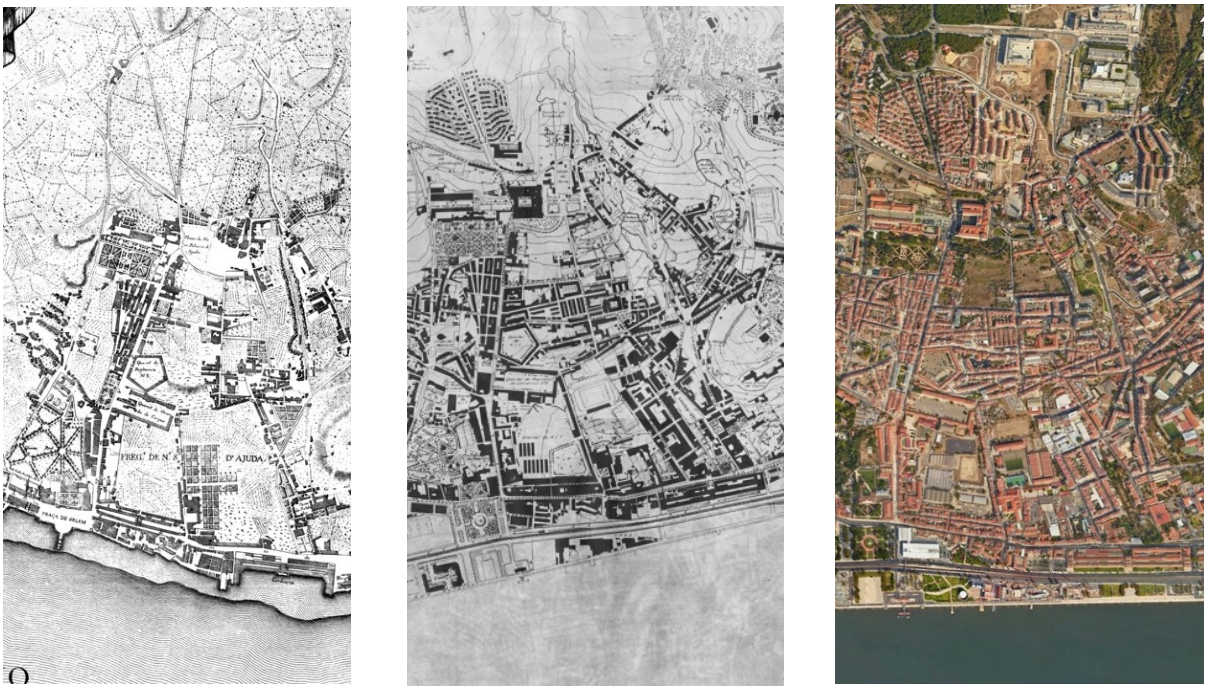


9. Panorâmica do Bairro da Ajuda, vista para a "Real Barraca da Ajuda" do jardim quinta do Principal Lázaro Leitão, século XVIII. Gravura da autoria de B.R. Bourdet. Fonte: Arquivo fotográfico de C.M.L.



10. Vista para o Paço Real de Nossa Senhora da Ajuda, Torre do Galo, cúpula do Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, Farol do Bugio e Forte do Alto do Duque.

Devido a esta situação, a freguesia foi esquecida, apresentando fortes descontinuidade e fragilidades a nível da linguagem arquitectónica e uma relação desproporcional entre espaço construído e o não construído. Por outro lado, é possível encontrar edifícios e situações singulares, como palácios, jardins, quartéis e igrejas, e pátios que se destacam na malha urbana e contam a história da colina. Hoje em dia, é possível encontrar edifícios e situações singulares, como palácios, jardins, quartéis e igrejas, que se destacam na malha urbana e contam a história da colina.



11. Cartografia histórica de Lisboa, da zona da actual freguesia da Ajuda por ordem cronológica, da esquerda para a direita: 1826 - 1950 - 2018.

2.3. CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA BOA HORA

Os conventos identificam-se como edifícios para albergar comunidades religiosas, masculinas ou femininas, de uma determinada ordem religiosa, que surgem em Portugal fora das cidades. Convento tem origem na palavra latim "*conventu*", associado ao termo reunião, que tem como objectivo de exercer a vida em clausura. A arquitectura destas instituições caracteriza-se pela lógica de espaços necessários de uma vida religiosa em comunidade e ao culto de amar e servir a Deus.

> *"Quer como pólos dinâmicos, quer como barreiras, os conventos, pela sua escala, constituem sempre espaços a um tempo rígidos- na medida em que marcam fortemente as malhas, não sendo fácil alterar as dimensões e até o edificado – e flexíveis, pois permitem vários usos, em sucessão temporal ou em simultâneo através de segmentação."* (Gaspar, 2001, pp. 89-90)

Estes edifícios são constituídos, normalmente, por dois pisos, com uma distribuição dos espaços aliada às actividades exercidas, em que o piso térreo continha o espaço da igreja conventual, com um coro baixo, a sacristia, casa da roda, o jardim, o refeitório, a cozinha, a casa do capítulo, um claustro grande e um pequeno. Ao passo que, no piso superior posiciona-se o coro alto, no interior da igreja, a casa do mirante e as celas individuais para os frades residentes, enquanto o terreno envolvente servia para o cultivo e sustento próprio e a cerca, que delimita a propriedade.

A cidade de Lisboa possuiu um forte legado religioso, sendo o seu espaço urbano preenchido por oitenta e oito conventos, distribuídos por quase todas as freguesias, no entanto, após o terramoto de 1755, alguns desses edifícios foram destruídos totalmente ou parcialmente e, consequentemente, as suas comunidades tiveram de ser realojadas.

Exemplo deste acontecimento, foi a Ordem dos Agostinhos Descalços, que residia no Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, na Rua Nova do Almada, que ficou em ruínas e, obrigou a comunidade de frades a deslocarem-se para a zona da Ajuda em 1756 (Silva,1987).

Assim, iniciam-se as obras do convento de Nossa Senhora da Boa Hora, na Freguesia da Ajuda, com uma igreja anexa e um terreno cercado, na parte detrás no edifício, em direcção ao Alto da Ajuda, terminando no ano de 1758.

Anos mais tarde, com a vitória do liberalismo em 1834, sucede-se a extinção das ordens religiosas e a apropriação dos conventos por parte dos militares, com exceção dos conventos de freiras, que só foram ocupados após a morte da última religiosa (Caeiro,1989).

Mais tarde, alguns destes edifícios sofreram novas configurações de vários tipos, desde de espaços para habitar (residências privadas, hotéis), espaços para produção industrial (fábricas), espaços de serviços públicos (hospitais, escolas) ou espaços públicos livres (mercados, praças) (Gaspar, 2001).

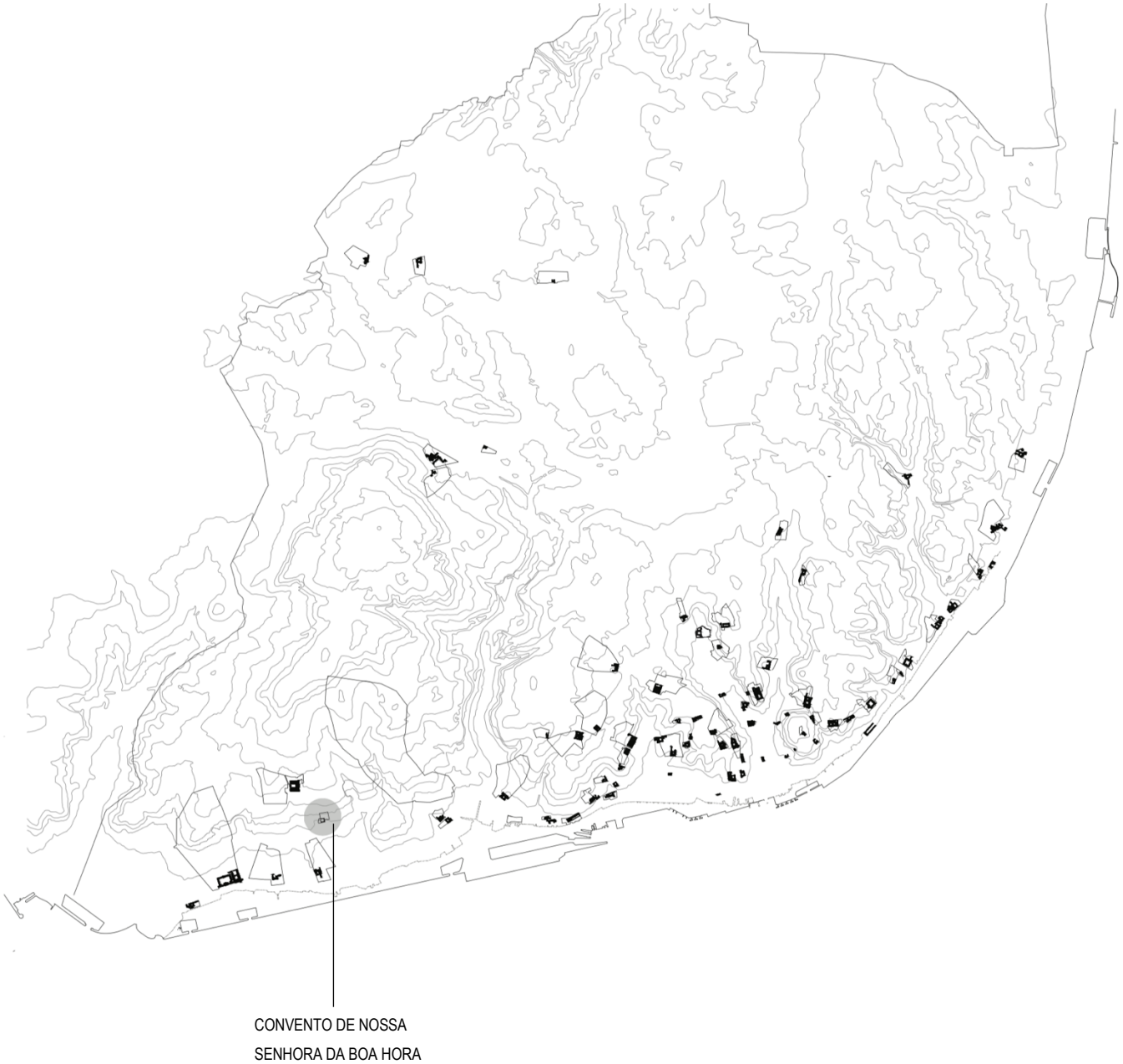
O convento de Nossa Senhora da Boa Hora não foi exceção, sendo adaptado para um quartel militar, ao passo que, a igreja foi desanexada do convento e, convertida na nova sede paroquial, e assim, abriu portas ao público. No entanto, o terreno é avaliado e repartido, sendo a zona poente à Igreja arrendada à Fazenda Nacional, e a zona nascente atribuída aos militares.

Esta situação, gerou desenvolvimentos urbanos diferentes, pois a cerca que desenhava o quarteirão inteiro, agora constitui um dos lotes do quarteirão.

Seguidamente, em 1892, o convento é transformado no Hospital Militar de Belém (Caeiro,1989), e acrescenta três enfermarias no norte do território em 1911. Mais tarde, com o objectivo de aumentar a capacidade do serviço hospitalar, em 1972, as enfermarias foram substituídas por um novo edifício de sete andares.

Entretanto, em 2013, com a criação do novo polo Hospitalar das Forças Armadas, o Hospital Militar de Belém é desativado, e assim permanece até aos dias de hoje.

O complexo arquitectónico pertence ao património militar, estando o convento e a igreja identificados como Monumentos de Interesse Público.



12. Conventos de Lisboa. Fonte: Aguiar, José; Pacheco, Pedro. (2013) "Santa Marta, Convento e Cerca, Heterotopia, Memória e Cidade". Lisboa, Fault, Livro Digital.



13. Evolução morfotipológica por ordem cronológica da esquerda para a direita: 1911 - 1940-50 - 2018.

Nos dias de hoje, o antigo convento de Nossa Senhora da Boa Hora, originalmente, com dois pisos inteiros, mais um piso reduzido, subterrado em parte, na ala sul. Foi contudo, após a ocupação militar, adicionado mais um piso na ala norte, assim como, um novo claustro, em forma de "L", em betão, com umas escadas exteriores.

Mais tarde, parte deste claustro foi convertido em salas interiores, acabando por desfigurar a dimensão formal, espacial e vivencial existente.



14. Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, edifício integrante do antigo Hospital Militar de Belém, alçado sul do pátio, fotografia da autora 2018.



15. Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, edifício integrante do antigo Hospital Militar de Belém, alçado sul e poente do pátio, fotografia da autora 2018.



16. Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, edifício integrante do antigo Hospital Militar de Belém, alçado poente e norte do pátio, fotografia da autora 2018.

Actualmente, o pátio contem várias espécies de vegetação, destacando-se uma araucária, de grande dimensão, no seu centro.

No interior, ao nível do piso térreo, existem elementos arquitectónicos de valor patrimonial, como arcos em pedra, azulejos, pavimentos, entre outras. No entanto, após a sua conversão num hospital, especula-se, que os pisos superiores foram reconfigurados de acordo com as funções a desempenhar, não tendo sido identificado qualquer elemento digno de preservar.

O piso térreo do antigo convento implanta-se na cota mais baixa do terreno (cota 42.00), sendo o acesso principal realizado a partir desta cota, através do Largo da Boa-Hora à Ajuda, através de umas escadas exteriores, que ligam com a cota 46.10, que define o primeiro piso, no qual estabelece ligação directa ao pátio exterior.



17. Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora e o antigo Hospital Militar de Belém, Largo da Boa Hora à Ajuda, fotografia pela autora 2018.



18. Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora e o antigo Hospital Militar de Belém, Largo da Boa Hora à Ajuda, alçado sul do objecto de intervenção, fotografia pela autora 2018.



19. Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora e o antigo Hospital Militar de Belém, Largo da Boa Hora à Ajuda, alçado sul e nascente do objecto de intervenção, fotografia pela autora 2018.

O edifício Hospitalar existente, em termos formais e compositivos revela influências do movimento moderno, possuído formalmente uma figura paralelepipédica, com seis pisos, composto em altura por seis pisos e volumes em consola apoiadas nos pilares. Este edifício encontra-se implantando na zona mais alta do terreno objecto da presente intervenção, à cota 51.00.

Ambos os edifícios são ligados fisicamente por dois corredores, que interligam o segundo piso do convento ao piso térreo do hospital. No terreno envolvente entre estas edificações, existe um pavimento maioritariamente alcatroado utilizado como parque de estacionamento, tendo um acesso pedonal e um acesso para veículos. A esta cota existe também alguma vegetação arbórea, com destaque para uma árvore de grande porte.



20. Antigo Hospital Militar de Belém, alçado sul do edifício hospitalar construído em 1972, fotografia pela autora 2020.



21. Antigo Hospital Militar de Belém, alçado norte do edifício hospitalar construído em 1972, fotografia pela autora 2020.

3. REABILITAR A CIDADE

3.1. REABILITAÇÃO E PATRIMÓNIO

A cidade nasce como um território que abriga um vasto conjunto de pessoas, edifícios e vazios, com o objectivo de satisfazer as necessidades básicas e não básicas dos seus utilizadores e visitantes. Para responder a estas premissas, as cidades encontram-se em constante transformação formal, espacial, vivencial e visual.

> *" Ao descrever uma cidade ocupamo-nos principalmente da sua forma; esta forma é um dado concreto que se refere a uma experiência concreta: Atenas, Roma, Paris. Esta forma resume-se na arquitectura da cidade e é a partir desta arquitectura que me irei ocupar dos problemas da cidade. Ora, por arquitectura da cidade podem entender-se dois aspectos diferentes: no primeiro caso é possível assemelhar a cidade a um grande manufacto, uma obra de engenharia e de arquitectura, maior ou menor, mais ou menos complexa, que cresce no tempo; no segundo caso, podemos referir-nos a áreas mais delimitadas de toda a cidade, a factos urbanos caracterizados por uma arquitectura própria e, portanto, por uma forma própria."* (Rossi, 2018: p. 39)

O cenário de hoje torna-se o passado do amanhã. Parte da cultura conserva-se, as necessidades alteram-se e, as formas para além de coexistirem, justapõem-se e, por vezes, até desaparecem (Calvino, 2018: p. 45).

Esta realidade afecta vários campos, uma vez que o progresso atingiu uma velocidade difícil de acompanhar, contudo, a arquitectura não foi concebida para parar no tempo ou correr atrás do tempo, mas antes para cumprir o seu tempo.

Para tal, foram desenvolvidas teorias e estratégias que permitissem a durabilidade dos edifícios, quer para utilização ou contemplação, de modo a satisfazer as necessidades da sociedade contemporânea.

Pertence às gerações no presente dar continuidade à narrativa evolutiva e regeneradora na imagem e vivência da cidade, através de uma metodologia de projecto apoiado em conceitos, em estratégias e raciocínios lógicos, conhecimento das matérias e sensibilidade.

Ao longo da história, as civilizações distinguiram-se pelas várias invenções estruturais nos quatros cantos do globo, mas o reconhecimento do valor destas estruturas singulares só lhes foi atribuído quando confrontados com a sua degradação, fruto da acção do tempo.

Só em Itália, no século XVIII (Choay, 2017), estes objectos seriam classificados como Monumentos, pelo seu valor histórico e artístico. Esta denominação dá início a uma atitude de salvaguarda destes edifícios, promovendo o elo de ligação com as gerações futuras, para que estas possam ter contacto com o passado, através de com algo de carácter físico (tocável) e sentimental.

Esta intenção é reforçada no período pós-revolução francesa, no século XIX, onde se assistiram a diversos protestos violentos em Paris, que acabaram por danificar ou até destruir vários edifícios, conduzido à perda de um legado histórico nacional, com um valor inestimável.

Esta situação agrava o desafio de salvaguarda do património, tornando-se imperativo a criação de uma política de conservação, que visava a pesquisa e recolha de bases teóricas, práticas, e documentação específicas dos edifícios, necessárias para elaborar uma análise coesa, com um objectivo de estabelecer uma estratégia indicada para redirecionar o rumo da história destes testemunhos.

Nos anos seguintes, este tema deu origem a diversas teorias e posições perante estes objectos, que se ramificaram em atitudes intervencionistas e anti- intervencionistas. Neste campo destacaram-se, respectivamente, Viollet-le-Duc e Jonh Ruskin.

Ao passo que o inglês, John Ruskin, defendia que não se deveria intervir nos monumentos, que estes estariam condenados à ruína, justificando que estas estruturas não têm proprietário, que pertencem em parte aos indivíduos que as construíram e, em parte, às gerações futuras (Choay, 2017: p. 159).

Preconizava a política de intervenção mínima e de forma invisível, de maneira a não interferir com a autenticidade dos monumentos, onde o estado de degradação aparentasse ser natural.

Assim como também receava pela qualidade da arquitectura emergente da era industrial, onde compara a capacidade de permanência e qualidade da construção com a fragilidade material e o desprezo pelo conforto da habitação doméstica, dizendo "a arquitectura do presente (poderia ser) tornada história" (Choay, 2017: p. 148).

> *"(...) a arquitectura doméstica é substituída por habitações precárias (...) a arquitectura pública dá lugar a espaços de ferro e de vidro, cuja a superfície o tempo não está autorizado a marcar."* (Choay, 2017: p.146)

Por outro lado, no território francês, Viollet-le-Duc, defendia o restauro extremo, através da reconstrução total, de modo a atingir um estado fiel e completo da obra.

Em contrapartida, Ludovic Vitet[8], um professor francês dedicado à investigação de monumentos históricos, considerava necessário desativar estes edifícios, para evitar a sua degradação lenta e garantir a sua forma plena por mais tempo.

Mais tarde, em Itália, surge Camillo Boito, que apesar concordar com premissas de ambos os autores, reformula as causas que levam a tais decisões e, cria uma nova condição necessária a esta disciplina, onde a intervenção realizada deve ser aparentemente reconhecível, tornando possível a distinção dos tempos existentes.

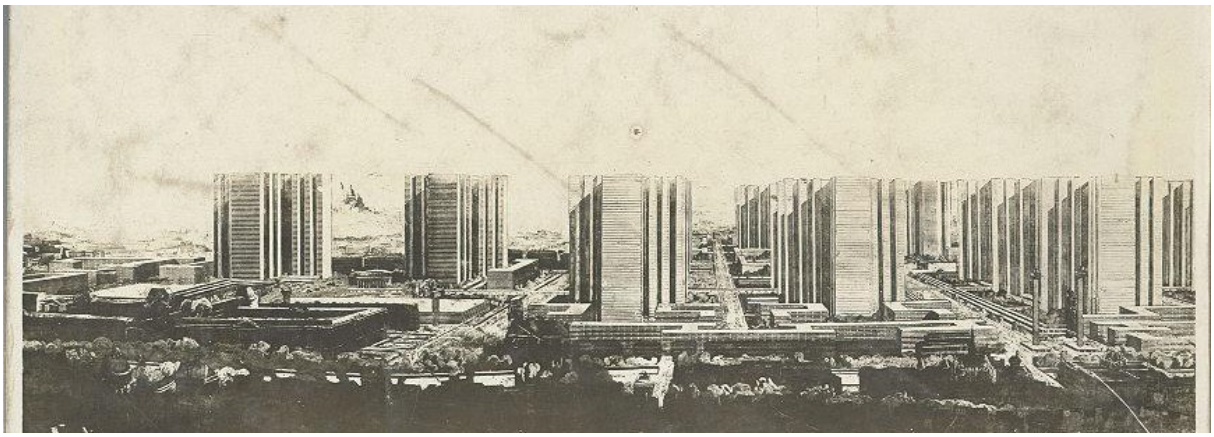
Até aos dias de hoje, esta política manteve-se como uma premissa de eleição frequente nas intervenções de reabilitação de edifícios.

[8] Inspector dos Monumentos Históricos, em França.

Só no século seguinte, mais concretamente em 1931, surge o primeiro documento internacional oficial sobre a protecção e restauro dos monumentos, a Carta de Atenas do Restauro, onde é possível encontrar recomendações e objectivos a cumprir num futuro próximo.

Anos mais tarde, em 1933, na quarta conferência dos CIAM[9], surge Carta de Atenas do Urbanismo, como uma reflexão sobre património arquitectónico e, a reunião de hipóteses e condições, que permitiam a integração da arquitectura do movimento moderno na cidade histórica.

Os responsáveis por este protocolo defendiam inícios absolutos, na era da "cidade moderna", com novos conceitos sobre a organização da cidade. De tal forma, que os membros deste movimento apoiavam a ideia de eliminar estruturas existentes para dar lugar a projectos que afirmassem a "fantasia moderna", como se verifica na proposta do "Plano Voisin" para o centro da cidade de Paris de Le Corbusier, em 1925, que não chegou a ser concretizado.



22. Paris, Plano "Voisin", da autoria do arquitecto Le Corbusier, 1925. Fonte: Fundação Le Corbusier, ADAGP.

O plano visava a construção de um novo centro de negócios da cidade, no qual propunha o alargamento das ruas, com espaços distintos para peões e para carros; intercalados com amplos espaços verdes, que proporcionariam sombra, ar puro e afastamento do ruído das ruas; a introdução do vidro e das construções em altura, cujos edifícios cumpriam uma métrica de distanciamento regular, se traduziam em torres de cristal, que iriam reflectir as cores do céu e definir a nova paisagem urbana.

Apesar de ideias radicais e de uma ambição pela inovação, esta época representa também a era das ligações, como as telecomunicações, os caminhos-de-ferro, infraestruturas, portanto, da imagem em movimento.

Contudo, no período pós segunda Guerra Mundial, onde cidades inteiras ficaram devastadas e a Europa sofreu períodos de escassez de recursos, este movimento foi obrigado a duplicar a velocidade para satisfazer as necessidades da época.

[9] Congresso Internacional da Arquitectura Moderna.

Esta situação levou fábricas a produzir mais quantidades, à construção de habitações em massa, assim como, ao transporte de alimentação e medicamentos para combater a fome e as epidemias, entre outras desgraças.

Consequentemente, originou a renovação da imagem das cidades afectadas, como foi o caso de Varsóvia, em que a reconstituição[10] do centro histórico da cidade, com edifícios exteriormente idênticos aos anteriores, embora interiormente modificados.

Perante esta catástrofe, surgiram a criação das Nações Unidas e a sucedânea Unesco, como instituições responsáveis pela paz e bem-estar da humanidade, promovendo a comunicação e equilíbrio entre nações, a fim de prevenir uma nova guerra.

A perda de património contruído, paisagens e marcos identitários da história da humanidade e, a falta de entidades competentes especializadas para cuidar dos destroços e das estruturas afectadas pela guerra, conduziu à elaboração da Carta de Veneza – Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios, em 1964. Este documento surge como uma actualização da primeira Carta de Atenas. Esta carta assinala uma nova consciência, adicionando novas responsabilidades e abrangendo mais campos de acção e protecção, sendo a aplicabilidade dos princípios variável dependendo do país.

Mais tarde, o património mundial alarga o seu horizonte construído, com a Convenção da Unesco sobre a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural em 1972, acrescendo o interesse pelo valor cultural e a inclusão de paisagens naturais, culturais ou não.

Esta época é marcada pela nova consciência sobre o mundo natural e, sobre a contribuição do homem para salvaguardar o que não lhe pertence.

3.2. INTERVIR NOS TEMPOS DOS OBJECTOS ARQUITETÓNICOS E DA CIDADE

Ao longo dos anos, realizaram-se diversos protocolos sobre variados temas mas sempre com um interesse comum, identificando problemas e procurando novas soluções para a proteção da história da humanidade.

> *"De prosperar tendría que subordinarse el trabajo inventivo al trabajo indagatorio con bases historiográficas, auque el método tipológico más que a conocer la historia obliga a reconocer la historia."* (Garcia, 2001: p. 62)

A reabilitação estava orientada exclusivamente para edifícios singulares históricos, no entanto, o património construído reduziu a sua distância temporal do presente (Choay, 2017: p. 224). Nas cidades encontram-se

[10] Em relação a esta situação de reconstrução, a Carta de Cracóvia define:" Devem ser evitadas reconstruções de partes significativas de um edifício, baseadas no que os responsáveis julgam ser o seu " verdadeiro estilo". A reconstrução de partes muito limitadas, com um significado arquitectónico pode ser excecionalmente aceite, na condição de se fundamentar, em documentação precisa e irrefutável. Se for necessário para o uso adequado do edifício, podem-se incorporar elementos espaciais e funcionais, mas estes devem exprimir a linguagem da arquitectura actual. A reconstrução total de um edifício, que tenha sido destruído por um conflito armado ou por uma catástrofe natural, só é aceitável se existirem motivos sociais ou culturais excepcionais, que estejam relacionados com a própria identidade da comunidade local." Em Barranha, Helena. (2016) *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. (Ebook) Lisboa, IST Press e ICOSMOS-PORTUGAL, p. 91.

inúmeras edificações antigas e abandonadas, pela sua função ter caído em desuso ou pela falta de potencial de rendimento gerador de receitas. Existem espaços degradados e desabitados que contribuem para a criação de descontinuidades das cidades.

Para combater estas situações, assistiu-se a uma alteração da atitude de intervenção perante os edifícios de valor patrimonial, com o objectivo da sua integração na vida das cidades, através da sua reconfiguração e reutilização.

> *" Consistindo em reintroduzir um monumento desafectado no circuito das utilizações vivas, em arranca-los a um destino museológico, a reutilização é, sem dúvida, a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil de valorização patrimonial."* (Choay, 2017: p. 233)

A reabilitação em arquitectura pode ser realizada em diferentes contextos e escalas, sobre edifícios ou espaços exteriores, parcialmente ou totalmente, sob a condição de uma forma existente como ponto de partida.

A reutilização de edifícios não é um processo novo, uma vez que ao longo dos tempos, estimulados pela necessidade ou opção, os edifícios existentes foram sendo objecto de todo o tipo de alterações necessárias para satisfazer a sua nova função. Estas situações constatam-se em vários países, consistindo na adaptação de estruturas de caráter resiliente, para albergar programas compatíveis com a sua dimensão formal e espacial, bem como as necessidades dos respetivos tempos.

É o caso da transformação de diversos edifícios conventuais na cidade de Lisboa em hospitais, consequência da extinção das ordens religiosas em 1834, associado à falta de capacidade financeira do país para construir edifícios novos[11].

No entanto, também se verifica a apropriação de edifícios por parte dos habitantes comuns, como no caso do Convento das Bernardas em Lisboa, no bairro da Madragoa, construído na segunda metade do século XVII. Após a referida extinção das ordens religiosas, este convento foi ocupado por noventa famílias, a igreja transformada num espaço para espetáculos e, outras divisões destinadas a oficinas. Mais tarde, no ano 2002, este convento é alvo de um projecto de reabilitação, da autoria do arquitecto João Almeida, que reformula as unidades de habitação e atribui novos usos aos restantes espaços, que implicaram acções mais significativas em termos da sua intervenção, de modo a satisfazer parte do programa proposto[12].

A apropriação de estruturas existentes evolui com base num plano de intervenção, no reconhecimento do objecto e conhecimento erudito e, na adaptação adequada às funções a desempenhar.

---

[11] "A limitação de recursos e a crescente manifestação de necessidades de espaços e de equipamentos públicos, um dos primeiros sintomas da liberalização da sociedade portuguesa, no seculo XIX, vêem-se satisfeitas com a nacionalização dos bens das ordens religiosas em 1884 e em 1910. A alteração do carácter e da estrutura dos edifícios conventuais foi significativa em alguns casos.Inicialmente concebidos como organismos encerrados, centralizados po espaços interiores de socialização restrita à comunidade que os habitava, vão recebendo usos iminentemente públicos, que os integravam na dinâmica social e económica da cidade, onde voltavam a constituir importantes referentes físicos e simbólicos. Diferente destino tiveram, no entanto, as estruturas implantadas em território rural, a maior parte delas vendidas e posteriormente abandonadas ou utilizadas como habitação. A desproporção entre as características e dimensões espaciais destes vastos conjuntos e a função que eram remetidas provocaram a sua gradual degradação e consequente desocupação." Em Tomé, Miguel. (2002) *Património e Restauro em Portugal*. Porto, FAUP Publicações, p. 149.

[12] Almeida, João. (2000) Convento das Bernardas. Um Projecto de Reabilitação/ Reconversão. Em *Revista de Arquitectura, Arquitectura Paisagista e Design*, nº 52, pp. 116-121.



23. Lisboa, Convento das Bernardas, aparência do edifício anterior à intervenção de reabilitação. Fonte: *Revista de Arquitectura, Arquitectura Paisagista e Design* (2000), nº 52, pp. 116-121.



24. Lisboa, Convento das Bernardas após a intervenção de reabilitação, coordenação do projecto da autoria da arquitecta Teresa Duarte C.M.L.

A reconversão planeada de uma determinada tipologia de edifícios ganha visibilidade com o projecto para o museu Tate Modern, em 2000. O projecto de arquitectura da autoria de Herzog e De Meuron, consiste na transformação de uma antiga central de energia num museu de arte, no centro da cidade de Londres. Esta intervenção é hoje considerada um marco e um edifício de referência para a cidade. Para além do restauro do edifício e da remoção da maquinaria existente, distingue-se pelo aproveitamento da dimensão formal e espacial dos espaços existentes, alguns de pé direito elevado, a preservação das paredes em alvenaria, assim como pela introdução de um novo volume que pousa sobre a cobertura do edifício e contém incorpora dez pisos para salas de exposições e serviços associados. Este volume afirma o contraste entre os tempos presentes e o existente, através da sua forma, dimensão e materialidade, assim como oferece uma nova perspectiva sobre a cidade. Nesta intervenção constata-se a estratégia de adaptabilidade de um programa singular, um museu, reutilizando e reconvertendo uma estrutura desativada concebida para função fabril, traduzindo-se esta reconstrução de um espaço interior que se projecta para o exterior, acabando por criar uma situação peculiar, uma harmonia de atmosferas que só é possível experienciar ao longo do percurso naquele edifício.



25. Londres, Museu Tate Modern, vista exterior do edifício, projecto de reabilitação da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fonte: Tate.



26. Londres, Museu Tate Modern, vista interior interior, projecto de reabilitação da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fonte: Tate.

A adaptabilidade é uma estratégia constante em arquitectura, e no que diz respeito ao campo da reabilitação, tanto a nível da intervenção em edifícios como a nível do espaço público, pretendendo estabelecer relações entre estas intervenções e os tempos da cidade.

Nesta linha de acção o projecto de intervenção no Museu Nacional Machado de Castro[13] em Coimbra, do arquitecto Gonçalo Byrne, revela um edifício que acomoda um programa complementar ao dos edifícios existentes, uma estratégia que transmite uma leitura contínua dos factos urbanos e das edificações existentes.

A proposta visa a introdução de um novo edifício, o qual estabelece comunicação entre os diferentes tempos construídos, promovendo novas acessibilidades e a criação de novos percursos. O edificado desenvolve-se em vários níveis, implantado na colina da Alta Coimbra, numa situação de plataforma, suportada por muros, com uma vista privilegiada sobre a cidade, acompanhando a topografia do terreno envolvente, de modo a permitir a transição entre as ruas com declives acentuados e o edifício. O arquitecto propõe três volumes que se interligam, em que um dos corpos assenta na cota mais baixa, revestido em pedra, em concordância com o muro existente, no qual pousa um outro volume opalino, que por sua vez, estabelece a ligação com um volume branco e cinzento-escuro, que se estende e comunica com os edifícios e espaços existentes.

Verifica-se um exercício de coordenação entre os diferentes níveis dos arruamentos públicos e o edifício proposto, de modo a proporcionar novos espaços e situações, criando um diálogo plástico entre o novo e o existente.

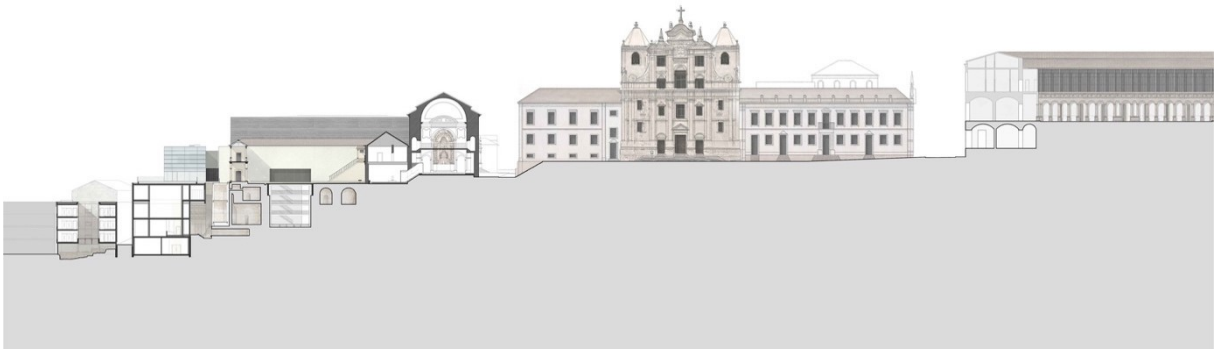


27. Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, vista do conjunto arquitectónico e a relação com a cidade, projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne. Fotografia de Duccio Malagamba.



28. Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, vista do conjunto arquitectónico e a relação com a topografia, projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne. Fotografia de Duccio Malagamba.

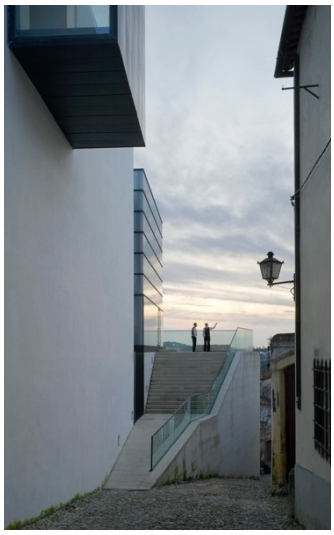
[13] Construído em 2013.



29. Corte do conjunto arquitectónico do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne.



30. Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, vista do pátio, projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne. Fotografia de Duccio Malagamba.



31. Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, escadas de acesso ao conjunto arquitectónico, projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne. Fotografia de Duccio Malagamba.

A arquitectura identifica-se como um objecto que potencia ligações entre espaços construídos e espaços não construídos, a capacidade de desvendar lugares e criar novos percursos, pontos de encontro e de contemplação.

Assim se pode caracterizar o projecto de intervenção de Herzog e De Meuron na cidade de Hong Kong, realizado no ano 2018, tendo como premissa de projecto a reconversão de uma central policial para um centro cultural, o actual centro de Tai Kwun de património e arte. Este edifício localiza-se num quarteirão, ladeado de arruamentos com diferentes níveis, onde se inserem vários monumentos históricos, os quais envolvem um pátio interior. Este conjunto apresenta-se como uma situação rara numa cidade com um tecido urbano consolidado. A estratégia definida visou a criação de novos espaços públicos, a reabilitação e reconversão do programa dos edifícios existentes e, a introdução de dois novos edifícios.

A proposta entende a permeabilidade do quarteirão, com a introdução de novos acessos ao seu interior do mesmo, que se traduzem em vários momentos do projecto como escadas, pontes, novas passagens pedonais, que permitem a ligação entre os espaços e os edifício.

A intervenção comporta vários espaços públicos, exteriores e interiores, sendo que um dos pátios existentes, anteriormente de aceso reservado, tendo sido transformado num espaço público. Um dos edifícios novos pousa sobre um anfiteatro exterior, que permite a realização de diversas actividades performativas, um espaço de convívio informal e, a transição entre cotas no interior do quarteirão. A distribuição do programa pelos edifícios teve em consideração a relação com o carácter e potencial dos espaços exteriores envolventes, de modo a proporcionar a melhor experiência em ambos os espaços.

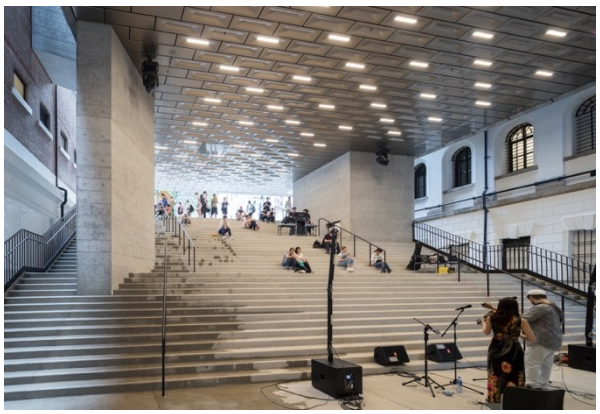
As materialidades foram selecionadas segundo o contexto onde o projecto de insere, a pedra branca constrói o espaço exterior e a passagens pedonais, e a pele de alumínio cinzento que reveste estes edifícios, representa as pedras de granito existentes no quarteirão, a nível de cor e de escala, assim como também, promove a sombra, a proteção da chuva, e o desempenho estrutural do edifício. Esta pele desenha uma malha com um padrão que se confunde com a paisagem de fundo, dos edifícios altos que envolvem o quarteirão e, ao mesmo tempo, cria um contraste com os edifícios existentes no interior do quarteirão.



32. Hong Kong, centro de Tai Kwun de património e arte, vista do quarteirão com os novos edifícios, projecto da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fotografia da autoria de Iwaan Ibaan, 2018.



33. Hong Kong, centro de Tai Kwun de património e arte, vista de um dos pátios exteriores, projecto da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fotografia da autoria de Iwaan Ibaan, 2018.



34. Hong Kong, centro de Tai Kwun de património e arte, espaço exterior de estar e de passagem coberto (anfiteatro), projecto da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fotografia da autoria de Iwaan Ibaan, 2018.



35. Hong Kong, centro de Tai Kwun de património e arte, alçado de um dos edifícios introduzidos, projecto da autoria dos arquitectos Herzog e De Meuron. Fotografia da autoria de Iwaan Ibaan, 2018.

O projecto realça a presença histórica no local com a introdução de uma linguagem arquitectónica contemporânea, da reorganização espacial e posicionamento estratégico de novos elementos, assim como, propõe a renovação da identidade do local, criando um novo espaço na cidade e novas vivências aos visitantes.

A imagem da cidade encontra-se em constante transformação, sendo objecto de novas intervenções, incorporação de outros programas e recurso a novas soluções construtivas, atribuindo-se novos parâmetros de beleza construída e projectos que são geradores de novas oportunidades de reconfigurar lugares e edifícios para outras funções e novas vivências.

O caso da Torre Bois Le Prêtre, em Paris, evidencia a situação acima mencionada, pois apresentando um edifício de habitação de 1962, alvo de diversas intervenções ao longo dos tempos. Projecto de arquitectura do arquitecto Raymond Lopez, construído com painéis de betão prefabricado, que mais tarde, em 1990, sofre uma renovação da aparência do edifício, com a introdução de um novo revestimento na fachada e redução das entradas de luz natural, que visava a melhoria do desempenho energético e conforto dos espaços interiores.

Em 2006, Frédéric Druot, Lacaton e Vassal vencem o concurso de reabilitação do edifício, com uma proposta alternativa à demolição. A proposta de intervenção teve como objectivo a melhoria das condições de habitação existentes, através da remoção da fachada existentes e a adição de uma nova pele volumétrica em todo o perímetro do edifício.

A intervenção incorporava dois módulos, um com jardins de inverno e varandas, nas duas fachadas paralelas, a este e oeste e, um módulo residencial, nas fachadas norte e sul. Os módulos de jardins de inverno identificam-se como novos espaço na unidade de habitação, contribuindo para melhoria do aproveitamento da luz solar, controlo da temperatura interior e uma nova relação com a paisagem exterior. O módulo residencial, caracteriza-se como uma nova divisão nos apartamentos, promovendo a extensão dos mesmos e, a reconfiguração dos espaços interiores. Os sistemas construtivos e materiais utilizados, tiveram em consideração a condição de custos controlados da obra, acrescendo o desafio da proposta de arquitectura[14].

O arquitecto Frédéric Druot realiza uma intervenção complexa na Torre Bois Le Prêtre em Paris, que responde a questões habitacionais contemporâneas, permitindo a durabilidade de uma estrutura existente, melhorando as condições necessárias, e ainda, a renovação da imagem do edifício, através de uma linguagem arquitetónica que se adequa à evolução da imagem da cidade.

[14] Laura Malignetti. (2012) Refurbishment Bois Le Prêtre Tower in Paris, France – Frédéric Druot Architecture, Lacaton & Vassal Architectes. Em *Arketipo*, nº 67, pp. 92-103.



36. Paris, Torre Bois Le Prêtre, em 1959, projecto da autoria do arquitecto Raymond Lopez. Fonte: Pavilon de l'Arsenal.



37. Paris, Torre Bois Le Prêtre, após a reabilitação, em 1990, fotografia da autoria de Frédéric Druot, Lacaton e Vassal.



38. Paris, Torre Bois Le Prêtre, projecto de transformação da autoria dos arquitectos Frédéric Druot, Lacaton e Vassal, 2012. Fotografia da autoria de Philippe Ruault.



39. Paris, Torre Bois Le Prêtre, projecto de transformação da autoria dos arquitectos Frédéric Druot, Lacaton e Vassal, 2012, planta com dentificação dos espaços adicionados ao edifício existente.



40. Paris, Torre Bois Le Prêtre, projecto de transformação da autoria dos arquitectos Frédéric Druot, Lacaton e Vassal, 2012, vista interior do módulo de jardim de inverno, fotografia da autoria de Frédéric Druot.

Intervir sobre objectos construídos implica uma análise das escalas dos espaços existentes e a relação que estabelecem entre si. A proposta a desenvolver é resultante de uma reflexão das características a respeitar e a preservar, procurando soluções que se apropriem do espaço, com o objectivo de transformar ambientes e valorizar o lugar.

É possível observar uma atitude de reinterpretação dos espaços na intervenção projectual de Alcino Soutinho, no Convento de São Gonçalo de Amarante. A proposta visa a introdução de um programa de uso público num edifício religioso, para albergar funções administrativas da Câmara Municipal e culturais, nomeadamente, o Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso.

Neste sentido, verifica-se uma alteração do caráter de utilização do edifício, anteriormente isolado da vida social exterior, proporcionando um novo espaço para a população residente na urbanização envolvente. Neste projecto,

verifica-se a recuperação da identidade dos claustros existentes, a reintrodução de um volume que separa estes espaços, o que possibilitou a criação de uma ligação perdida.

Esta intervenção visou a distribuição e autonomia entre os programas que o edifício viria a acomodar. O corpo apresenta um desenho contemporâneo, através da combinação de formas e a sobreposição de camadas, estabelecendo um diálogo com as linguagens arquitetónicas pré-existentes. Este elemento adquire uma configuração distinta em ambos os claustros, no lado sul, existe uma galeria exterior no nível térreo que permite a continuidade do percurso no claustro existente, enquanto que, no outro lado, um corredor interior, que encerra o pátio. No entanto, a presença de transparências neste corpo, permite uma leitura visual contínua dos espaços e articulação entre os mesmos (Tomé, 2002).

> *"A mais importante premissa deste projecto foi a reconstituição espacial dos claustros, garantida pela reconstrução do corpo que os individualizava, demolido algumas décadas antes."* (Tomé, 2002: p. 221)

> *"Conservar era entendido como uma acção projectual que podia igualmente introduzir elementos novos, sem que tal operação retirasse ou destruísse o valor documental e informativo do existente. Para tal, partia-se de opções construtivas e formais que assegurassem a pretendida reversibilidade da intervenção."* (Tomé, 2002: p. 227)



41. Amarante, Convento de São Gonçalo de Amarante, vista aérea do conjunto arquitectónico, actual Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, projecto da autoria do arquitecto Alcino Soutinho. Fotografia da autoria de Fernando Guerra.



42. Amarante, Convento de São Gonçalo de Amarante, vista do pátio e do elemento plástico introduzido, actual Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, projecto da autoria do arquitecto Alcino Soutinho. Fotografia da autoria de Fernando Guerra.

> *"Para o arquitecto, projectar na cidade contemporânea pressupõem uma leitura do lento e paradoxal processo de antropização do espaço físico que o envolve, já que as cidades são sempre temporariamente contemporâneas e a cada tempo (leia-se a cada extrato histórico) corresponde uma dada contemporaneidade com os seus próprios conceitos e métodos de estruturação. Nessa leitura, a História é um instrumento, como outros à nossa disposição, que nos ajuda a determinar o grau de transformação a imprimir sobre os diversos contextos. Projectar é sempre, neste sentido, transformar."* (Grande, 2002: p. 19)

3.3. CASO DE ESTUDO

A investigação subjacente no presente trabalho tem como foco temas de reabilitação de edifícios com valor patrimonial, cujas intervenções têm como premissas redefinir novos usos, potenciar a sua reintegração na cidade, numa dimensão da contemporaneidade.

O Convento das Bernardas, localizado em Tavira, da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, revela um projecto que visou a reabilitação e reconversão de um edifício, com valor patrimonial para um novo uso, nomeadamente para unidades de habitação.

> *"O Convento das Bernardas, foi Mosteiro, Fábrica, e agora ruína disponível. Geralmente associa-se estas pedras a programas como pousadas, hotéis, museus, centros culturais…; mas não há cultura que chegue para tanto Patrimônio.*
> *Desta vez fomos diferentes…, e porque não fazermos casas?"*
>
> Eduardo Souto de Moura, 2012

Em 2012, o arquitecto Eduardo Souto de Moura desenvolveu um projecto de arquitectura para o antigo Convento das Bernardas[15], em Tavira, transformando a estrutura edificada existente num complexo de unidades de habitação. O projecto desenvolve-se em dois patamares, em direcção à Ria Formosa, com vista para as salinas de Tavira, sendo o conjunto arquitectónico constituído por dois corpos, um pré-existente e um novo. A proposta arquitectónica almejou a reabilitação e restauro do edifício e pátio existentes e a introdução de um novo volume, num nível inferior, mais próximo da Ria Formosa. Este conjunto de edifícios integra 78 unidades habitacionais, com diferentes tipologias, que variam entre o T0 e o T3.
No antigo Convento, composto por quatro alas de três pisos, as fachadas manifestam um desenho com uma métrica de vãos irregulares, com diferentes configurações, conferindo ao edifício um caráter identitário e singular. As quatro alas do edifício envolvem um pátio exterior, no qual se estruturava o antigo claustro e um percurso em todo o seu perímetro, pavimentado em pedra, o qual permite o acesso a algumas das habitações.



43. Tavira, Convento das Bernardas, alçado exterior do convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012.



44. Tavira, Convento das Bernardas, alçado exterior do conjunto arquitetónico, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012.

[15] Contruído em 1509.

O centro do pátio é desenhado por dois momentos: quatro canteiros com árvores e um espelho de água central e, para preservar a memória da essência da estrutural conventual existente, o arquitecto optou por manter estes elementos; este espaço interliga-se com uma zona onde se localiza espaços ajardinados e uma piscina.



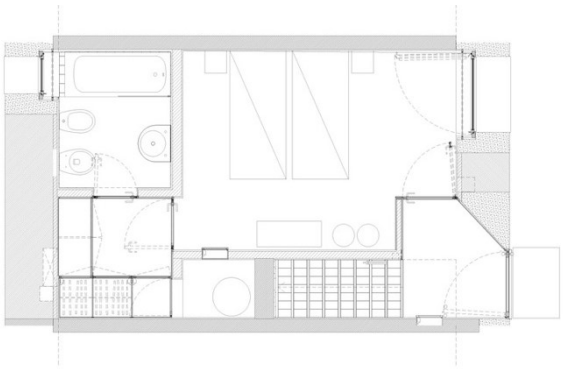
45. Tavira, Convento das Bernardas, pátio do convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012.



46. Tavira, Convento das Bernardas, pátio do convento (elemento água), projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012.



47. Tavira, Convento das Bernardas, materialidades do pátio do convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012.



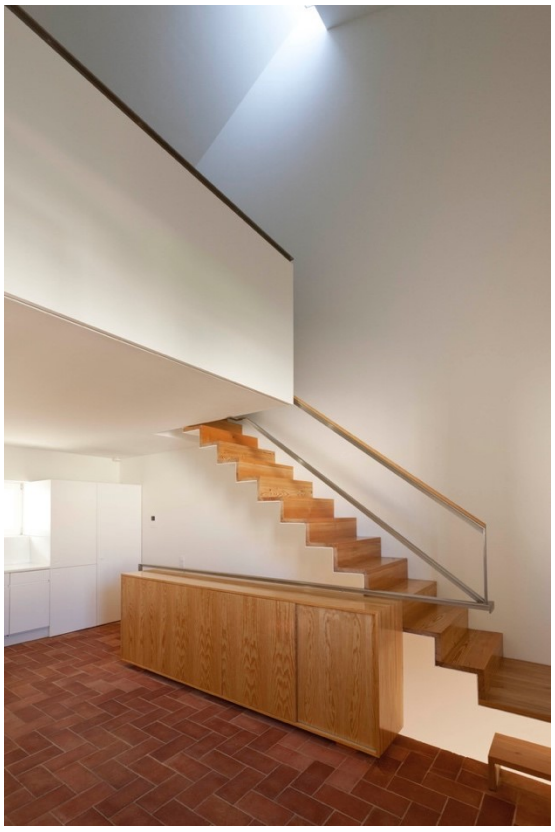
48. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 0 de uma habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura.

As unidades habitacionais desenvolvidas para o interior do edifício existente revelam uma lógica organizacional suportada na configuração e estrutura existente, adaptando-se às condições da dimensão formal e espacial, ocupando a profundidade e a largura das alas dos edifícios. Numa descrição referente à sua ocupação verifica-se a opção por uma habitação T2 triplex, constituído por dois pisos inteiros e um piso ocupado parcialmente, com aproximadamente 100m^2.

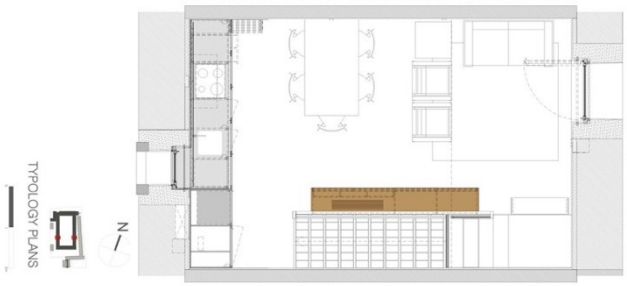
A entrada principal realiza-se a partir do pátio, sendo possível identificar este momento pela presença de um bloco em pedra no pavimento, funcionando como um degrau para aceder ao interior da habitação. A porta de entrada da habitação, é executada numa materialidade distinta das paredes que revestem o edifício, aproximando-se apenas pela cor, criando uma harmonia na palete de cores existentes no lugar. Neste sentido o autor coloca em confronto visual e tátil a parede de alvenaria de pedra com uma textura rugosa e irregular, e por outro lado, a porta de aço pintada, com a sua superfície lisa não reflectora.

As escadas estabelecem comunicação com os pisos superiores, enquanto que, à direita, existe uma porta de acesso a um quarto de casal (suite), que possuí ligação visual para ambas as fachadas exteriores.
No piso superior, localiza-se uma divisão ampla que incorpora o espaço da cozinha, uma mesa para refeições e um espaço de estar.
Nesta área ainda, desenha um tocador em madeira, que acompanha o comprimento das escadas, distinguindo-se da cor e textura do pavimento, em tijoleira local da região, por outro lado, cria uma relação de continuidade com as escadas que acedem ao piso superior, também revestidas a madeira. Este espaço apenas possui vãos com vista para o pátio, com a particularidade da zona mais próxima dos vãos apresenta duplo pé direito.

No terceiro piso, o percurso das escadas acompanha a mudança de direcção das paredes, até se confrontar com um plano horizontal, também revestido em madeira, dando continuidade à materialidade do percurso realizado. Neste piso localiza-se um quarto individual e uma instalação sanitária, com varanda projectada sobre a zona de estar no piso inferior. O tecto acompanha a inclinação da cobertura, e desenha uma janela, para entrada de iluminação natural, junto de uma das paredes, criando um rasgo de luz que percorre a parede branca, reflectindo a luz recebida e a expandir no interior deste espaço.



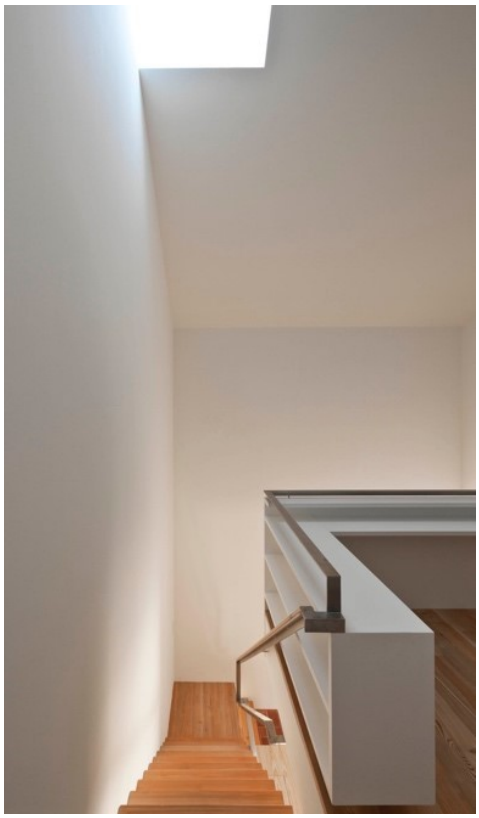
49. Tavira, Convento das Bernardas, vista interior da habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012.



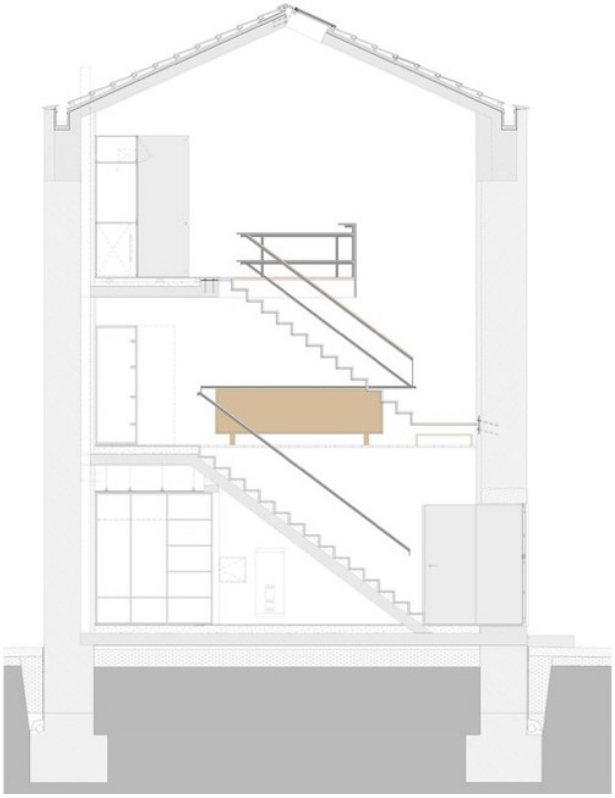
50. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 2 da habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura.



51. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 3 da habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura.



52. Tavira, Convento das Bernardas, vista interior da habitação triplex no convento, no piso 3, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012.



53. Tavira, Convento das Bernardas, corte pela habitação triplex no convento, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura.

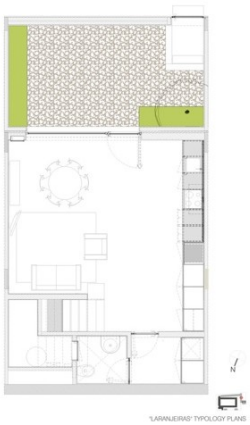
A nível da organização do espaço, verifica-se a concentração de infraestruturas apenas numa das paredes exteriores, mais concretamente na parede adjacente à cozinha e às instalações sanitárias. A distribuição dos espaços interiores promove a privacidade aos espaços de dormir, colocando o espaço social no piso intermédio, pois, o que implica que não exista a possibilidade de atravessar um quarto sem consentimento.

Nas habitações é possível observar momentos de contraste ou de continuidade entre elementos verticais e horizontais e também os de comunicação vertical, ou seja, as paredes permanecem brancas em toda a habitação, ao passo que os pavimentos e as escadas variam a sua materialidade, consoante a função dos respetivos espaços.

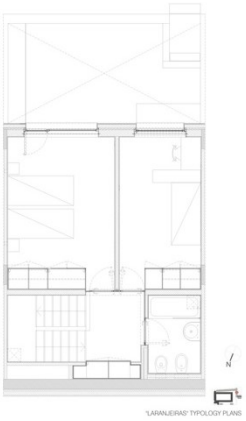
O volume novo proposto pelo arquitecto, localiza-se num patamar inferior, desenvolve-se em forma de "L" envolvendo o antigo convento, envolvendo um pátio ajardinado e uma piscina. Este edifício desenvolvido em dois pisos, revela compositivamente um alçado reticulado e contemporâneo.
Neste volume desenvolvem-se um conjunto de habitações T2 duplex ou simplex, com acessos pelo exterior, sendo que uns são realizados por um pátio privado, enquanto outros acedem directamente do exterior.



54. Tavira, Convento das Bernardas, vista do novo volume, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura, fotografia de Luís Ferreira Alves, 2012.



55. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 0 de uma habitação T2 duplex no novo volume, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura.



56. Tavira, Convento das Bernardas, planta do piso 1 de uma habitação T2 duplex no novo volume, projecto da autoria do arquitecto Eduardo Souto de Moura.

Nesta intervenção arquitectónica constata-se a procura do arquitecto Souto de Moura de estabelecer uma articulação projectual da pré-existência com novas lógicas e usos que revelam a sua contemporaneidade entre o tempo presente, volumes e a paisagem. Ao nível do convento, um edifício com uma dimensão imponente, foram realizadas intervenções de pequena dimensão[16], necessárias para a adequação e o desempenho dum novo programa, adotando-se soluções que reflectem uma harmonia plástica entre memórias existentes e materiais. Optou-se por preservar a memória da antiga fábrica, patente na manutenção da chaminé em tijolo, com a aparência original. O novo corpo revela uma intervenção com a estrutura conventual e com a paisagem, posicionando-o de modo a dar continuidade ao edifício existente. O novo volume é colocado num nível diferente, acompanhando a topografia do terreno existente, funcionando como um elemento de transição entre os diferentes níveis dos edifícios, sem interferir com o sistema de vistas das habitações do antigo convento. Ainda neste âmbito a escolha do revestimento num tom semelhante ao do antigo convento, mas com uma superfície lisa e o ritmo marcado pelas janelas, contrasta com as janelas do antigo convento. Esta estratégia possibilita uma leitura unitária do conjunto arquitectónico e, simultaneamente, identificar a génese dos elementos contemporâneos. Deste modo constata-se a aplicação dos princípios definidos por Camilo Boito na Carta de Veneza, em 1964[17].

[16] Introduzidas 120 janelas novas.

[17] Carta de Veneza - Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios (1964), artigo 3º - "A conservação e o restauro dos monumentos têm como objectivo salvaguardar tanto a obra de arte como as respectivas evidências históricas.". Em *Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e Tecnologias de Intervenção*. Amadora, Edições Orion, pg. 349.

"O valor do monumento residia na capacidade de absorver o tempo e as transformações, integrando-os no seu corpo. Távora não procurou o que o edifício foi ou poderia ter sido, mas o que o edifício podia e "queria" ser."[18] *(Tomé, 2002: p. 215)*



57. Fernando Távora, Pousada de Santa Marinha da Costa, Guimarães, Portugal, 1972-1985.

[18] Citação relativa à intervenção projectual realizada no Convento de Santa Marinha da Costa, da autoria do arquitecto Fernando Távora.

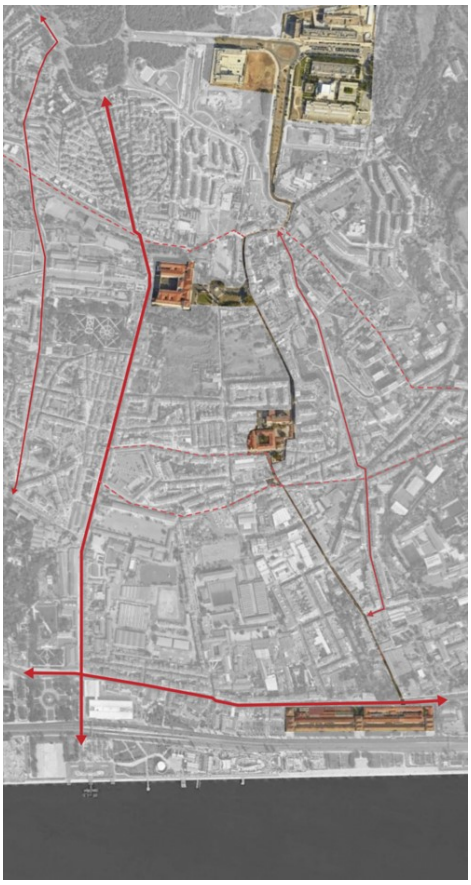
4. PROJECTO

4.1. O LUGAR

Este capítulo inicia-se com a análise sobre lugar, o objecto arquitectónico alvo da intervenção proposta a intervir e da respectiva envolvente, onde se identificando-se as condições urbanas existentes, fragilidades e potencialidades, bem como a sua ligação com a cidade.

O antigo Hospital Militar de Belém localiza-se em Lisboa, a meio da colina da freguesia da Ajuda, que abrange desde do alto de Monsanto até à frente ribeirinha do rio Tejo. A posição geográfica e implantação do conjunto hospitalar revela uma situação privilegiada, quer pelas vistas sobre o rio Tejo, assim como pela sua implantação e consequente orientação solar, maioritariamente a sul, bem como pela proximidade de serviços e equipamentos relevantes para o funcionamento desta parte da cidade.

Localiza-se junto ao Largo da Boa-Hora à Ajuda, num nó de tráfego que permite diversas ligações viárias, assim como o atravessamento de transportes públicos. Por estes motivos, revela a sua centralidade no bairro, promovendo o encontro de pessoas e trocas sociais e culturais (mercado, igreja e escuteiros).



58. Ortofotomapa da Freguesia da Ajuda, esquema de eixos viários existentes e identificação do antigo Hospital Militar de Belém no centro da imagem.



59. Ortofotomapa da Freguesia da Ajuda, esquema de espaços públicos, de edifícios singulares existentes e identificação do antigo Hospital Militar de Belém no centro da imagem.

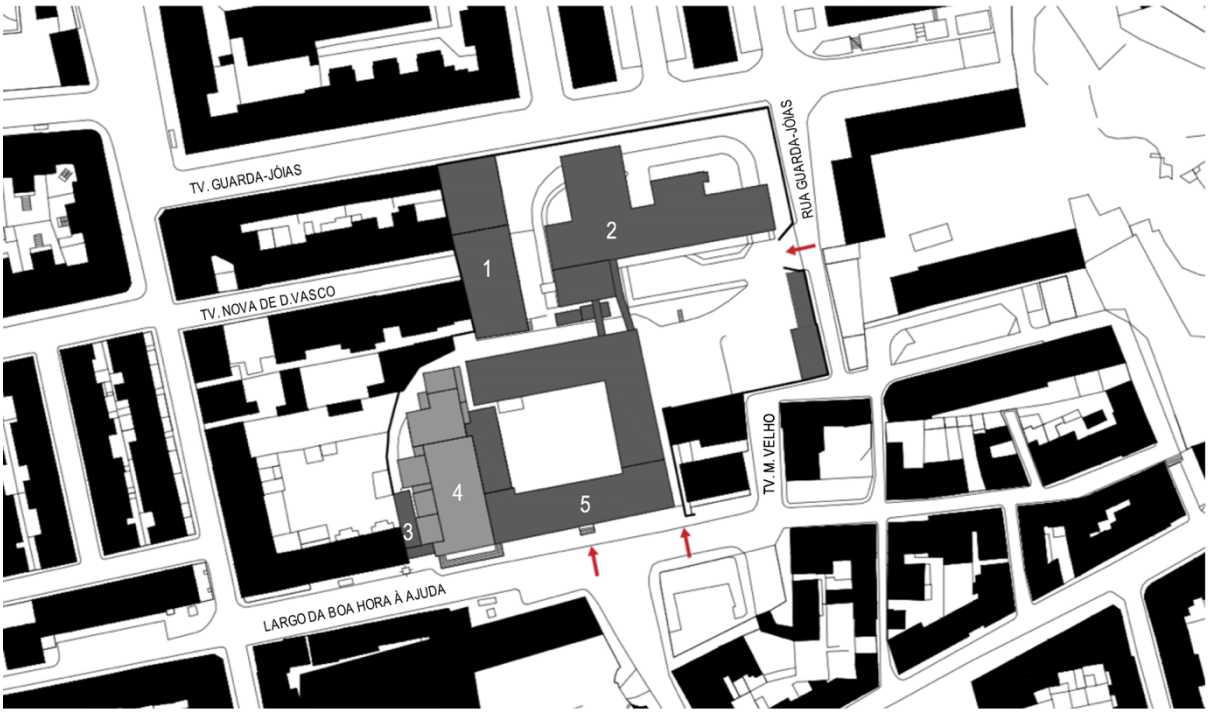
A freguesia da Ajuda caracteriza-se por possuir ainda comércio de bairro e também por albergar uma percentagem significativa de população idosa e devido à escassez de espaços públicos, a rua continua a ser o lugar de eleição para convívio entre os seus habitantes.

O conjunto hospitalar insere-se numa malha urbana densa, agregado a um quarteirão residencial, sobressaindo pela sua volumetria singular e respetivo carácter arquitetónico. Este conjunto encontra-se delimitado por três arruamentos públicos, a Travessa Guarda-Jóias, a Rua Guarda-Jóias e o Largo da Boa-Hora à Ajuda.

A área de intervenção encontra-se delimitada por um muro, que no seu interior da qual se encontram vários edifícios, nomeadamente, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora, o antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora e uma garagem a sul, uma casa mortuária, um edifício hospitalar a norte e dois edifícios de pequena dimensão a nascente.

Actualmente, o antigo Hospital Militar de Belém está desativado, à exceção da Igreja e da ala poente do convento, uma vez que estes dois edifícios continuam sob a gestão de uma ordem religiosa.

Existem três pontos de acesso ao interior da área de intervenção, sendo dois destes acessos pedonais e um outro acesso para veículos automóveis. Os acessos pedonais, exterior e interior, realizam-se por via do Largo da Boa-Hora à Ajuda e o acesso destinado para a automóveis pela Rua Guarda-Jóias.



60. Esquema de acessos existentes do antigo Hospital Militar de Belém. Identificação dos edifícios existentes na área de intervenção: 1 - Casa mortuária; 2 - Edifício hospitalar; 3 - Garagem dos escuteiros da Freguesia da Ajuda; 4 - Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora; 5 - Convento de Nossa Senhora da Boa Hora.

Os desenvolvimentos urbanos diferenciados no interior do quarteirão condicionam a permeabilidade natural nesta parte de cidade, dando origem a situações como um arruamento sem saída, gerando impedimentos na continuidade de algumas passagens pedonais, as quais constituem situações frequentes no bairro, devido à

extensão do quarteirão. Outro factor relevante e condicionante na área da presente intervenção é a topografia do terreno, a qual apresenta diferentes níveis e declives, na envolvente e zonas específicas deste quarteirão.

4.2. CONCEITOS

> *"A questão principal aqui é a partir de uma posição que é teoricamente muito interessante, mas realmente muito perigosa na prática - mas é a única maneira. A única maneira de preservar o património é viver com ele e usá-lo, mesmo que esteja danificado em alguns lugares. Porque só a vida quotidiana o transforma em algo natural e lhe dá status de património."*
>
> Eduardo Souto de Moura, 2017

A investigação sobre o lugar contribuiu para a formulação das questões que fundamento as respostas de projecto, através da definição de premissas e intenções, estudando a compatibilidade da solução da proposta de projecto para a reintegração do antigo Hospital e do Convento na vivência da cidade

> *"(...) compreender a cidade como uma grande representação da cidade humana. (...) de coisa humana que forma a realidade e conforma a matéria segundo uma conceção estética. E, assim, ela mesma é não só um lugar da condição humana, como até uma própria parte desta condição; que se representa na cidade e nos seus monumentos, nos bairros, nas residências, em todos os factos urbanos que emergem do espaço habitado."* (Rossi, 2018: p. 46)

O projecto visa a reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém e a reconversão do seu programa funcional, propondo-se a sua transformação e reutilização para unidades de habitação, serviços e a requalificação de espaços públicos exteriores envolventes.

> *"Cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente. (...) Penso que os edifícios que, pouco a pouco, são aceites pelo seu espaço envolvente devem possuir a capacidade de atrair, de diversas formas, a emoção e o raciocínio. O nosso sentimento e compreensão estão, no entanto, enraizados no passado. É por isso que o significado que criamos com o edifício deve respeitar a memória."* (Zumthor, 2005: p. 17-18)

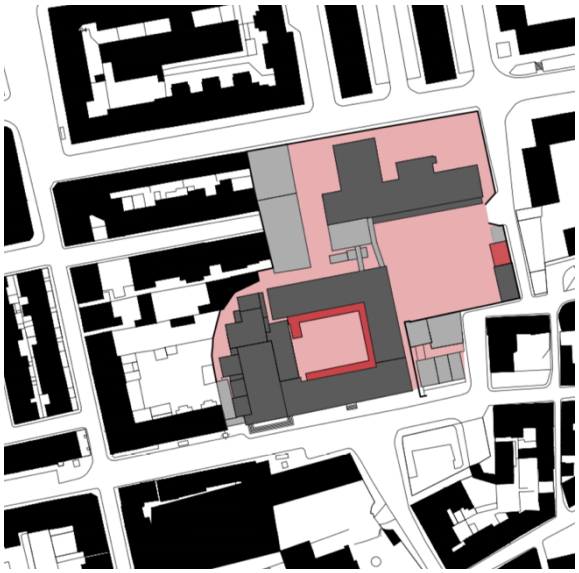
O desenvolvimento deste trabalho teve como objectivo a reinvenção de um lugar, tendo por base dois conceitos projectuais e de dimensão arquitectónica, a permeabilidade e a criação de atmosferas[19].

A permeabilidade é uma condição natural na continuidade ao longo da estrutura urbana, permitindo a ligação entre espaços e realidades, a criação de novos ou outros encontros e de vivências.

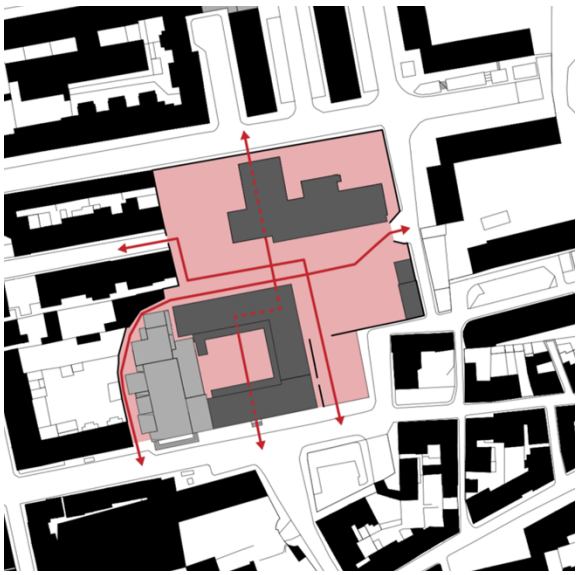
[19] Peter Zumthor (2006), descreve este processo do seguinte modo: "Mas aquilo que também vejo nesta descrição é o trabalho, e isso conforta-me, existe de facto um lado artesanal nesta tarefa de criar atmosferas arquitectónicas. Tem de haver procedimentos, interesses, instrumentos e ferramentas no meu trabalho." Em *Atmosferas*. 2ª ed. Barcelona, Editorial Gustavo Gil, p.20.

Ao observar o bairro e o quarteirão, verificaram-se situações que impedem a articulação e harmonia da área de intervenção com a área construída que a envolve. Por este motivo, o projecto intende repensar o espaço público (a maior parte do terreno envolvente) entre o edifício hospitalar e o convento, de forma a aliviar a tensão entre os volumes existentes.

Esta decisão influenciou a escolha sobre os edifícios existentes a manter e os a eliminar. Para este efeito, propõem-se a eliminação da casa mortuária, da garagem, que alberga os escuteiros da freguesia da Ajuda e um conjunto de edifícios junto ao Largo da Boa Hora à Ajuda.



61. Projecto de reabilitação no antigo Hospital Militar de Belém, planta da proposta dos edifícios a preservar, remover e a construção a introduzir sobre o conjunto arquitectónico existente.



62. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta da proposta de acessos no conjunto arquitectónico.

As intervenções propostas viabilizam a criação de três novos acessos pedonais ao terreno, que irão permitir percursos no interior do bairro, assim como criar um novo espaço público neste bairro.

Além desta estratégia, propõem-se ainda a eliminação parcial do piso térreo do edifício hospitalar, ficando a estrutura edificada em consola e apoiada nos pilares existentes, de modo a estender o referido espaço público. O acesso principal a este edifício passará a realizar-se através da Travessa Guarda-Jóias, abrindo-se uma passagem no muro com o intuito de conferir continuidade a esta rua e torná-la uma passagem pública, resolvida através de uma ponte proposta que estabelece a comunicação entre a rua e o interior do edifício existente.

A estratégia projectual definida procura reinventar o lugar adaptando-se à topografia existente, passando a ter acessos em todos os arruamentos que confinam a área de intervenção, facilitando percursos e promovendo espaços de convívio, tanto para a comunidade como para a cidade.

> *"O trabalho do arquitecto torna-se portanto um trabalho de detective, que procura restabelecer correspondências antigas e vitais, traumaticamente cortadas e mal perceptíveis."* (Siza, 2019: p. 9)

Para complementar a ideia de permeabilidade, o projecto converte o piso térreo do convento num acesso público, possibilitando deste modo a comunicação do público com o pátio.

Deste modo, gera-se um contraste entre o edifício que pousa sobre o jardim e o convento que se assume como uma estrutura singular nesta parte da cidade, que envolve o referido pátio ajardinado.

O segundo conceito procura a criação de atmosferas nos espaços exteriores e interiores dos edifícios, como também nos espaços de transição entre estes, com o objectivo de proporcionar novas experiências num lugar com história e assim proporcionar e acrescentar novas histórias. Para este efeito, foi necessário proceder a uma leitura crítica para identificar os factores existentes a fim de encontrar novas oportunidades e respostas.

> *"(...) a arquitectura é a única arte cujas obras exigem ser materialmente percorridas. Só ela exige visitas, percursos, desvios que implicam o investimento do corpo inteiro e que a percepção visual apenas não pode ser substituível."* (Choay, 2017: p. 246)

O edifício hospitalar, devido à sua dimensão em altura e de não haver edifícios de maior altura na sua proximidade, a sua fachada a sul possuí um sistema de vistas extenso, que abarca parte de Lisboa, o rio Tejo e a margem sul, estabelecendo uma relação com a paisagem longínqua. Um cenário no qual interagem elementos estáticos, outros em constante movimento; a presença de diferentes escalas, de pessoas na rua, aos cargueiros que atravessam o rio; de várias naturezas, da construção, do líquido e da vegetação da margem sul. Tal como um espectador numa sala de cinema, que não interfere com a sequência de cenas desfrutando-a, e pausa quando fecha a cortina da janela. A sua volumetria e altura torna-o num edifício com vivências independentes e dependentes da envolvente exterior.

O convento revela uma construção térrea e densa, que acompanha a morfologia do terreno, estabelecendo uma relação com a cidade exterior e com o interior do convento, configurado no seu pátio. A ligação do seu espaço interior com a cidade é realizada num dos seus limites com o seu espaço de claustro/pátio e no seu outro limite com a paisagem envolvente próxima.

É através destes espaços de transição, sejam interiores ou exteriores, que se procura actuar, intensificar e reinventar a vivência de ambos os edifícios.

> *"Tensão entre interior e o exterior. Na arquitectura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora. Fantástico. E isto implica outras coisas igualmente fantásticas: soleiras, passagens, pequenos refúgios, passagens imperceptíveis entre o*

interior e o exterior uma sensibilidade incrível para o lugar; quando este invólucro está de repente à nossa volta e nos reúne e segura, quer sejamos muitos ou apenas uma pessoas. Desenrola-se então um jogo entre o indivíduo e o público, entre a privacidade e o público. É com isto que a arquitectura trabalha." (Zumthor, 2006: p. 46)



63. Antigo Hospital Militar de Belém, vista do alçado nascente do conjunto arquitectónico a intervir.



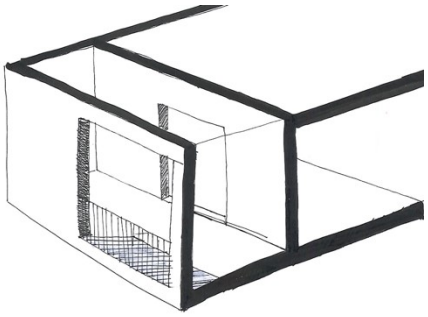
64. Antigo Hospital Militar de Belém, vista do alçado sul do conjunto arquitectónico a intervir.



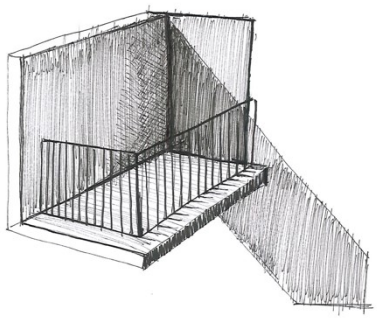
65. Antigo Hospital Militar de Belém, vista do alçado norte do conjunto arquitectónico a intervir.

No caso do hospital, o volume saliente na fachada será transformado com novas varandas, as quais serão também adicionadas noutras fachadas deste edifício, de modo a potenciar as vistas fortalecendo a relação com exterior. A colocação destes elementos de varandas é uma adição de espaço que interage com o interior dos quartos dos estudantes e gera espaço exterior para o seu usufruto.

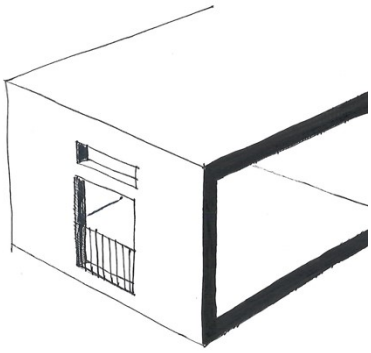
É também proposto a criação de um espaço público exterior coberto por este edifício, protegendo-o das condições climáticas adversas.



66. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso da varanda embutida do quarto dos estudantes, pela autora 2020.



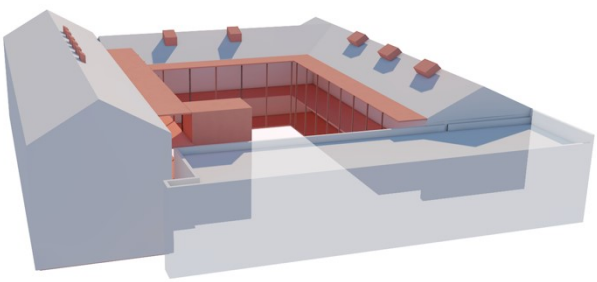
67. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso da varanda projectada do quarto dos estudantes, pela autora 2020.



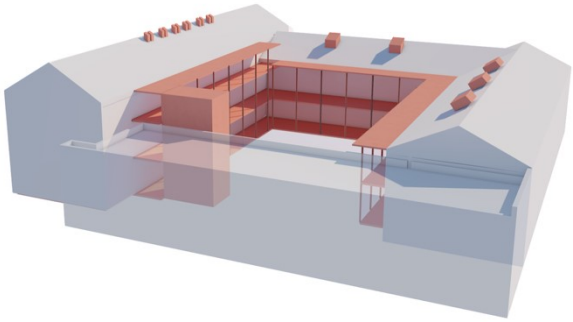
68. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso da varanda de sacada do quarto dos estudantes, pela autora 2020.

Em contrapartida, no convento, propõem-se a revitalização e a reinvenção da estrutura do seu claustro, para além de se constituir como espaço de circulação, será também uma zona exterior de estar para os residentes. No espaço interior das habitações, devido à grande profundidade entre as paredes exteriores do convento, circunstância que dificulta a incidência de luz solar na extensão total do espaço habitado, propõem-se a introdução de lanternins que potenciam o aproveitamento da luz natural.

> *"Uma das ideias preferidas é a seguinte: pensar o edifício primeiro como uma massa de sombras e a seguir, como um processo de escavação, colocar luzes e deixar a luz infiltrar-se. (...) A segunda ideia preferida é colocar os materiais e superfícies, propositadamente, à luz e observar como reflectem."* (Zumthor, 2006: p. 60)



69. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo volumétrico da cobertura e da estrutura do claustro do convento, pela autora 2020.



70. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo de sombras da cobertura e da estrutura do claustro do convento, pela autora 2020.



71. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo volumétrico das habitações T2 no convento, pela autora 2020.



72. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo das aberturas no lanternim das habitações T2 no convento, pela autora 2020.

4.3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

> *"A arquitectura é certamente uma arte espacial, é o que se diz, mas a arquitectura também é uma arte temporal."*
> (Zumthor, 2006: p. 42)

O presente subcapítulo expõe a descrição do projecto de arquitectura e as premissas associadas, através da caracterização do programa de cada edifício e das respectivas intervenções de arquitectura realizadas, assim como a correlação entre estes temas.

Em paralelo e com o suporte das investigações apresentadas anteriormente, procurou-se definir o programa adequado e a definição de estratégias intervenção de modo a procurar e elaborar a solução final de projecto.

Para este efeito, procedeu-se numa primeira fase à avaliação dos edifícios e espaços pré-existentes; seguido do reconhecimento das situações e elementos com ou sem valor patrimonial; numa ponderação sobre o que deveria ser preservado, alterado, adicionado e ou eliminado. Na mesma vertente, procedeu-se à análise do contexto envolvente; a definição de um programa compatível com a tipologia, construtiva e organizacional das edificações existentes, procurando-se com estas premissas definir estratégias projectuais de modo a satisfazer necessidades contemporâneas da comunidade e introduzir novas valências nesta zona da cidade[20]. A proposta de intervenção foca-se na reabilitação de um conjunto de edifícios de épocas diferentes, na reconversão do programa dos mesmos e na criação de novos espaços interiores e exteriores.

O programa funcional engloba uma dimensão de espaços públicos e de espaços privados, distribuídos pelos três edifícios, sendo estes unidos pela proposta realizada para os espaços públicos exteriores envolventes. Este processo de distribuição de funções e o redesenho dos espaços interiores e exteriores teve como objectivo estabelecer uma relação harmoniosa entre as diferentes escalas, nomeadamente, a relação entre os edifícios a intervir; o tratamento dos espaços exteriores que interligam estas estruturas; a forma como estes se fundem com a morfologia do terreno e com o tecido urbano. O programa proposto de habitação para jovens e estudantes nos

[20] Aguiar, José; Pernão, João Nuno; Ferreira, Teresa C. (2018) Arquitectura, património e projeto de reabilitação. Em *Construção Magazine*, nº 88, 40-43.

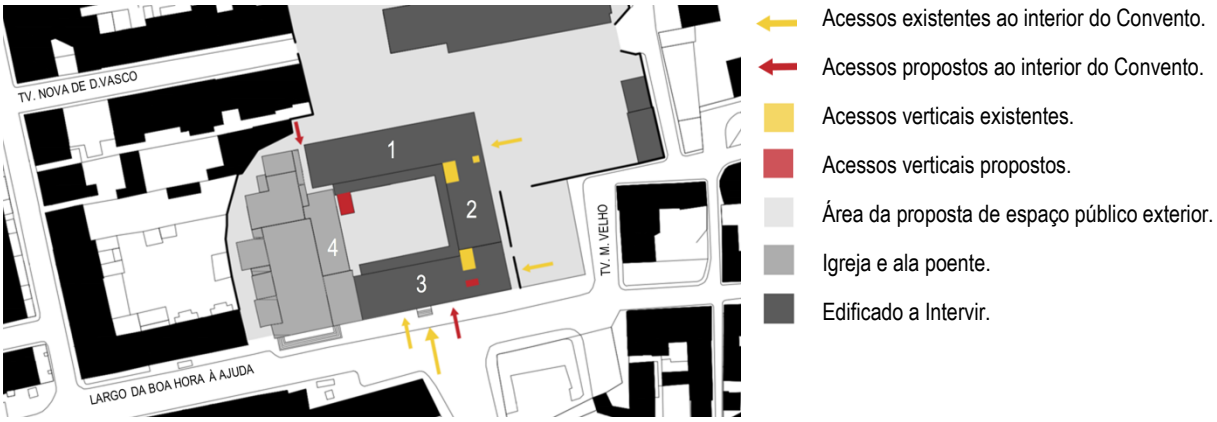
edifícios a reabilitar, procura reactivar a relação destas tipologias do habitar com a envolvente social e promover a relação desta nova população com a estrutura de bairro envolvente.

O projecto propõem a criação de um espaço público e de um parque de estacionamento exterior. O convento irá albergar serviços, comércio e um restaurante, nos pisos com contacto directo com o exterior, nomeadamente, o piso térreo e o primeiro, enquanto os pisos superiores serão reservados para vinte e duas unidades de habitação. No caso do edifício hospitalar será convertido numa residência para estudantes e irá acomodar um restaurante no último piso.

Para uma melhor compreensão do projecto, procede-se à caracterização individualizada de cada um dos edifícios, a partir da cota mais baixa do terreno até atingir a cota mais alta, intercalando-se esta informação com a caracterização do planeamento proposto para o espaço público exterior. A descrição opta por explicitar a intervenção através de um percurso pelos espaços e ambientes propostos.

O convento é constituído por quatro alas, que envolvem um pátio exterior e o volume da igreja. A ala poente pertence ainda à gestão da comunidade religiosa da igreja, sendo as restantes alas objeto da proposta do presente projecto. O edifício implanta-se e adapta-se à topografia do terreno, sendo composto por três pisos na ala sul e norte e por dois pisos na ala nascente, existindo um desnível de coberturas da ala sul e nascente com a ala norte. Este edifício possuí acessos para o exterior distribuídos pelas três alas, assim como, acessos verticais que permitem a comunicação entre pisos, nomeadamente, duas caixas de escadas interiores, uma escada exterior proposta e três elevadores, sendo um deles existentes.

Ao nível térreo, existe apenas um piso na ala sul, dividido em duas fracções, identificando-se como o corpo A e corpo B, o corpo mais a poente e o corpo nascente, respectivamente. O corpo A tem acesso para o exterior, Largo da Boa Hora, tendo sido propostos os seguintes espaços: dois vestiários, ambos os géneros; um elevador e uma caixa de escadas. Este corpo destina-se à entrada de funcionários do restaurante localizado no piso superior e proporcionar a independência para as cargas e descargas de mercadorias para o mesmo.

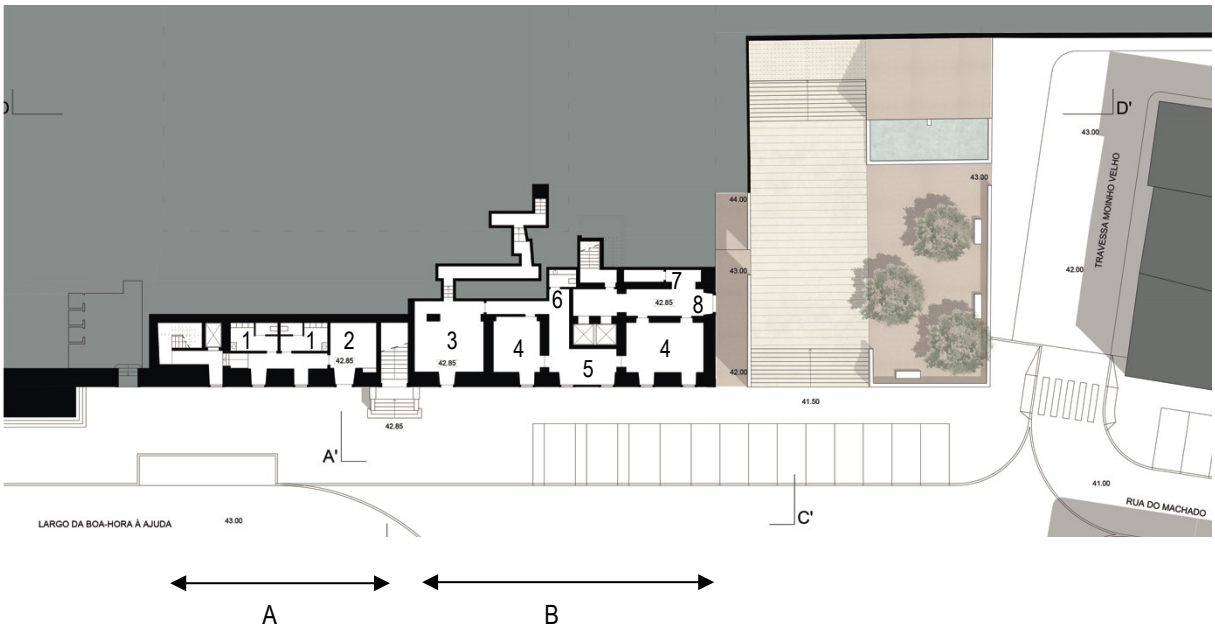


73. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta de implantação com a identificação das alas do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora da Ajuda: 1 - ala norte; 2 - ala nascente; 3 - ala sul; 4 - ala poente. Proposta de acessos pedonais e acessos verticais no Convento.

O corpo B está dividido em duas partes, com dois acessos distintos ao exterior. Na sua fachada sul é proposta uma entrada, a partir do Largo da Boa Hora, criada num vão existente e que permite acesso a um espaço reservado aos escuteiros da freguesia da Ajuda. Este espaço é interiormente organizado com três salas, uma zona de espera, e uma instalação sanitária. A relocalização do grupo de escuteiros no convento, resulta da demolição proposta da garagem, onde se encontram actualmente, construída posteriormente ao convento, junto à igreja, com o pressuposto de devolver um percurso perdido, assim como criar um novo acesso à área de intervenção.

Esta intervenção liberta este conjunto (igreja e convento) do traçado urbano envolvente, de modo a ser entendido como objecto independente, mantendo a sua identidade e relações com a envolvente desta parte de cidade, bem como com a sua própria história.

A outra entrada, realiza-se pelo lado nascente por uma porta existente, onde irá ser acomodar uma área técnica de contadores, dois elevadores e uma caixa de escadas de acesso aos pisos superiores. Esta área destina-se ao acesso dos residentes das unidades habitacionais do edifício e a indivíduos com mobilidade condicionada.



74. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso térreo do Convento à cota 42.85. Espaços: 1 - Vestiários; 2 - Entrada de funcionários; 3 - Entrada para o espaço dos Escuteiros; 4 - Sala; 5 - Espaço de espera; 6 - Instalação sanitária; 7 - Área técnica; 8 - Entrada residentes.

O primeiro piso, de caráter público, ocupa as três alas de intervenção, com acessos para o exterior em todas essas alas e um pátio. A entrada principal realiza-se na ala sul, através do Largo da Boa Hora, por via de escadas, uma vez que este piso está acima da cota do arruamento público. A entrada dá acesso ao centro do interior da ala sul, que distribuí para as restantes alas e para o pátio.

Ao entrar no convento existe um espaço em corredor, que atravessa toda a ala sul na sua largura, com umas escadas em pedra, enquadradas com paredes parcialmente revestidas a azulejos pré existentes em tons de azul,

que irão dar acesso ao nível do primeiro piso; neste patamar existem dois arcos em pedra, um à esquerda e outro à direita, que permitem a comunicação com os restantes espaços do convento e frontalmente descobre-se o acesso ao referido pátio.



75. Lisboa, antigo Hospital Militar de Belém, fotografia da entrada exterior do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia da autora 2018.

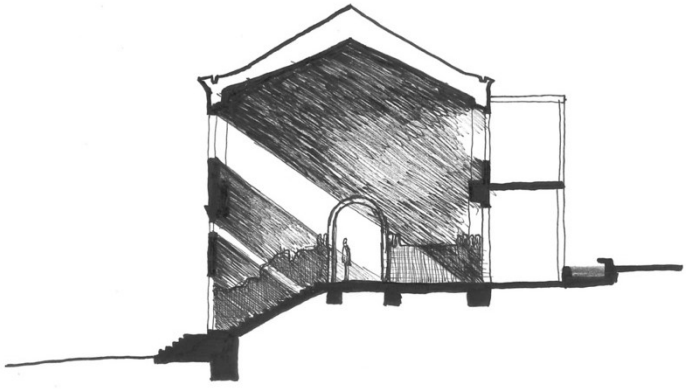


76. Lisboa, antigo Hospital Militar de Belém, espaço interior da entrada principal do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia da autora 2018.



77. Lisboa, antigo Hospital Militar de Belém, vista para o corredor da ala sul a partir do patamar da entrada principal do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia da autora 2018.

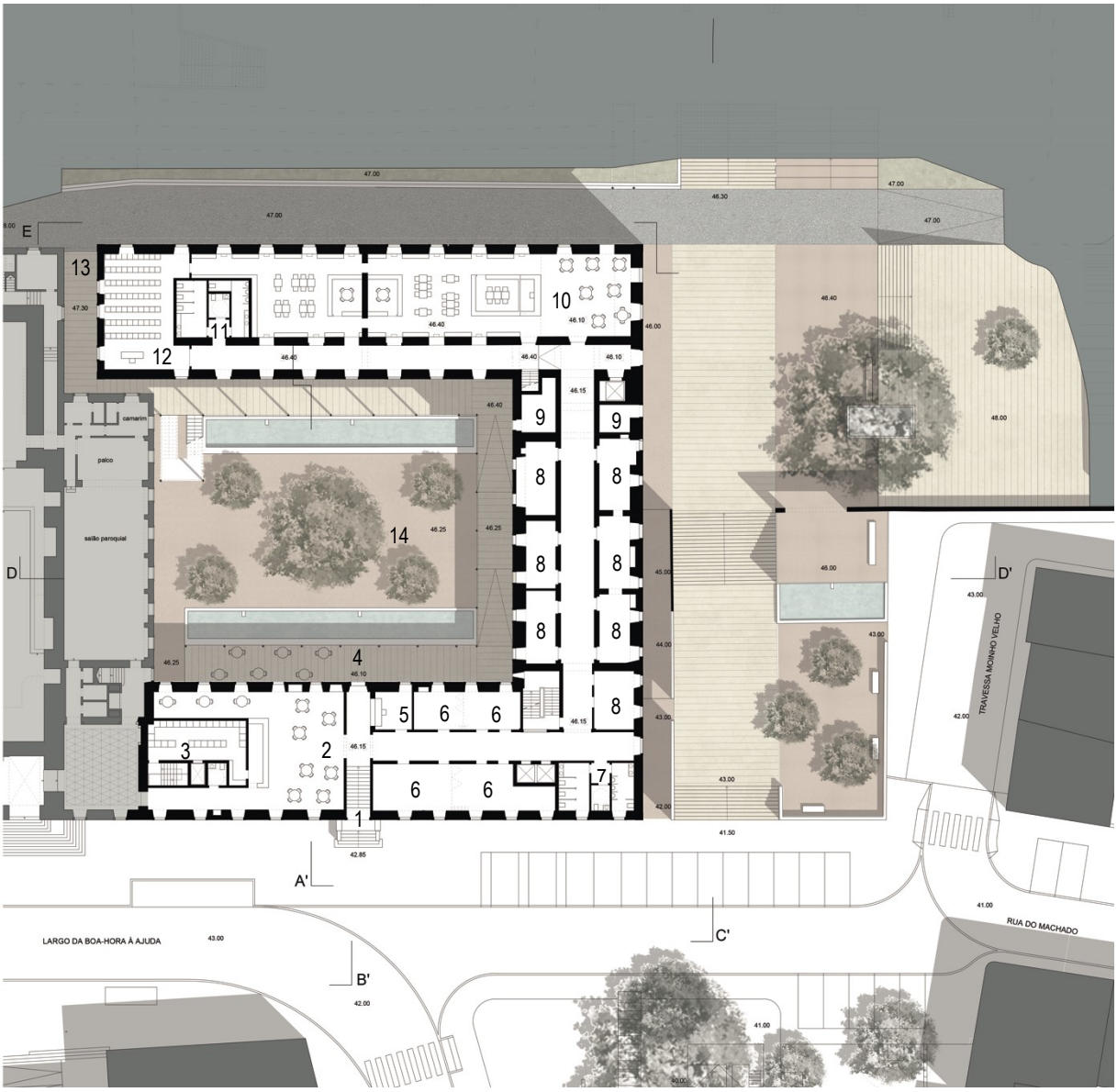
Neste espaço de entrada, a presente intervenção propõe a remoção da laje do piso superior, no espaço de corredor de entrada, criando-se um espaço com duplo pé direito, onde é possível visualizar as janelas do piso superior, cujas paredes do topo deste corredor, permitirão a entrada de luz natural com diferentes intensidades, devido às respectivas orientações solares, sendo mais intensa no lado sul e menos intensa a de norte, tornando-se a luz difusa à medida que percorre as paredes da entrada, até atravessar os azulejos, nos quais será reflectida, proporcionando um momento de cor, até atingir o pavimento de pedra, reflectindo-se assim os seus tons de cor creme, até ao inicio das escadas da porta principal. A proposta de um pé direito elevado, procura configurar um espaço que evidencie o contraste de luz e de escalas, com um carácter compatível com a dimensão deste edifício. O indivíduo ao entrar neste espaço é, num primeiro momento, confrontado com a largura estrita deste corredor, definido entre paredes bastante altas e parcialmente ornamentadas, com iluminação acima do nível dos olhos, numa analogia à luz presente nas igrejas católicas.



78. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo da luz na entrada principal proposta para o Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, pela autora 2020.

No patamar de entrada, ao atravessar o arco existente à esquerda, é proposto um restaurante, com os respectivos equipamentos complementares constituídos pela cozinha, espaço para refeições e uma instalação sanitária.

A cozinha desenha uma ilha, no interior do espaço do restaurante, assumindo-se como um objecto independente das paredes exteriores do convento, como uma caixa no interior dentro de outra que a contem, procura proporcionar um melhor aproveitamento da luz natural vinda das fachadas. Para o espaço de refeições e do restaurante são propostos dois acessos, um ao pátio exterior, para a introdução de um espaço de esplanada e, uma comunicação interior entre a ala poente e o restaurante, realizada através de um vão existente. Esta última ligação, permite o acesso da população que frequenta a igreja e as actividades na ala poente, ao restaurante e ao pátio, proporcionando um espaço de convívio ou de espera. Gerando-se a ligação entre o sagrado e o profano.



79. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso 1 do Convento à cota 46.15. Espaços: 1 - Entrada principal; 2 - Restaurante; 3 - Cozinha; 4 - Claustro; 5 - Recepção; 6 - Salas polivalentes; 7 - Instalações sanitárias; 8 - Comércio; 9 - Área técnica; 10 - Biblioteca e espaços de leitura; 11 - Instalações sanitárias; 12 - Sala polivalente; 13 - Acesso exterior ao pátio; 14 - Pátio.

Por outro lado, ao atravessar o arco da direita, define-se um corredor bastante largo, com apenas uma janela no seu topo, de grandes dimensões, sendo a única fonte de luz natural, o que proporciona uma sensação de profundidade a quem percorre este espaço. Este corredor distribuí para várias divisões, nomeadamente: o espaço da recepção e segurança; quatro salas polivalentes destinadas a actividades variadas, com painéis amovíveis entre cada duas salas, de modo a ser possível a sua junção; instalações sanitárias; e o acesso a dois elevadores e uma caixa de escadas.



80. Lisboa, Antigo Hospital Militar de Belém, vista do corredor da ala sul do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia da autora 2018.

No final deste corredor, ao contornar à esquerda, um arco em pedra permite o acesso a novo corredor. Este espaço de circulação atravessa a ala nascente, distribuindo para sete espaços existentes, os quais são propostos para comércio. O tecto deste corredor possui cinco arcos estruturais, com distanciamentos irregulares, propondo-se, de modo a harmonizar este espaço, a continuidade visual entre estes arcos com a introdução de tecto falso em ripado, construído entre os arcos existentes com a mesma curvatura.

Ao fundo deste corredor, revela-se uma porta de grande dimensão, com uma moldura ortogonal em pedra, que permite o acesso à biblioteca e aos espaços de leitura, que ocupam a ala norte. No confronto com a profundidade do corredor, é possível observar o contraste entre a forma do tecto curvilíneo e a figura da porta retangular, sendo este um enquadramento que se pretendeu preservar, de modo a acentuar a perspectiva e profundidade deste espaço de circulação.



81. Lisboa, Antigo Hospital Militar de Belém, corredor da ala nascente do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, com vista para a porta de entrada da biblioteca proposta no projecto de reabilitação na presente dissertação, fotografia da autora 2018.



82. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do corredor na ala nascente, com vista para a porta de entrada da biblioteca, introdução de elementos no tecto com a mesma curvatura dos arcos estruturais existentes, pela autora 2020.

Ao atravessar este espaço, somos introduzidos no espaço de comunicação entre as alas nascente para ala norte. No lado direito, existe um acesso ao exterior do convento e um elevador de acesso ao piso superior. Do lado esquerdo, uma caixa de escadas interiores, que permite aceder igualmente ao piso superior, e um corredor que atravessa a ala norte. Neste corredor desenvolve-se uma ligação visual para o pátio exterior do convento e para o interior da biblioteca, em toda a sua extensão, através da introdução de vãos nas paredes interiores e exteriores existentes, assim como também permite o acesso a um núcleo de instalações sanitárias.

Na biblioteca proposta, um espaço com duplo pé direito, é proposta a sua organização com um balcão, espaço para mesas e contacto visual para o exterior. Após atravessar este espaço, entramos na ala norte, o pé direito reduz, as paredes são aproveitadas para serem revestidas com armários para livros e um espaço extenso com conjuntos de mesas e cadeiras, distribuídos no centro e nas extremidades, possibilita momentos de estudo em grupo ou individualizado. Estes espaços encontram-se separados por três compartimentos retangulares, revestidos com estantes para livros, vocacionados para reuniões ou sessões individualizadas, possuindo entradas de luz natural pontuais. Na extensão percorrível deste espaço, existem dois eixos de circulação, com comunicação visual para o pátio do convento e para o exterior do edifício. No final da ala norte, foi proposta uma sala polivalente de grandes dimensões, com uma ligação à biblioteca e ao corredor de acesso ao pátio do convento, e a possibilidade de encerrar os seus acessos, de modo a permitir a realização de actividades específicas ou eventos direcionados.

Ao atravessar a entrada a principal do convento, a existência de um espaço estreito e pé direito elevado revela o acesso ao pátio. Na entrada do pátio do edifício o individuo confronta-se com um espaço em que pé direito reduz e é protegido por uma estrutura proposta para a reabilitação do claustro, sendo também possível observar o pátio ajardinado em toda a sua extensão, o qual se desenvolve em dois patamares. No claustro a presença proposta de um espelho de água, que se desenvolve na largura do pátio tendo uma altura adequada para os visitantes se sentarem. Este espelho de água reflecte o jogo de luz e sombras, bem como as cores da vegetação, refrescando o ambiente e proporcionando a uma reflexão lumínica nesta parte do pátio, uma vez que está construído praticamente tangente a umas das fachadas que mais necessita de luz natural



83. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, corte BB'.

O perímetro do claustro é revestido com pedra lioz, desenvolvendo um percurso a diferentes níveis, os quais serão interligados por rampas na ala nascente e por um degrau na ala sul (topo do claustro) que possibilita a transição entre o espaço de circulação e o nível do pátio central. O pátio central é revestido com saibro estabilizado, o qual envolverá as diversas árvores, onde se destaca a araucária[21] ao centro, permitindo o coberto vegetal momentos de sombra natural, desenhando um espaço amplo pavimentado com zonas de estar para convívio ou realização de actividades. Em frente à ala norte, proposto um outro espelho de água, elevado em relação ao nível do pavimento, com as mesmas intenções anteriormente descritas e com o objectivo de reflectir e projectar a luz solar para o interior do edifício, atravessando o corredor da ala norte até atingir o interior da biblioteca.

Ao atravessar o pátio é possível observar diversos tipos de elementos e matérias, como o som da água, que reflecte e espelha o que rodeia, os tons da vegetação que geram sombras irregulares, o metal- um elemento rígido e estático - que define construtivamente a nova estrutura do claustro, a pedra fria do pavimento que percorre tangencialmente as fachadas cor-de-rosa convento. Este conjunto de sensações e percepções diferenciadas ambicionam proporcionar experiências que estimulem o visitante sobre a estrutura e vivência deste espaço.

A reconfiguração do claustro[22], advém do reconhecimento do seu valor como elemento estruturador do edifício existente, sendo como tal proposto uma nova estrutura em metal, em "U", a qual permite uma ligação protegida entre todas a alas objecto da presente intervenção. Esta estrutura acompanha os pisos do convento, tendo dois níveis nas alas sul e nascente, três níveis na ala norte, que terminam numas escadas exteriores, substituindo as escadas existentes, embora com uma configuração diferente. Procura-se preservar a interligação vertical entre todos os pisos, permitindo a comunicação exterior entre todas as alas, funcionando este estrutura como um elemento distribuidor para os espaços funcionais.



84. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, corte DD'.

[21] Árvore de grande porte.

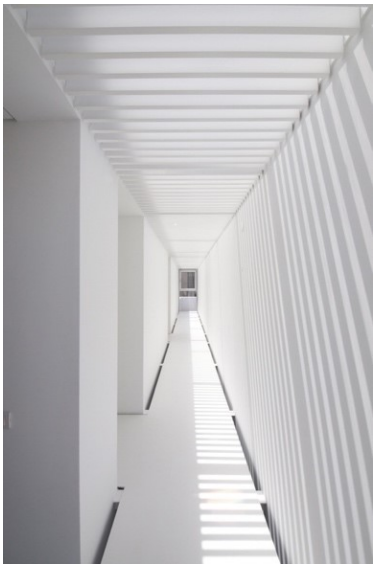
[22] Carrilho da Graça (2018) descreve o claustro do seguinte modo: "O claustro é um espaço de contemplação. Geometricamente elementar, um quadrado em planta, o claustro constrói o centro, vazio, o espaço entre outros espaços funcionalmente mais determinados e que, a partir ou por referência a ele, ganham autonomia arquitectónica." Em revista *Arqa*, nº 131, p. 52.

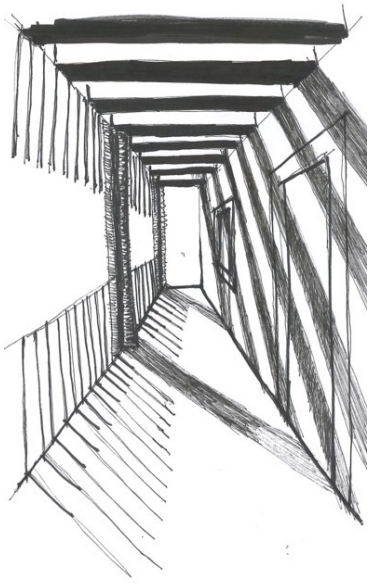
> *"O que considero o primeiro e maior segredo da arquitectura, é que consegue juntar as coisas do mundo, os materiais do mundo e criar este espaço. Porque para mim é como uma anatomia. É verdade. Tomo o conceito do corpo quase literalmente. Tal como nós temos o nosso corpo com uma anatomia e coisas que não se vêem e uma pele ... etc., assim funciona também a arquitectura e assim tento pensá-la. Corporalmente, como uma massa, como uma membrana, como um tecido ou invólucro, veludo, seda, tudo o que me rodeia."* (Zumthor, 2006: p.22)

A escolha da estrutura metálica teve por objectivo gerar um contraste entre a construção existente e a nova, ou seja, entre matérias e as cores existentes, permitindo reconhecer os diferentes tempos de intervenção neste edifício. Os pilares foram enquadrados com os vãos existentes nas fachadas, uma situação que não se verificava no anterior claustro, assim como, proporcionar espaços de transição entre o interior e o exterior. Os pilares em cruz, são uma consequência da junção de dois pilares, com uma secção em "T", colocados costas com costas. A estrutura proposta cria um ritmo que marca o sentido de verticalidade no interior deste espaço.

Para este efeito, os pilares propostos sobressaem em relação à estrutura do claustro, estando o pavimento e a cobertura do claustro recuados e alinhados a meio do pilar em cruz, permitindo o destaque destas lâminas verticais, com uma métrica definida de acordo com os vão existentes.

A guarda que envolve os pisos do claustro encontra-se igualmente recuada, sendo construída com lâminas verticais, que se estendem para cima e para baixo da cota do pavimento, mais precisamente a 1.10 metros acima do pavimento do piso e abaixo deste são alinhadas com as molduras de pedra dos vãos dos pisos inferiores. Esta extensão irá criar um jogo de sombras em ambos os pisos, com um padrão regular e denso, destacando-se a espessura da sombra dos pilares propostos pontualmente, contrastando com a luz irregular que atravessa a vegetação existente no pátio. A guarda é composta por lâminas equidistantes, com a particularidade de nos seus topos estarem afastadas dos pilares, criando um vazio com o objectivo de transmitir a ideia de independência entre estes dois elementos estruturais. A guarda do claustro enrola-se sobre as escadas exteriores, criando uma pele que permite identificar a presença das escadas no pátio, dando apenas uma visão parcial das mesmas.





85. Lisboa, Casa em Paço de Arcos, projecto da autoria do arquitecto Jorge Mealha (2010).

86. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo das sombras na galeria do claustro no piso 2 do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, pela autora 2020.





87. Bélgica, Holsbeek, Crematório Hofheide, da autoria dos arquitectos RCR, 2014. Fotografia de Tim Van de Velde.

88. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo da luz e do ambiente do claustro no piso 1 do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, pela autora 2020.

A cobertura do claustro, ao nível do piso dois e do piso três, é constituída por uma estrutura metálica composta, com espaçamentos vazios entre elementos horizontais, permitem a incidência de luz solar para o interior da galeria que distribuí para as habitações, consequentemente promove o aumento da entrada de luz natural no interior das unidades habitacionais. Esta cobertura irá potenciar diferentes momentos de luz ao longo do dia, devido à rotação do sol nas diferentes fachadas, formando um padrão ritmado.

Assim, na vivência proposta para o claustro procura gerar harmonias entre toda a nova estrutura metálica pintada na cor branca, o tom rosa do convento existente; a pedra lioz do pavimento, em tom de creme, potenciará a reflexão da luz recebida, bem como refrescar a temperatura neste espaço; no que se refere ao pátio central o saibro estabilizado numa cor similar ao lioz, com uma textura rugosa, proporcionara a aparência de terreno natural, integrado com as árvores existentes.

> *"Portanto estes espaços, varandas ou pórticos, têm exactamente a função que tem o pátio (...) Estas transparências (...) a necessidade destas pausas, que de certo modo desmaterializam a casa e criam uma sensação de continuidade e de passagem suave entre a dimensão do interior e a complexidade do exterior."* (Siza, 2019: p. 47)

No piso dois, foram propostas treze unidades de habitação, com tipologias T1 e T2; uma lavandaria para os residentes do edifício; um acesso ao exterior do convento, na fachada norte; e dois acessos distintos ao claustro, nos vértices do convento. A distribuição para as habitações realiza-se através do claustro, com excepção de dois apartamentos, que se localizam no encontro da ala sul e a ala nascente, nomeadamente, um T1 e um T2.

Neste piso localizam-se três T1 e dez T2, desenhados segundo uma lógica de organização espacial, existindo casos de excepção nos cantos do convento. Para a concepção destas habitações, optou-se por concentrar as zonas com presença de água, instalações sanitárias e espaços de cozinha, nos eixos centrais das alas do convento. Criando situações de simetria entre habitações, para uma melhor gestão das suas infraestruturas.



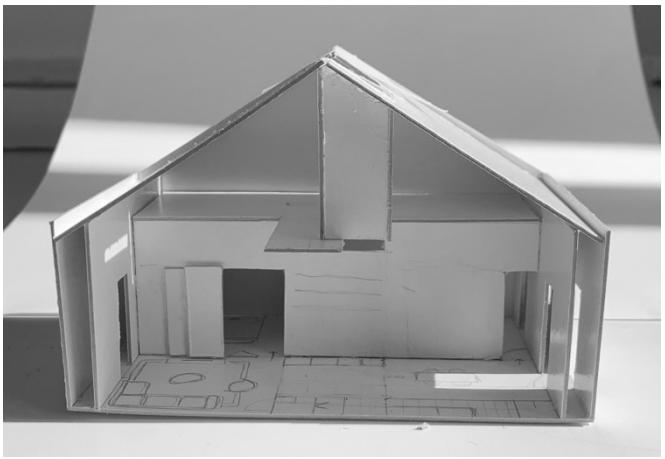
89. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso 2 do Convento à cota 50.70 e do piso térreo da Residência de estudantes à cota 51.00. Espaços: 1 - Habitação T1; 2 - Habitação T2; 3 - Lavandaria; 4 - Pátio; 5 - Restaurante; 6 - Entrada Residência de estudantes; 7 - Balcão; 8 - Área técnica; 9 - Arrumos; 10 - Cargas e descargas; 11 - Acesso exterior ao pátio.

Na ala nascente localizam-se quatro unidades de habitação, três T2 e um T1. Os apartamentos T2 desenvolvem-se tendo como premissa o conceito da flexibilidade espacial.

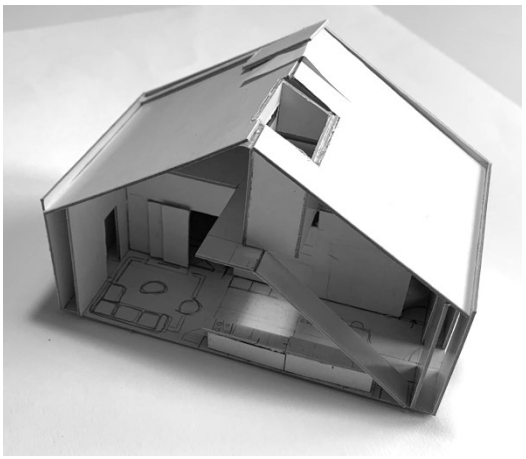
> *"A facilidade de que existe em juntar ou separar as divisões, a forma como ao logo do dia e ao sabor da vontade se pode transformar o espaço, questiona a organização tradicional da casa e induz uma nova gestão das relações de intimidade e privacidade."* (Rodrigues, 2013: p. 95)

À entrada de cada residência, um volume saliente do tecto proposto para o claustro, revela um lanternim quadrado que marca este momento e que proporciona luz artificial.

A habitação é desenhada em dois níveis, sendo que no primeiro nível existem duas zonas paralelas distintas, um espaço amplo que atravessa a extensão do apartamento e um espaço compartimentado. No interior do apartamento, à entrada, um espaço amplo e transparente, com duplo pé direito, com umas escadas, escondidas por painéis, que ao olhar para cima, revela um volume saliente no tecto, que se estende em direcção ao centro deste espaço, um lanternim que esconde a passagem do nível superior, contendo várias aberturas de luz para as paredes da habitação, projectando um quadrado de luz no centro do pavimento do apartamento. As escadas de acesso ao piso superior incorporam módulos de arrumação e de cozinha, com a possibilidade de esconder os módulos de cozinha com painéis rebatíveis, seguindo o conceito de kitchenette. À medida que percorremos este espaço que atravessa a profundidade da habitação, o pavimento em tábuas de madeira, muda de sentido três vezes, alinhado com as divisões paralelas. O espaço compartimentado é constituído por dois quartos, cada um com acesso a uma instalação sanitária. Em cada quarto, existem dois armários duplos amovíveis e duas camas individuais rebatíveis, havendo a hipótese de deslocar estes módulos, oferecendo dois cenários ao residente: duas camas individuais ou a junção destas para uma cama de casal. Esta lógica, permite alojar um máximo de quatro pessoas por habitação. As paredes divisórias dos quartos são painéis amovíveis, o que possibilita a extensão do espaço e, as camas rebatíveis, permitem o aumento do espaço livre, em caso de necessário. A habitação pode ser compartimentada de acordo com o residente, ou seja, conforme as suas necessidades.



90. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, maqueta de estudo da volumetria do espaço interior da habitação T2 no Convento, pela autora 2020.



91. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, maqueta de estudo da luz no espaço interior da habitação T2 no Convento, pela autora 2020.



92. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, maqueta de estudo da luz artificial no interior da habitação T2 no Convento, pela autora 2020.



93. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, maqueta de estudo, pela autora 2020.

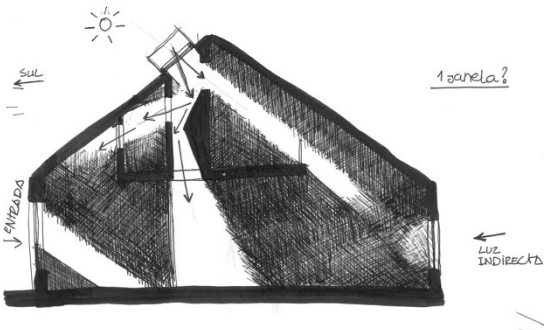
Ao subir a escadas, o lanternim projecta luz na parede adjacente. No piso superior acede-se a uma ponte, que liga a um espaço polivalente, localizado sobre os quartos, que também possui luz proveniente deste lanternim. Esta passagem está escondida por este lanternim, ao mesmo tempo permite o contacto visual com o piso inferior.

As restantes habitações T2 no piso seguem a lógica espacial anteriormente descrita, com excepção de não possuírem um segundo piso.

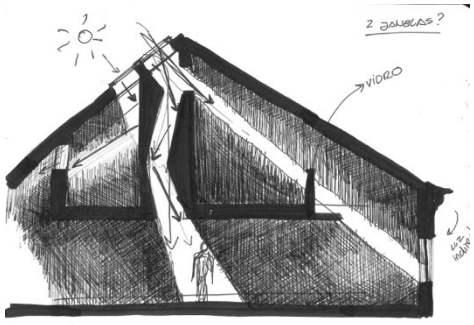
O terceiro piso, abrange só a ala norte, sendo composto por seis lofts, um T1, um T2 e um T3. O acesso às habitações é realizado por uma galeria exterior, como extensão do claustro.

Os lofts são dimensionados de acordo com os apartamentos T2 do piso inferior, ou seja, um apartamento T2 equivale a dois lofts.

Os lofts são definidos seguindo os mesmos conceitos anteriormente descritos, no que diz respeito ao primeiro nível da habitação. Nesta mesma lógica, na zona da entrada localizam-se as escadas que abrigam módulos de arrumação e kitchenette, com a opção de a esconder através de painéis amovíveis.



94. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo da luz nos lofts com uma janela, pela autora 2020.



95. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do estudo da luz nos lofts com duas janelas, pela autora 2020.

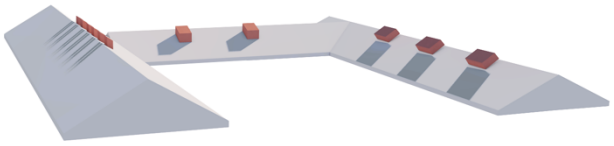
Existe um espaço amplo e longitudinal, tendo o pavimento sido dividido em três zonas, tal como nos T2.

Ao subir as escadas é proposta uma entrada de luz natural no seu topo, que ilumina este percurso até chegar a um patim que distribuí para uma instalação sanitária e para o quarto.

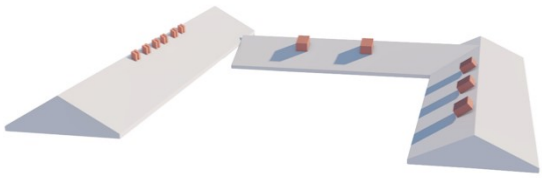
A instalação sanitária é independente do quarto, para caso o residente receba uma visita, proporcionando privacidade ao espaço do quarto. No interior deste espaço existe um volume paralelepipédico junto à parede que separa estas divisões, um lanternim, que o atravessa verticalmente até ao piso inferior, com a realização de aberturas na sua extensão para o quarto e para a instalação sanitária, acabando por atravessar a laje de pavimento e projectar luz natural no piso inferior.

As entradas de luz zenital em todos os apartamentos, realizada pelos lanternins anteriormente descritos, revelam volumes salientes no exterior das coberturas, com diferentes dimensões e orientações, criando um jogo de volumes, desenhados e posicionados de acordo com a escala das habitações e com as orientações solares a que cada ala do convento está exposta. Para além destes elementos proporcionarem a transmissão de luz natural para o interior das habitações, poderão funcionar à noite como lanternas geradores de um padrão de luzes artificiais.

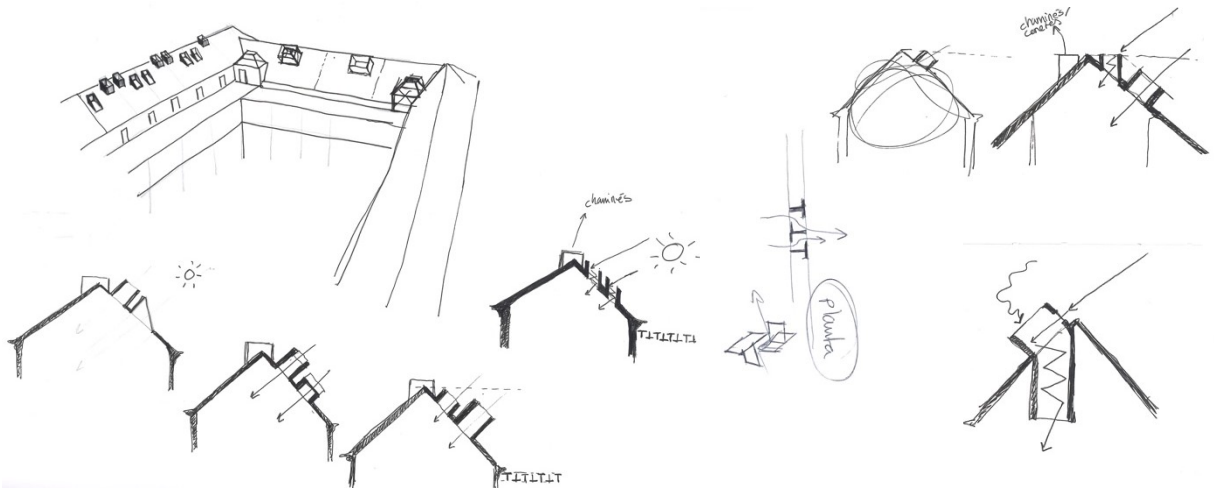
> *"A arquitectura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes reunidos sob a luz. Nossos olhos são feitos para ver formas sob a luz; as sombras e os claros que revelam as formas; os cubos, os cones as esferas, os cilindros ou as pirâmides são as grandes formas primárias que a luz revela bem; suas imagens não são nítidas e tangíveis, sem ambiguidades. É por isso que são belas formas, as mais belas formas."* (Le Corbusier, *Por uma Arquitectura:* p. 13)



96. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional da proposta de cobertura do Convento, pela autora 2020.



97. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, modelo tridimensional do estudo das sombras da proposta de cobertura do Convento, pela autora 2020.



98. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquissos de diferentes combinações geométricas dos lanternins das habitações para a proposta de cobertura do Convento, pela autora 2020.

Ao sair do convento, pelo acesso existente no segundo piso para exterior, localizado entre a ala norte e a ala nascente, o utilizador atravessa uma ponte que permite o acesso à 51.00. Após percorrer a ponte no seu términus confronta-se com um espaço amplo, formado por um tabuleiro composto por zonas verdes e por zonas pavimentadas, o acesso à residência de estudantes e um parque de estacionamento. O referido acesso à residência pode ser realizado pelo exterior, por via de escadas, ou pelo interior, por meio de elevadores ou pela caixa de escadas interior.



99. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso 3 do Convento à cota 55.48 e do piso 1 da Residência de estudantes à cota 55.30. Espaços: 1 - Habitação T1; 2 - Habitação T2; 3 - Habitação T3 ; 4 - Loft; 5 - Pátio; 6 - Entrada principal da Residência de estudantes; 7 - Gabinete administrativo; 8 - Enfermaria; 9 - Instalações sanitárias; 10 - Área técnica; 11 - Sala polivalente; 12 - Sala de convívio; 13 - Refeitório; 14 - Cozinha; 15 - Copa para funcionários; 16 - Vestiários femininos; 17 - Vestiários masculinos.

A opção de converter este edifício numa residência para estudantes justifica-se pelo facto de estar localizado na proximidade de um conjunto de instituições de ensino universitário e, pelo reconhecimento da situação de necessidade de prever alojamento para este grupo de jovens deslocados na cidade, constatando-se neste momento a falta de 10 354 camas[23].

A proposta para este edifício distribui-se em sete pisos, com acessos localizados no piso térreo e no piso um, composto por três caixas de escadas, um núcleo de levadores para os utentes e um para os funcionários.

Após a avaliação da estrutura existente, procedeu-se à reformulação da organização espacial adequando-a para as funções propostas a desempenhar com este novo uso.

Para este efeito, é proposta a remoção parcial do piso térreo existente para a introdução de um espaço público coberto e pavimentado com pedra lioz.

No piso térreo existem dois volumes independentes e umas escadas exteriores que estabelecem ligação com o primeiro piso deste edifício. Num destes volumes localiza-se o acesso público ao interior do edifício com um balcão para os clientes do restaurante doo último piso, um núcleo de elevadores, uma divisão destinada a área técnica e uma caixa de escadas interiores. Este espaço permite também o atravessamento para o acesso ao parque de estacionamento. O outro volume contém duas caixas de escadas, com acesso ao exterior, assim como também, um acesso ao interior do edifício, para realizar cargas e descargas e no qual existe um núcleo de elevadores destinado a uso exclusivo para os funcionários, um espaço de arrumos e também uma outra área técnica.

No primeiro piso, o acesso principal à residência realiza-se pela Travessa Guarda-Jóias à cota 55.28, possibilitando esta opção o atravessamento público através do interior deste edifício para o piso inferior, descrito anteriormente. Esta passagem visa criar um novo eixo pedonal no bairro, promovendo a transição entre os diferentes níveis do terreno e proporcionar novas soluções e condições de ligação também para indivíduos com dificuldades motoras.

Neste piso concentram-se os espaços de convívio e de serviços. Na entrada propõe-se um espaço amplo e extenso, com ligações visuais para o exterior, sendo também posicionadas zonas de estar e um balcão de recepção, que atravessa toda a profundidade do edifício até às suas escadas exteriores, permitindo o acesso à cota 51.00. Paralelamente a este espaço, no seu lado esquerdo, são propostos dois espaços para gabinetes administrativos, uma enfermaria com uma área de espera, um núcleo de instalações sanitárias, uma sala polivalente para diversas actividades e uma sala de convívio destinada aos estudantes. Relativamente ao seu lado direito, localiza-se o refeitório, cozinha, dois vestiários para ambos os géneros e uma copa para os funcionários. Neste refeitório está previsto um espaço para refeições, um espaço de self-service e uma zona designada para a limpeza dos tabuleiros, por parte dos utentes, e a recolha dos mesmos por parte dos funcionários.

[23] Uniplaces e Worx. (2017) *Relatório das Residência de Estudantes*.

Os pisos superiores, nomeadamente entre o e segundo e quinto piso, destinam-se às unidades de alojamento para estudantes, num total de 96 quartos, com capacidade máxima para 104 residentes. No piso tipo, foram desenhados 24 quartos, uma lavandaria, uma cozinha partilhada, uma sala de estudo com acesso a uma varanda comum, um núcleo de instalações sanitárias para ambos os géneros, um espaço de arrumos para o edifício, um espaço de arrumos destinado às encomendas dos residentes e para a colocação de eletrodomésticos partilhados.



100. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta do piso 4 do Convento à cota 58.40 e do piso 2 da Residência de estudantes à cota 58.87. Espaços: 1 - Loft; 2 - Sala de convívio; 3 - Lavandaria; 4 - Instalações sanitárias; 5 - Arrumos; 6 - Área técnica; 7 - Área de estudo; 8 - Quarto individual; 9 - Quarto duplo.

Existem duas tipologias de quarto: o quarto duplo e o individual.

O quarto duplo pelas suas dimensões e versatilidade, possibilita alojar dois residentes ou apenas um residente de mobilidade condicionada. A organização deste espaço com mobília fixa e camas rebatíveis permite um melhor aproveitamento espacial e proporciona as dimensões necessárias e regulamentares para a rotação de um indivíduo em cadeira de rodas. A instalação sanitária é também configurada de acordo com as regras da mobilidade condicionada. Desenvolvem-se dois cenários possíveis de modo a responder às diferentes necessidades.



101. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta parcial do piso 2,3,4 e 5 da Residência de estudantes. Espaços: 1 - Quarto individual; 2 - Quarto duplo.

O quarto individual para os estudantes foi desenvolvido com o objectivo de proporcionar um espaço confortável e adaptável às diferentes necessidades de cada residente. Este espaço de aproximadamente 20 m^2 transforma-se numa "habitação temporária" para este grupo de jovens, tendo em consideração a duração da estadia, a quantidade de horas que estão confinados no seu interior, bem como as relações que estabelecem com este espaço.

Procurou-se fornecer uma "casa temporária", com condições necessárias para o residente habitar sozinho, mas com a capacidade de a transformar e permitir diversas vivências, como a prática de exercício físico, receber visitas para convívio ou para estadia.

Para satisfazer estas condições propõem-se a adição de mais um espaço aos quartos, um espaço de transição de luz entre o exterior e o interior, uma varanda coberta, que pode ser lida como um volume. Deste modo, expande-se a área do quarto para o residente ter acesso a um espaço exterior protegido. Este espaço apresenta-se como mediador da luz natural, da temperatura, do ruído, contribuindo para o conforto e vivência do interior e proporcionando vistas sobre a paisagem.

A lógica de divisão e de configuração dos quartos assenta na reutilização da geometria e estrutura existentes, na reconfiguração das instalações sanitárias existentes ou introdução de novas, bem como a introdução de um volume fixo construído em madeira, com sete módulos de 60cmx60cm, localizados na parede de maior extensão e que incorpora: dois módulos para arrumação (de comida; utensílios de cozinha ou de limpeza), um frigorifico de pequena dimensão, um micro-ondas e uma bancada na extensão dos módulos, com tomadas para a utilização de objectos eléctricos (exemplo: chaleira, máquina de café; torradeira, entre outros), proporcionando condições para a preparação de refeições rápidas; dois módulos de roupeiro; dois módulos de arrumação e uma secretária.

As camas são elementos rebatíveis embutidos no armário, de modo a possibilitar a flexibilidade na utilização deste espaço.

A disposição dos elementos anteriormente referidos variam consoante a disposição no edifício e consequente geometria do quarto. Todos os quartos orientados a sul e a poente possuem um espaço exterior coberto com volumes salientes ou embutidos na fachada, sendo a varanda um prolongamento da dimensão dos quartos associados. A composição da imagem exterior do edifício reorganiza-se com base na adição ou subtração das varandas propostas, nomeadamente dos três tipos: a varanda construída no interior do edifício; a varanda projectada para o exterior da fachada e a varanda de sacada dos quartos de menor área.

Deste modo, procurou-se desenhar uma fachada contemporânea compatível com a estrutura matriz do edifício, promovendo a relação com os restantes espaços no edifício e articulando o seu toque no terreno e modo como "toca" no céu.

Após uma análise dos elementos de valor arquitectónico, optou-se também por preservar as varandas cobertas existentes no quarto e quinto pisos na fachada sul, em virtude da sua linguagem compositiva e formal singular, que remete para do movimento moderno e reveladora de influências de algumas obras realizadas pelo arquitecto Le Corbusier.



102. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, alçado sul.

No último piso é proposto um espaço público e um restaurante, com um espaço interior para refeições, um espaço de esplanada, com vista sobre o rio tejo e toda a sua paisagem envolvente, dois núcleo de instalações sanitárias, um para clientes e outro para funcionários e uma cozinha.

O espaço público proposto ao nível da rua, teve como objectivo a reabilitação de um espaço em clausura entre muros transformando-o e devolvendo-o à cidade para usufruto do Indivíduo comum.

Recriam-se e introduzem-se novas entradas que permitem o acesso livre à área de intervenção localizadas em diferentes pontos do muro existente, permitindo o atravessamento do quarteirão e fornecer novos eixos pedonais na zona.

O espaço público acompanha a topografia do terreno existente, permitindo a transição entre as diferentes cotas no interior do muro e os arruamentos públicos envolventes.



103. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, corte CC'.

Após uma interpretação do espaço existente, determinaram-se os elementos a preservar e quais a remover, nomeadamente, preservar o muro envolvente, uma edificação de um piso adjacente ao muro, a árvore de grande porte à cota 47.50 e a localização do parque de estacionamento existente.

O muro e a edificação existente são pintados na cor branco, de modo a permitir o destaque relativamente à cor existente no convento.

Propõem-se ainda a construção de um volume novo adjacente e com comunicação directa à uma edificação existente recuperada (à cota 48.00), os quais irão incorporar um espaço de restauração com um espaço de esplanada exterior. No edifício pré-existente será acomoda um espaço para os clientes e um balcão, enquanto que no novo volume serão colocados os serviços com infraestruturas complementares ao programa, nomeadamente, a cozinha, instalações sanitárias e um compartimento destinado aos lixos. O espaço de esplanada à cota 48.00, será prolongado até intersectar a árvore pré-existente e criadas umas escadas que estabelecem a ligação com um espaço a um nível inferior, à cota 46.40. A copa desta árvore fornece sombra extensa em ambos os níveis anteriormente descritos, proporcionando um momento de destaque e de refresco no espaço público.

O acesso de viaturas automóveis realiza-se através da Rua Guarda-Jóias à cota 48.50, sendo o seu pavimento revestido com saibro estabilizado na cor cinzento escuro, permitindo o acesso ao parque de estacionamento exterior, proposto a norte da área de intervenção e o acesso Largo da Boa-Hora à Ajuda, por uma via adjacente à ala norte do convento que contorna igreja de Nossa Senhora da Boa-Hora.

Introduz-se um novo acesso pela Travessa Nova de Dom Vasco à cota 54.50, com uma entrada semelhante a uma porta comum rasgada no muro existente que permite aceder a uma varanda sobre a área de intervenção, que contorna o muro até umas escadas exteriores que estabelecem comunicação entre a cota da rua e a do espaço público proposto (cota 51.60).

Ao descer as escadas e na sua continuidade é proposto um caminho pavimentado em saibro estabilizado de cor creme e ao percorrê-lo, paralelamente, à esquerda encontra-se um espaço com vegetação arbórea ao mesmo

nível de pavimento, enquanto que à direita, propõem-se um espaço verde descente até atingir a cota 47.00. Ao percorrer este corredor exterior, existe um momento de tensão espacial com a ponte à direita, que acede ao segundo piso do convento e um volume que incorpora a escadas de acesso ao primeiro piso da residência para estudantes.

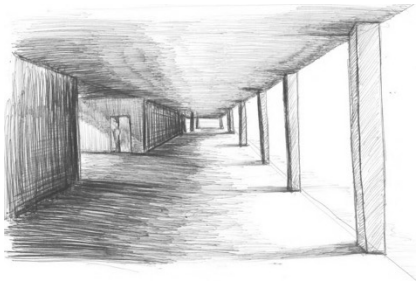
Ao atravessar este nó, deparamo-nos com um pavimento em pedra lioz que atravessa a área de intervenção de norte a sul, até atingir o Largo da Boa Hora à Ajuda à cota 41.50, criando um eixo pedonal de transição entre os diversos níveis e que serão intercalados com três escadas exteriores. Paralelamente a este eixo, reaparece o pavimento em saibro estabilizado de cor creme, constituindo um anfiteatro e uma varanda sobre a praça criada à cota 43.00.

Esta praça configura um espaço elevado em relação à rua onde circulam os automóveis, nomeadamente, o Largo da Boa-Hora à Ajuda, e permite uma ligação de nível entre a passagem pedonal adjacente à ala nascente do convento e a Travessa Moinho Velho.

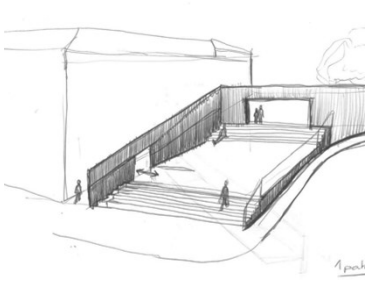
Esta praça é uma extensão do espaço ladeado pelo muro existente, o qual é alvo de intervenção através da abertura de três acessos para a praça. Uma destas aberturas permite aceder à varanda referida anteriormente; a outra permite o acesso às escadas exteriores que fazem a transição entre a cota 46.00 e a cota 43.00 e a outra, é realizada no muro paralelo ao convento.

O espaço desta praça é composto pelo volume da varanda, a qual se debruça sobre um espelho de água, conjuntos de árvores e um espaço pavimentado, dando continuidade ao pavimento de saibro estabilizado e ao lioz, proporcionando um espaço flexível, para eventos ou convívio, como por exemplo as actividades dos escuteiros.

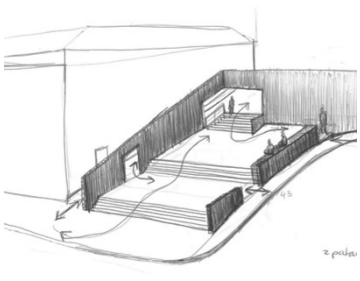
A proposta do espaço público pretende criar uma identidade unitária, formando um lugar que se integre na vida urbana, proporcionando uma diversidade de espaços e ambientes através dos diversos elementos introduzidos, das materialidades e cores, bem como da configuração formal e espacial destes espaços.



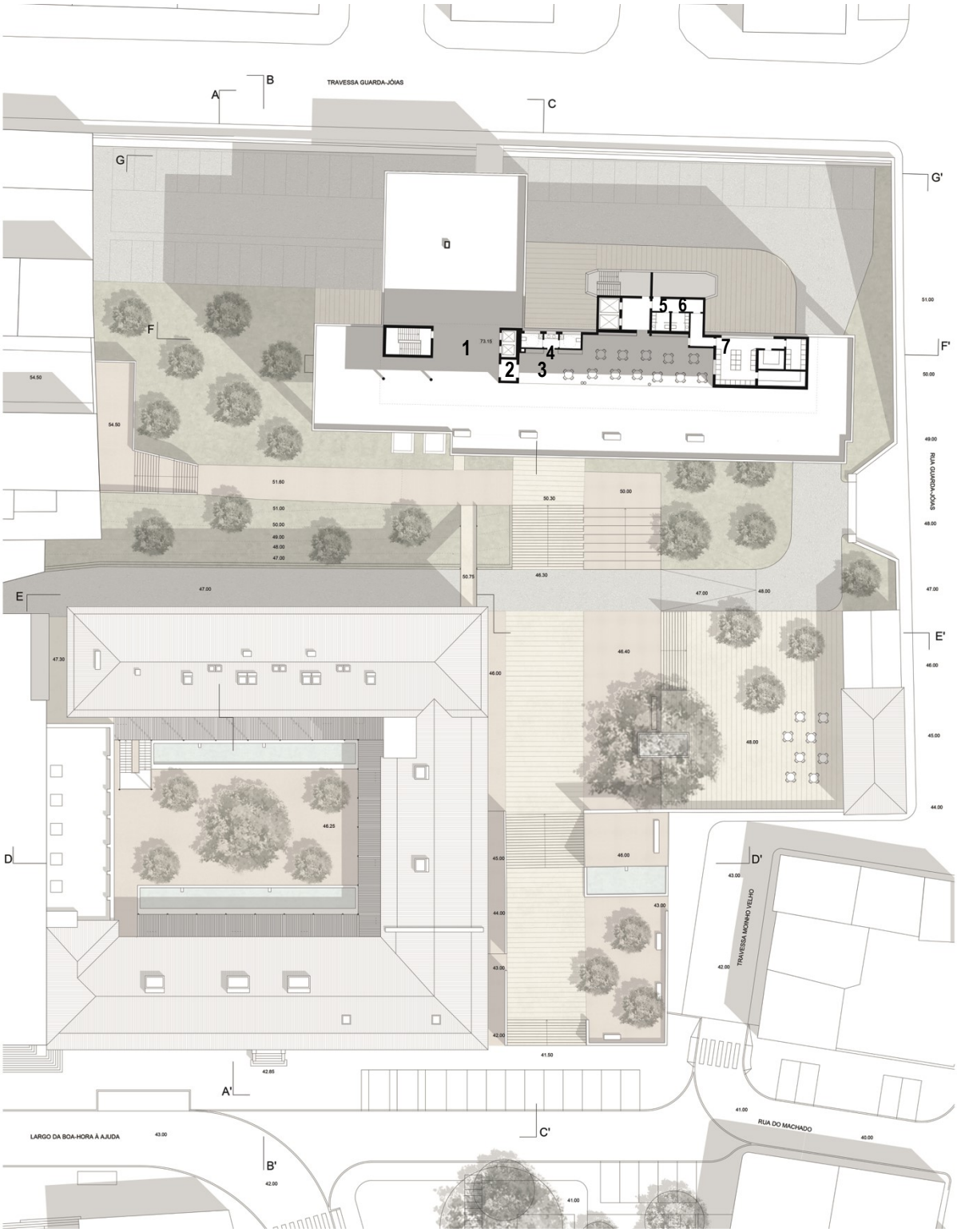
104. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do espaço público coberto pela Residência de estudantes, pela autora 2020.



105. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso de uma hipótese para o espaço público da praça à cota 43.00, pela autora 2020.



106. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, esquisso do espaço público da praça à cota 43.00, pela autora 2020.



107. Projecto de reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém, planta de cobertura do Convento e do piso 6 da Residência de estudantes à cota 73.15. Espaços: 1 - Terraço visitável; 2 - Entrada do restaurante; 3 - Restaurante; 4 - Instalações sanitárias; 5 - Vestiários femininos; 6 - Vestiários masculinos; 7 - Cozinha.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> *"Há uma bela expressão antiga: as coisas encontraram-se, estão em si. Porque são, o que querem ser. E a arquitectura é feita para nós a utilizarmos. Não é nenhuma das Belas Artes. Acho que esta também é a tarefa mais nobre da arquitectura, O facto de ela ser uma arte para ser utilizada. Mas o mais belo é quando as coisas se encontram, quando se harmonizam. Formam um todo. O lugar, a utilização e a forma. A forma remete para o lugar, o lugar é este e a utilização é esta."* (Zumthor, 2006: p. 68)

Nas presentes Considerações Finais procura-se esclarecer a compatibilidade dos espaços edificados ou não edificados existentes com novos programas a introduzir, nomeadamente, a reabilitação de estruturas edificadas existentes (antigo Hospital Militar de Belém) e a reconfiguração do seu espaço envolvente exterior devolvendo-o como espaço público à vivência urbana. O presente projecto reflecte uma intervenção unitária nesta parte de cidade e no conjunto edificado eleito.

O conjunto arquitectónico do antigo Hospital Militar de Belém apresenta um programa híbrido, o qual pretende responder às necessidades da cidade e específicas da zona.

No caso do edifício existente com seis pisos, optou-se por satisfazer as necessidades de alojamento através da introdução de uma residência para estudantes, em resultado de uma análise que espelha a falta desta tipologia de equipamentos na zona da Ajuda, bem como a sua relativa proximidade com quatro instituições académicas, tendo-se constatado respectiva viabilidade deste programa nas estruturas edificadas existentes. A dimensão formal e o seu sistema construtivo, de pilar e viga, assim como a distribuição de espaços, as comunicações verticais, conformam um desenho funcional coerente e passível de apropriação e compatibilidade com o programa proposto. As paredes divisórias entre quartos do antigo hospital foram preservadas, assim como também, a posição das comunicações verticais. Em termos da intervenção neste edifício as fachadas foram objecto das intervenções mais profundas, de modo a garantir espaços exteriores (varandas) para resolver a incidência solar no interior, e permitir o seu usufruto por parte dos utentes.

Na reconfiguração da sua composição teve como objectivo, para além do anteriormente exposto, adaptá-lo à contemporaneidade sem anular o reconhecimento da imagem do objecto pré existente. Esta capacidade de transformação dos edifícios pretende manter visível o diálogo entre o existente e o novo, sendo esta estratégia adoptada como um dos processos de fazer cidade.

Os quartos desenvolvidos pretendem proporcionar espaços confortáveis e acima de tudo flexíveis para este tipo de população jovem e em trânsito, ou seja, com capacidade de se adaptar às necessidades vivenciais de cada utente. Procurou-se, apesar da repetição do mesmo princípio de lógica tipológica - com as devidas variações decorrentes da estrutura e acessos verticais existentes -, propor diferentes configurações de unidade de quartos de acordo com as diferentes fachadas e orientações solares. Neste âmbito, desenvolveram-se duas configurações

de varandas, uma embutida no edifício e outra projectada para o exterior da fachada, e preservar as varandas cobertas existentes no piso quatro e cinco, na fachada sul, criando uma variedade na oferta de espaços diferenciados.

O restaurante no último piso deste edifício pretende adicionar uma atração no bairro, promovendo uma nova perspetiva sobre a cidade de Lisboa, bem como também promover a visibilidade de outros serviços na zona, novos ou existentes.

O antigo Convento revela uma estrutura resistente no tempo e resiliente a nível formal e espacial, com a capacidade de se adaptar e integrar diferentes programas, uma vez que são os paramentos exteriores resistentes que lhe conferem a capacidade estrutural para todo o tipo de intervenções e consequentemente a sua apropriação por uma variedade de programas a introduzir ao longo dos diversos tempos. São estruturas edificadas cuja versatilidade, para além do anteriormente exposto, demonstram também uma capacidade de incorporar a adição de elementos estruturais ou infraestruturais com o objectivo de satisfazer as suas novas funções e usos.

A proposta de projeto optou por converter os primeiros dois pisos para acesso ao público, reconfigurando os espaços existentes para serviços e comércio de modo a satisfazer as necessidades da zona e dos seus residentes locais. O segundo e terceiro piso incorporam unidades de habitação com a mesma lógica organizacional, de diferentes tipologias, bem como habitações com configurações e tipologias de excepção nos cantos do edifício. A organização espacial das habitações segue o pressuposto de flexibilidade, possibilitando várias configurações de espaços adaptáveis às preferências dos residentes, assim como proporcionar o melhor aproveitamento da luz do sol nos seus espaços interiores. A configuração das tipologias das unidades de alojamento pretende promover novos habitantes na zona, de modo a revitalizar a zona e conceder novas opções aos habitantes a cidade.

As comunicações verticais existentes no interior foram preservadas, adicionando-se apenas mais dois elevadores no seu interior.

O claustro existente é reconfigurado, mantendo a sua forma original, através de uma nova estrutura metálica que dá uma imagem contemporânea e lhe devolve a função de elemento distribuidor para os diferentes espaços (celas=habitações), potenciando a criação de atmosferas e cambiantes luminosos diferenciados no seu usufruto ou atravessamento. A geometrização deste espaço de circulação teve como pressuposto um outro aproveitamento do pátio, permitindo simultaneamente a comunicação exterior para as várias alas que que se organizam e distribuem entre os pisos um e dois.

Nesta lógica de vivência proposta a presença de dois novos elementos de água reforçam os limites do claustro ao nível do piso um e a manutenção de uma árvore de grande porte preserva a sua dimensão e escala.

Ao nível do espaço público proposto, procurou-se estabelecer ligação entre o terreno da área de intervenção e o traçado urbano envolvente, de modo a devolver percursos desaparecidos e criar novas passagens pedonais

através da introdução de entradas no muro existente que delimita o conjunto a área de intervenção, promovendo a permeabilidade e a continuidade estre os espaços nesta parte de cidade.

Este espaço público exterior desenvolve-se em vários níveis, adaptando-se à topografia existente, mantendo apenas a árvore de grande porte e uma edificação existente junto ao muro, destinada a restauração, à qual é adicionada uma estrutura para completar a função de restauração.

O restante espaço existente é alvo de uma intervenção de reconfiguração, criando espaços diversificados e de carácter polivalente, podendo ser utilizados para eventos ou não, assim como com diferentes revestimentos de pavimento são os mesmos que se encontram no interior do pátio do claustro, criando uma leitura desfragmentada de uma intervenção unitária. Propõem-se a introdução de elementos novos como um espelho de água, diversos elementos arbóreos, um anfiteatro e bancos para a utilização dos indivíduos comuns e no centro do terreno encontra-se uma ponte, que estabelece a comunicação entre o exterior e o piso dois do convento e o piso térreo da nova residência para estudantes. Assim desenha-se um espaço para a cidade com momentos de passagem e de paragem.

Em suma, o presente trabalho de investigação foca-se na reabilitação de um conjunto arquitectónico existente devoluto, o antigo Hospital Militar de Belém, com edifícios com capacidade estrutural e diversas condições passiveis de acomodar novos usos.

A sua reabilitação e reconversão para um programa misto compatível com as estruturas existentes, teve como objectivo responder às necessidades da cidade e proporcionar novos espaços de usufruto para a população. A intervenção teve como premissas estabelecer um diálogo entre os vários tempos, as linguagens arquitectónicas existentes no interior do muro que delimitava área de intervenção e proporcionar um espaço público exterior integrado no contexto urbano envolvente. Este processo é o resultado da análise sobre o estado do existente, o qual forneceu pretextos e ideias projectuais condutoras para a reflexão sobre os valores culturais em confronto, para uma seleção de elementos ou situações a remover, a preservar e também à introdução de lógicas contemporâneas.

A proposta de projecto, procurou articular uma dimensão compositiva contemporânea aos edifícios existentes, tanto a nível dos espaços interiores bem como exteriores, ou seja, propor soluções de modo a criar novas vivências do habitar o espaço doméstico e a todos os outros usos propostos. O projecto tem como principal intuito a reintegração na cidade de um conjunto de edifícios e de espaços, anteriormente enclausurados da vida urbana, conferindo-lhe novas valências, sem anular sua identidade original, a sua memória e o seu caráter. A reutilização destas estruturas existentes a partir da introdução de novos programas, a nível público e privado, gerou a reformulação da identidade do lugar e a reinvenção das atmosferas existentes.

6. BIBLIOGRAFIA

Aguiar, José; Pernão, João Nuno; Ferreira, Teresa C. (2018) Arquitectura, património e projeto de reabilitação. Em *Construção Magazine*, nº 88, pp. 40-43.

Almeida, João. (2000) Convento das Bernardas. Um Projecto de Reabilitação/ Reconversão. Em *Revista de Arquitectura, Arquitectura Paisagista e Design*, nº 52, pp. 116-121.

Appleton, João. (2003) *Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e Tecnologias de Intervenção*. Amadora, Edições Orion, p. 349.

Baeza, Campo. (2013) *Principia Achitectonica*. Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Barranha, Helena. (2016) *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. (Ebook) Lisboa, IST Press e ICOMOS-Portugal. Disponível em: IST Press | http://istpress.tecnico.ulisboa.pt/ (consultado em 28.8.2020).

Caeiro, Baltasar de Matos. (1989) *Os Conventos de Lisboa*. Sacavém, Distri Editora.

Calvino, Italo. (2018) *Cidades Invisíveis*. 5ª ed. Alfragide, Dom Quixote.

Choay, F. ; L.V. Machado. (2017) *A alegoria do património*. 2ª ed. Lisboa, Edições 70.

Coelho, C.D.; Costa, J.P. (2013) *Os elementos Urbanos*. 2ª ed. Lisboa, Argumentum.

De Garcia, Francisco. (2001) *Construir em lo Construindo. La Arquitectura como Modificación*. 3ª ed. Guipúzcoa, Nerea.

Gaspar, Jorge. (2001) "Os espaços conventuais e o metabolismo da cidade" em *Conversas à volta dos conventos*, Montemor-o-Velho. Évora, Casa do Sul Editora.

Grande, Nuno. (2002) *O Verdadeiro Mapa do Universo. Uma leitura diacrónica da cidade portuguesa*. Coimbra, Eld|arq – Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC.

Le Corbusier. *Por uma Arquitectura*. 4ª ed. São Paulo, Editora Perspectiva.

Manoel, Bernardo d'Orey.(2012) *Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino.* Lisboa, Universidade Lusíada Editora.

Pereira, António Nunes. (2003) Para uma Terminologia da Disciplina de Protecção do Património Construído. Em *Jornal Arquitectos*, 213, pp. 27-35.

Rodrigues, Sérgio. (2013) *A Casa dos Sentidos, Crónicas de Arquitectura*. Lisboa, Uzina Books.

Rossi, Aldo. (2018) *Arquitetura da Cidade* (tradução J. Charters Monteiro). Lisboa, Edições 70.

Salgado, Manuel. (2006) *Atlas Urbanístico de Lisboa*. Lisboa, Argumentum.

Silva, Luís Gonçalves. (1987) *Breve história da Paróquia de Nossa Senhora da ajuda*. Lisboa, IGPA.

Siza, Álvaro. (2019) *Imaginar a Evidência.* Lisboa, Edições 70.

Tomé, Miguel. (2002) *Património e Restauro em Portugal*. Porto, FAUP Publicações.

Zumthor, Peter. (2005) *Pensar a Arquitetura*. 2ª ed. Barcelona, Editorial Gustavo Gil.

Zumthor, Peter. (2006) *Atmosferas*. Barcelona, Editorial Gustavo Gil.

Documentos:

Oliveira, Rodrigues de Oliveira. (1938) *Sumário em que brevemente se contêm algumas cousas que há na cidade de Lisboa*, 1551, pp. 46-47.

Rosa, Isabel. (2006) Ajuda. Evolução Histórico-Urbana. Em revista *ArtiTextos*, nº 2, pp. 129-133. Lisboa. CEFA – FA-UTL.

Uniplaces e Worx. **(**2017) *Relatório das Residência de Estudantes*.

Webgrafia:

http://www.lisboaocidentalsru.pt/Default.aspx (consultado a 5/1/2020).

http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=718&lang=pt (consultado a 5/1/2020).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3139 (consultado a 5/1/2020)

http://www.cm-lisboa.pt (consultado a 29/5/2020).

http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/ (consultado a 30/5/2020).

7. ANEXOS

Índice

7.1. Imagens Históricas do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora 77

7.2. Levantamento fotográfico do antigo Hospital Militar de Belém 78

7.3. Levantamento gráfico do antigo Hospital Militar de Belém 83

7.4. Cartografia Histórica 92

7.5. Registos do processo de trabalho: esquissos e maquetas 95

7.6. Maquetas finais 104

7.7. Painéis finais 109

7.1. Imagens Históricas do Convento.



"Igreja de N. Senhora da Boa Hora d'Belem", 1835-1837, da autoria de Luís Gonzaga Pereira. Fonte: CML.



"Convento de Nossa Senhora da Boa Hora de Belém, Exterior, Hospital Militar de Belém", 1943, autoria de Eduardo Portugal. Fonte: CML | DMC | Arquivo Municipal de Lisboa.





7.2. Levantamento fotográfico do antigo Hospital Militar de Belém



Largo da Boa Hora à Ajuda, vista do Piso 1, na ala sul, fotografia da autora 2019.



Largo da Boa Hora à Ajuda, antigo Hospital Militar de Belém, alçado sul, fotografia da autora 2019.



Vista do espaço exterior do antigo Hospital Militar de Belém, alçado nascente do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia a autora 2019.



Vista do espaço exterior do antigo Hospital Militar de Belém, alçado nascente do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, fotografia a autora 2019.



Vista do espaço exterior do antigo Hospital Militar de Belém, alçado nascente do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora e alçado sul do Edifício Hospitalar, fotografia a autora 2019.



Vista do espaço exterior do antigo Hospital Militar de Belém, alçado norte do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora e alçado sul do Edifício Hospitalar, fotografia a autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, pátio do Convento, piso 1, vista da ala nascente e ala norte, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, pátio do Convento, piso 1, ala nascente e ala sul, da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, pátio do Convento, piso 2, vista da ala nascente e ala norte, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, pátio do Convento, piso 2, ala nascente e ala sul, da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, pátio do Convento, piso 2, vista da galeria exterior na ala nascente, fotografia da autora 2019.



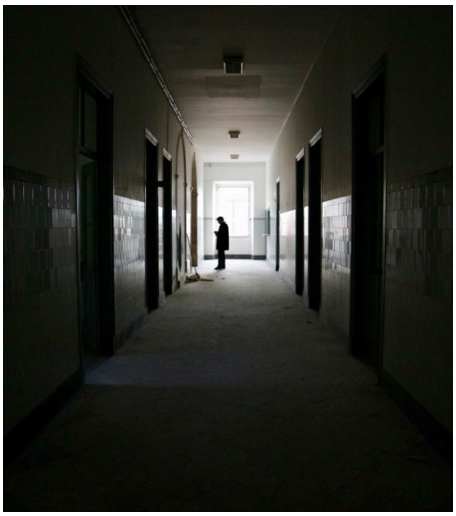
Antigo Hospital Militar de Belém, pátio do Convento, piso 2, vista galeria exterior na ala norte, da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 1 do Convento, entrada principal, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 1 do Convento, inicio do corredor da ala sul, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 1 do Convento, corredor da ala sul, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 1 do Convento, corredor ala nascente, encontro da ala nascente com a ala norte, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 1 do Convento, corredor na ala nascente, encontro da ala sul e da ala nascente, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 1 do Convento, sala existente, acesso pelo corredor na ala nascente, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 1 do Convento, corredor ala norte, encontro da ala nascente e da ala norte, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 1 do Convento, acesso ao exterior, no final do corredor da ala norte, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 2 do Convento, escadas no encontro da ala nascente com a ala norte, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 2 do Convento, escadas no encontro da ala sul com a ala nascente, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 2 do Convento, vista da ala nascente, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 2 do Convento, corredor na ala sul, a olhar para o alçado nascente, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, espaço exterior, fotografia da autora 2019.



Antigo Hospital Militar de Belém, piso 2 do Convento, janela posicionada imediatamente acima da porta principal de acesso ao Convento, na ala sul, a partir do Largo da Boa Hora, fotografia da autora 2019.

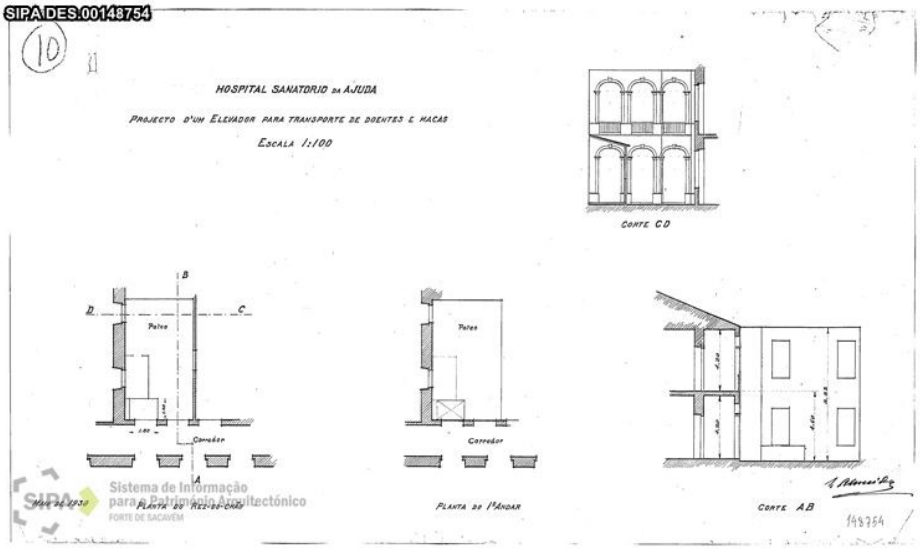


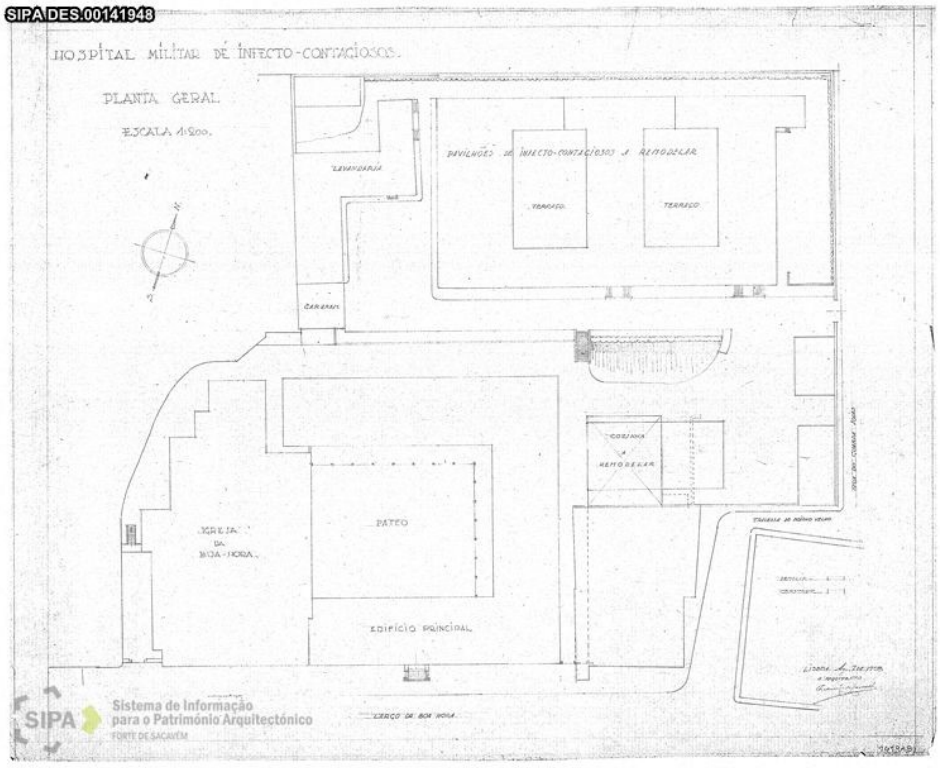
Antigo Hospital Militar de Belém, piso 3 do Convento, ala nascente, fotografia da autora 2019.

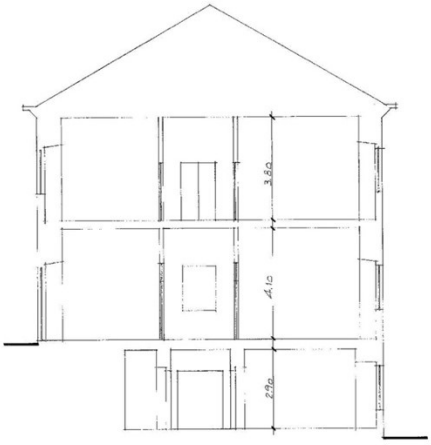


Antigo Hospital Militar de Belém, piso 3 do Convento, ala norte, fotografia da autora 2019.

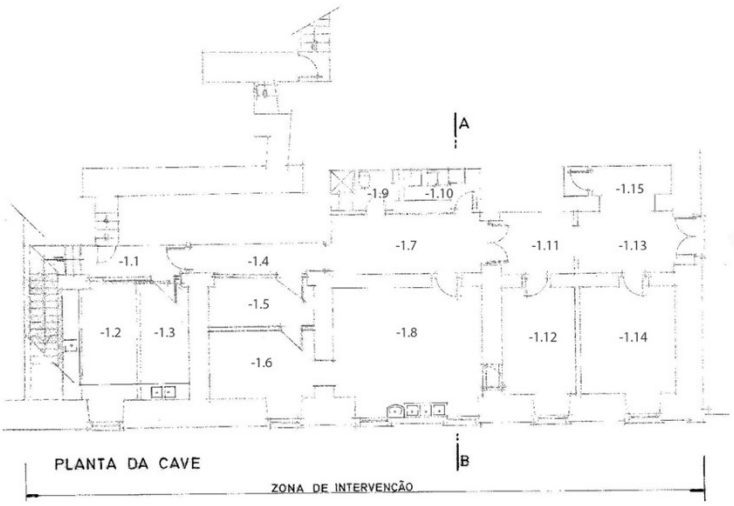
7.3. Levantamento gráfico do antigo Hospital Militar de Belém, fonte SIPA.







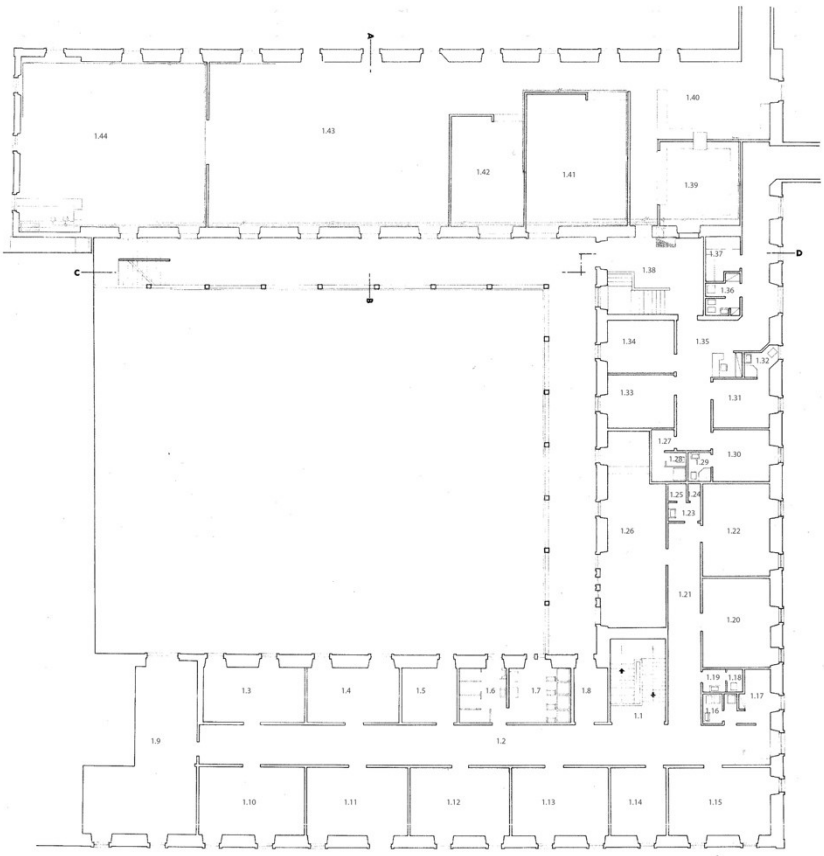
CORTE A.B



Hospital Militar de Belém, Planta do Piso 0 à cota 42.85.

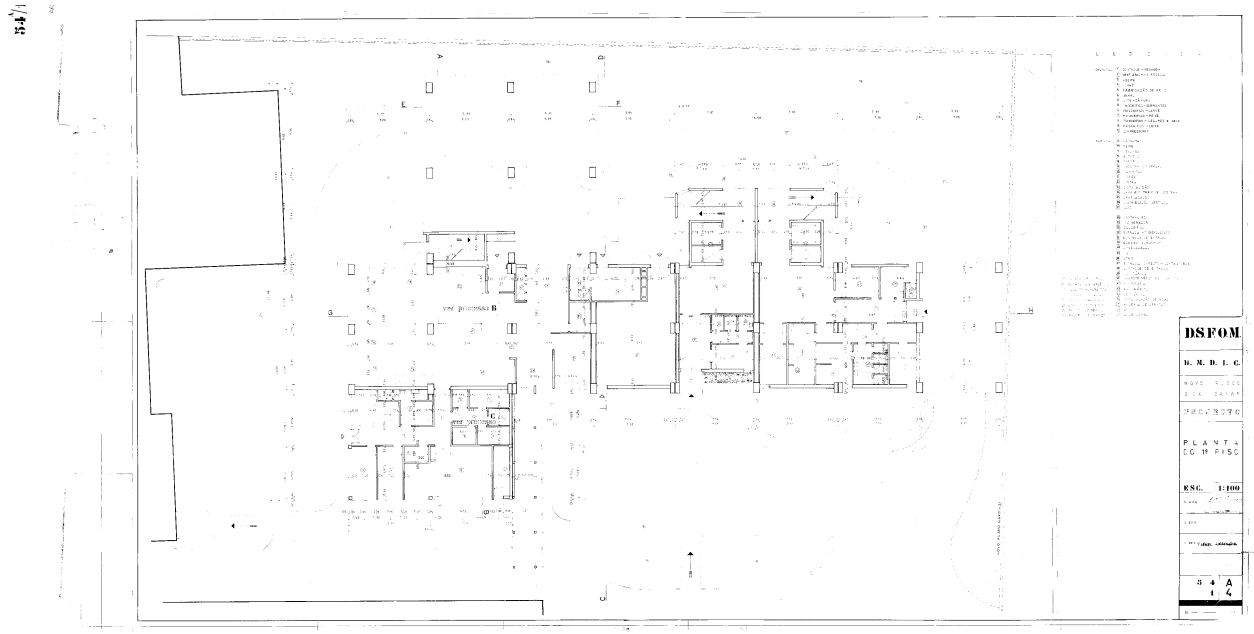


Hospital Militar de Belém, Planta do Piso 1 à cota 46.15.

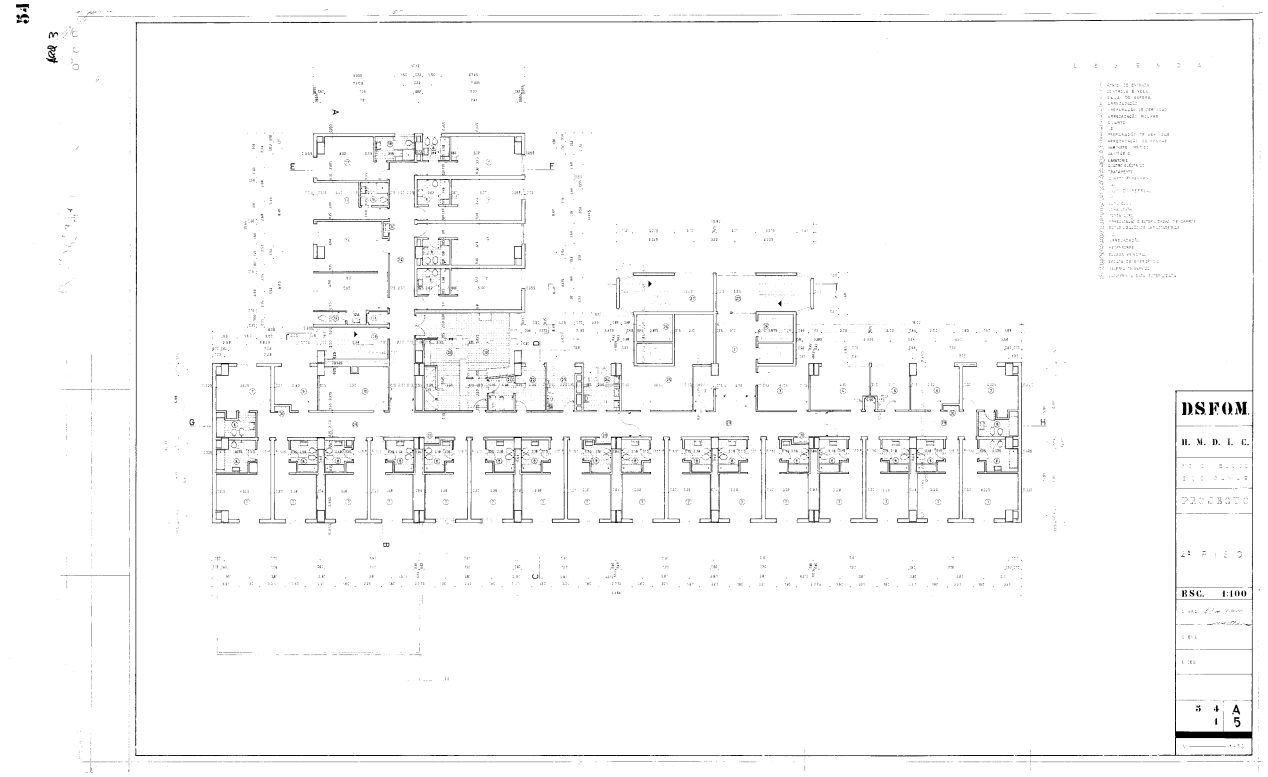


Hospital Militar de Belém, Planta do Piso 2 à cota 50.70.

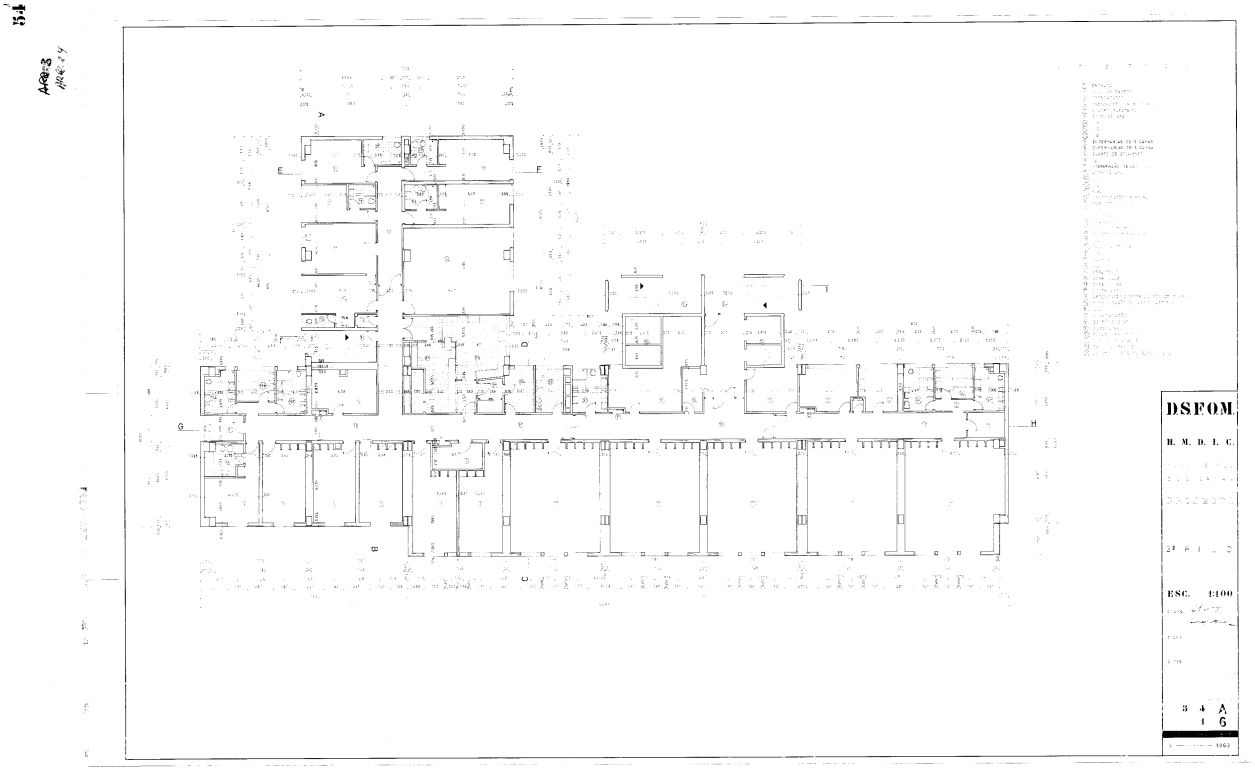
Desenhos Técnicos do Edifício Hospitalar:



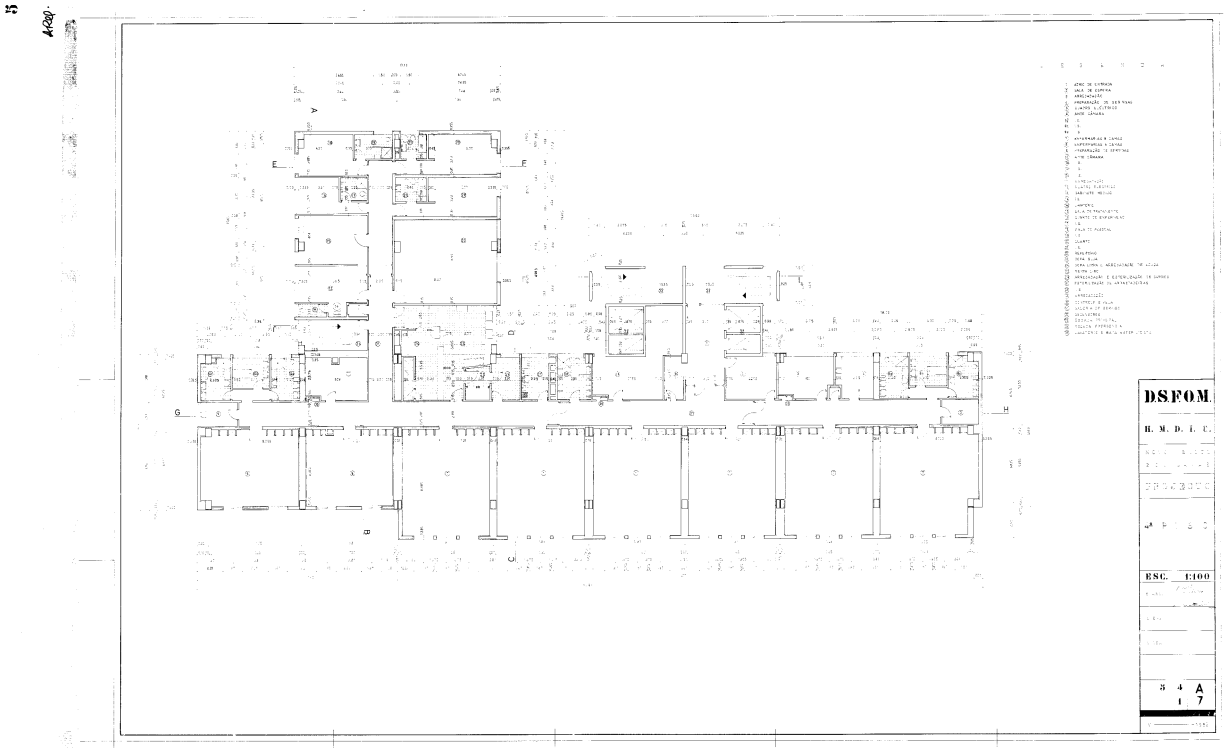
Hospital Militar de Belém, Planta do Piso Térreo à cota 51.00.



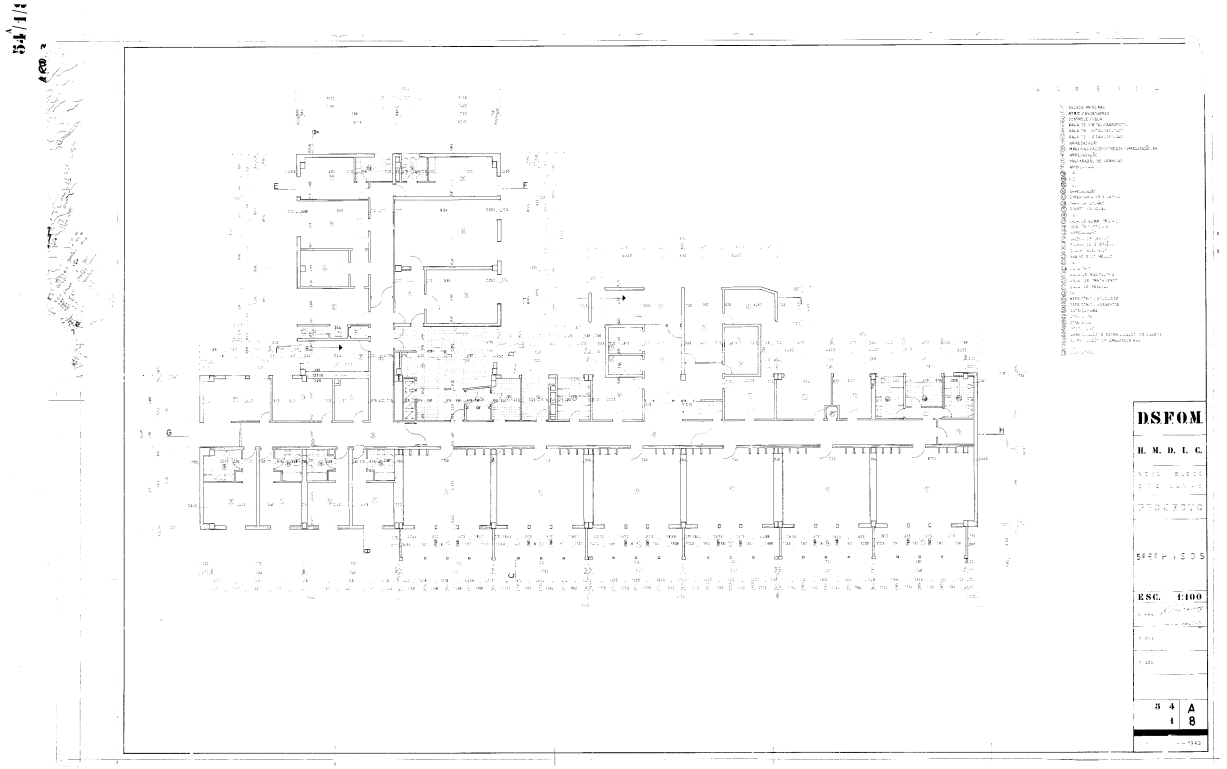
Hospital Militar de Belém, Planta do Piso 1 à cota 55.33.



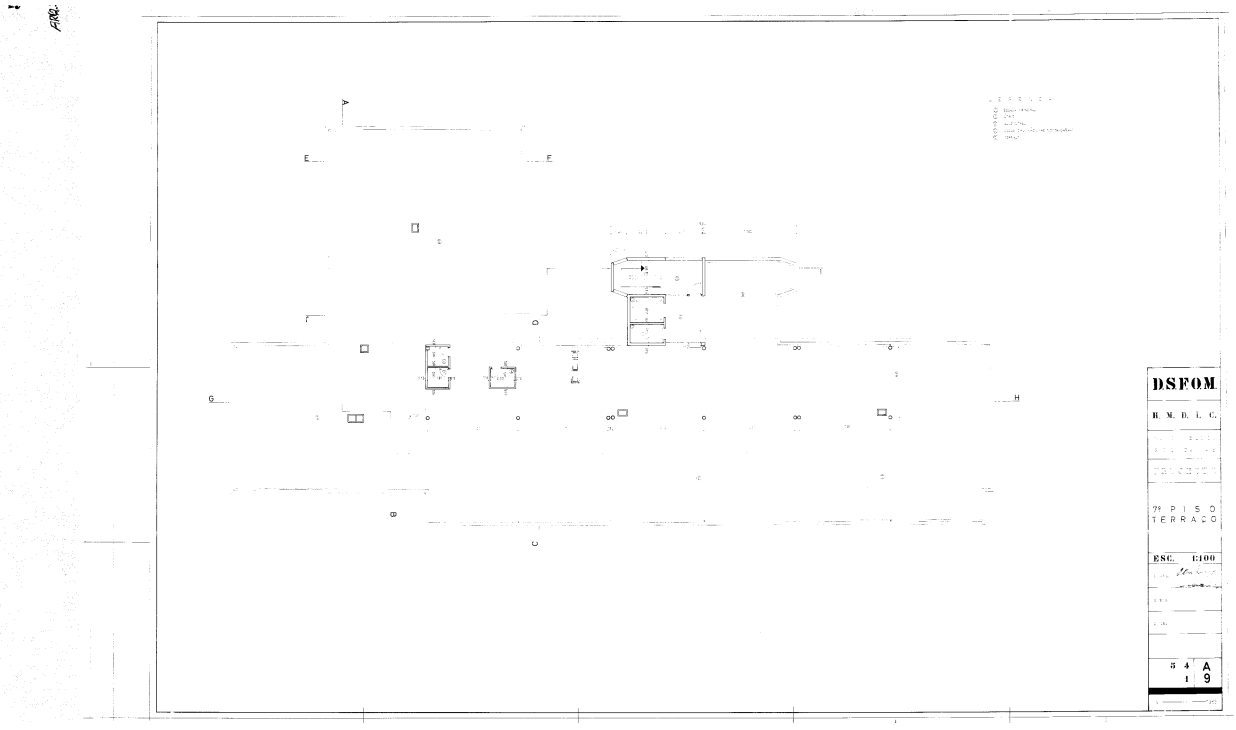
Hospital Militar de Belém, Planta do 2 à cota 58.87.



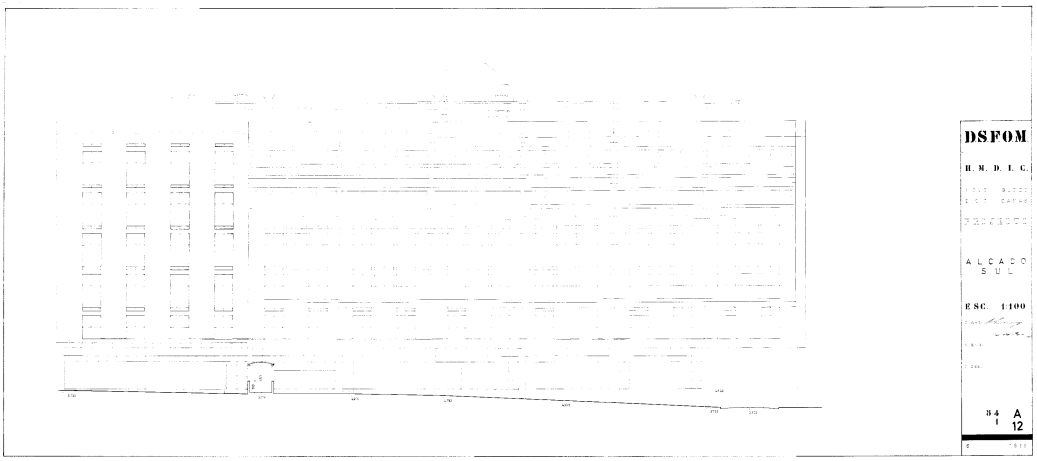
Hospital Militar de Belém, Planta Piso do 3 à cota 62.44.

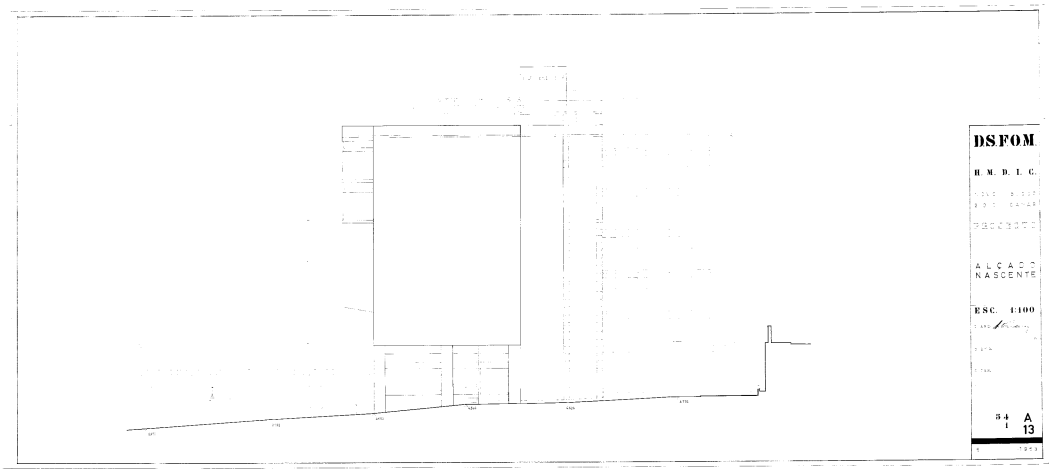


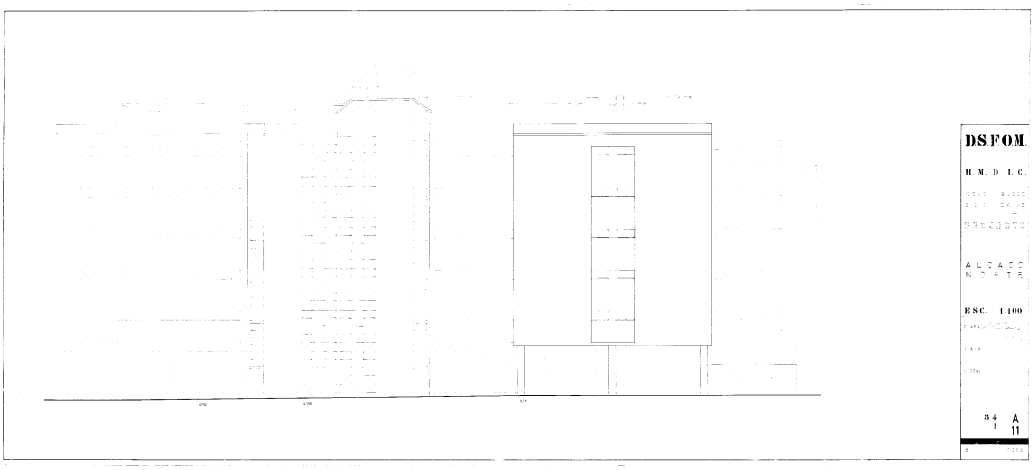
Hospital Militar de Belém, Planta do piso 4 à cota 66.01 e do Piso 5 à cota 69.68.

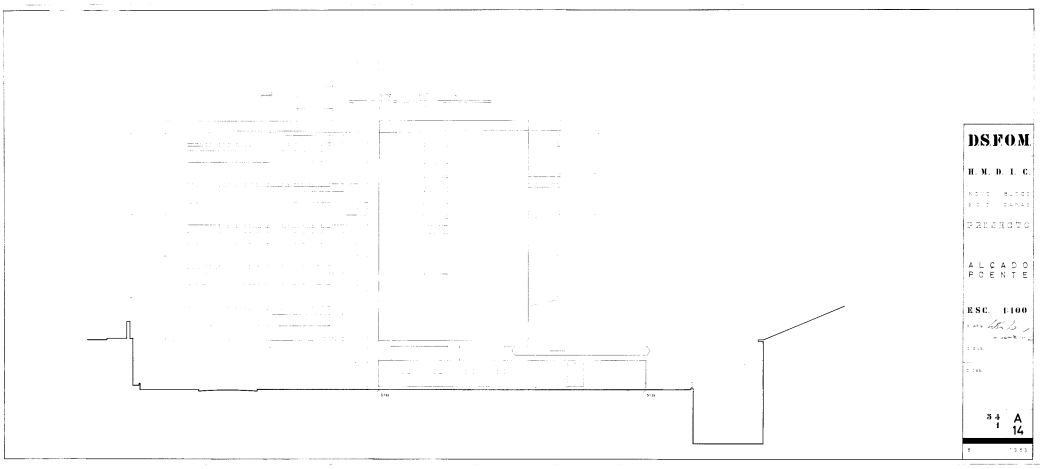


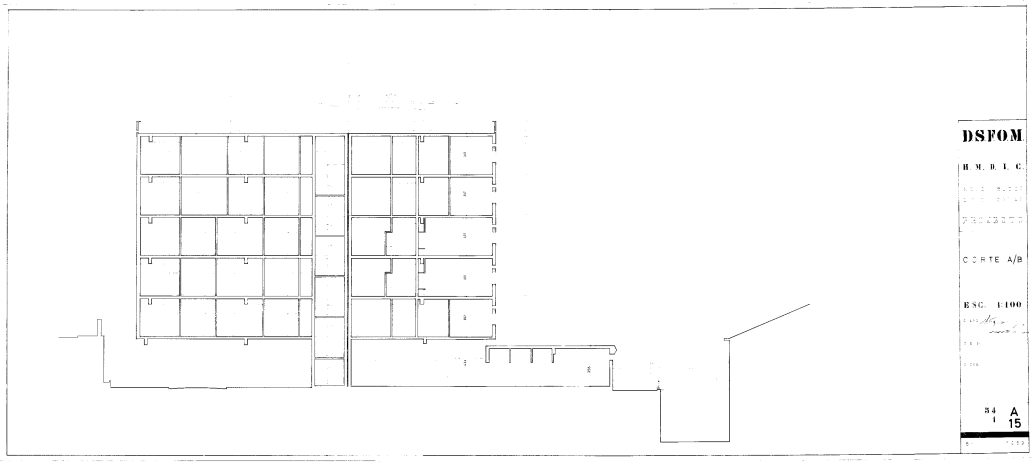
Hospital Militar de Belém, Planta do piso 6 à cota 73.15.

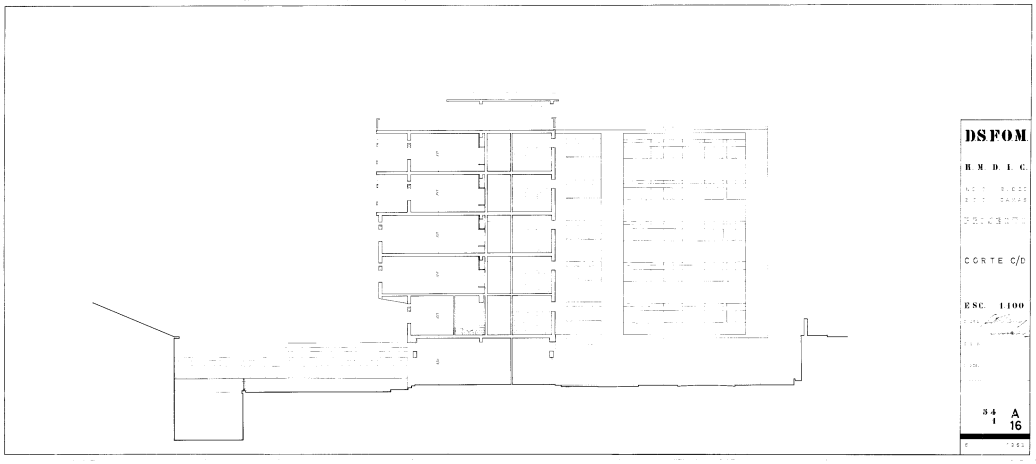

DSFOM
H. M. D. I. C.
ALÇADO SUL
ESC. 1:100
34 A
I 12

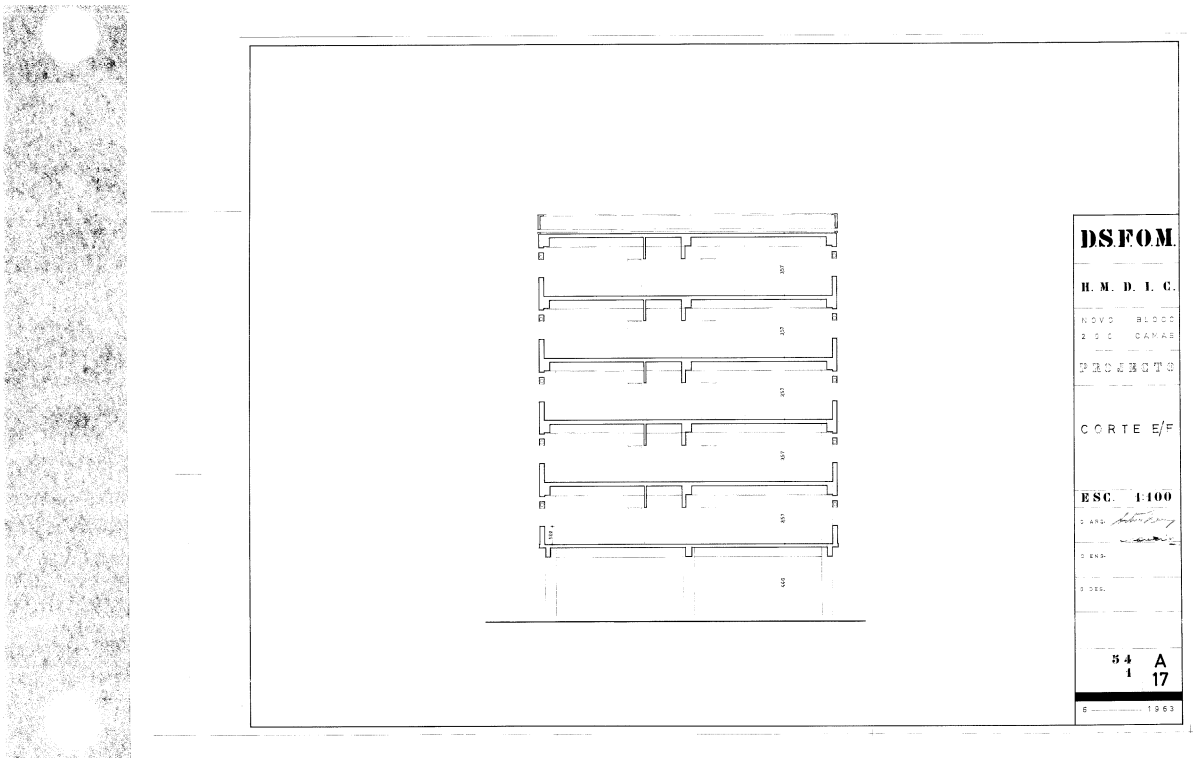

DSFOM
H. M. D. I. C.
ALÇADO NASCENTE
ESC. 1:100
34 A
I 13

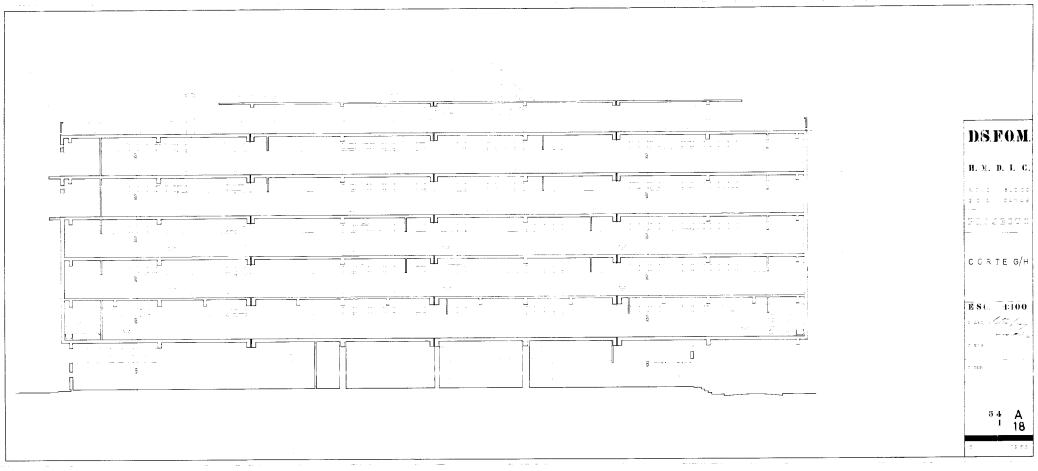

DSFOM
H. M. D. I. C.
ESC. 1:100
34 A
I 11

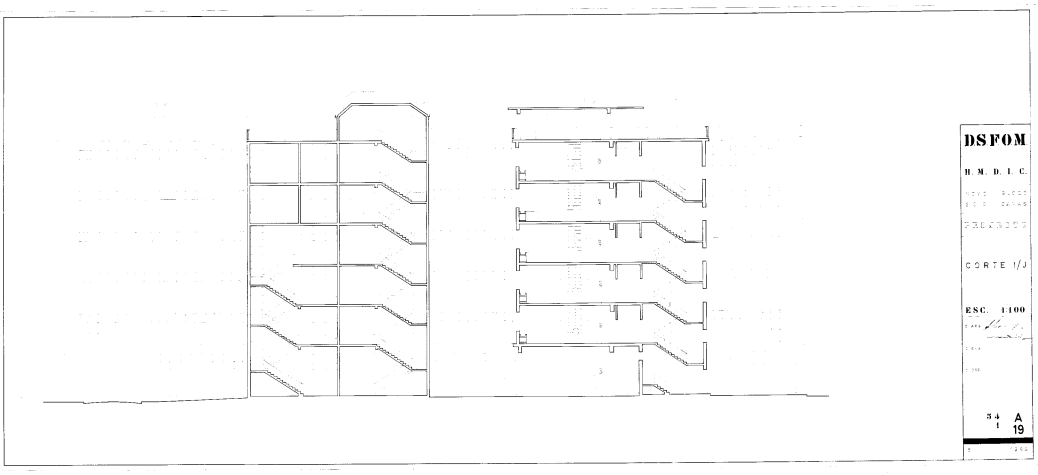

DSFOM
H.M.D.L.C.
ALCADO POENTE
ESC. 1:100
34 1 A 14


DSFOM
H.M.D.L.C.
CORTE A/B
ESC. 1:100
34 1 A 15


DSFOM
H.M.D.L.C.
CORTE C/D
ESC. 1:100
34 1 A 16

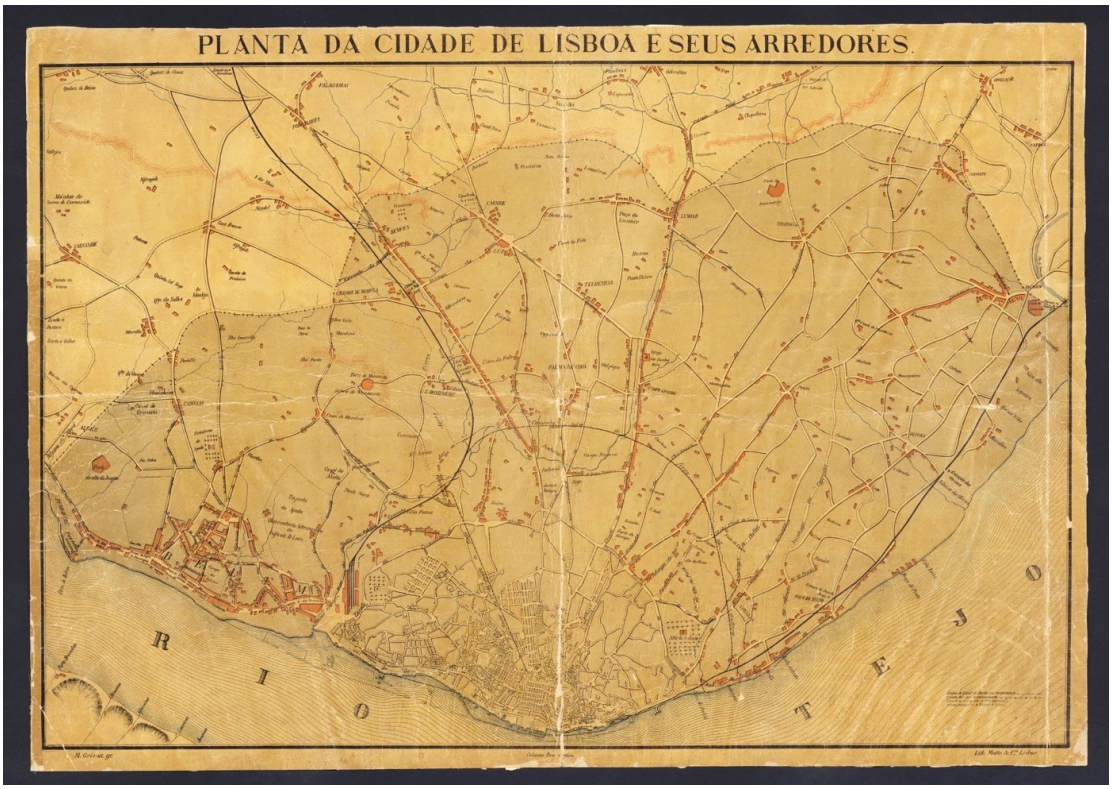

DS.FOM.
H. M. D. I. C.
NOVO BLOCO
200 CAMAS
PROJECTO
CORTE E/F
ESC. 1:100
54 A
1 17
1963

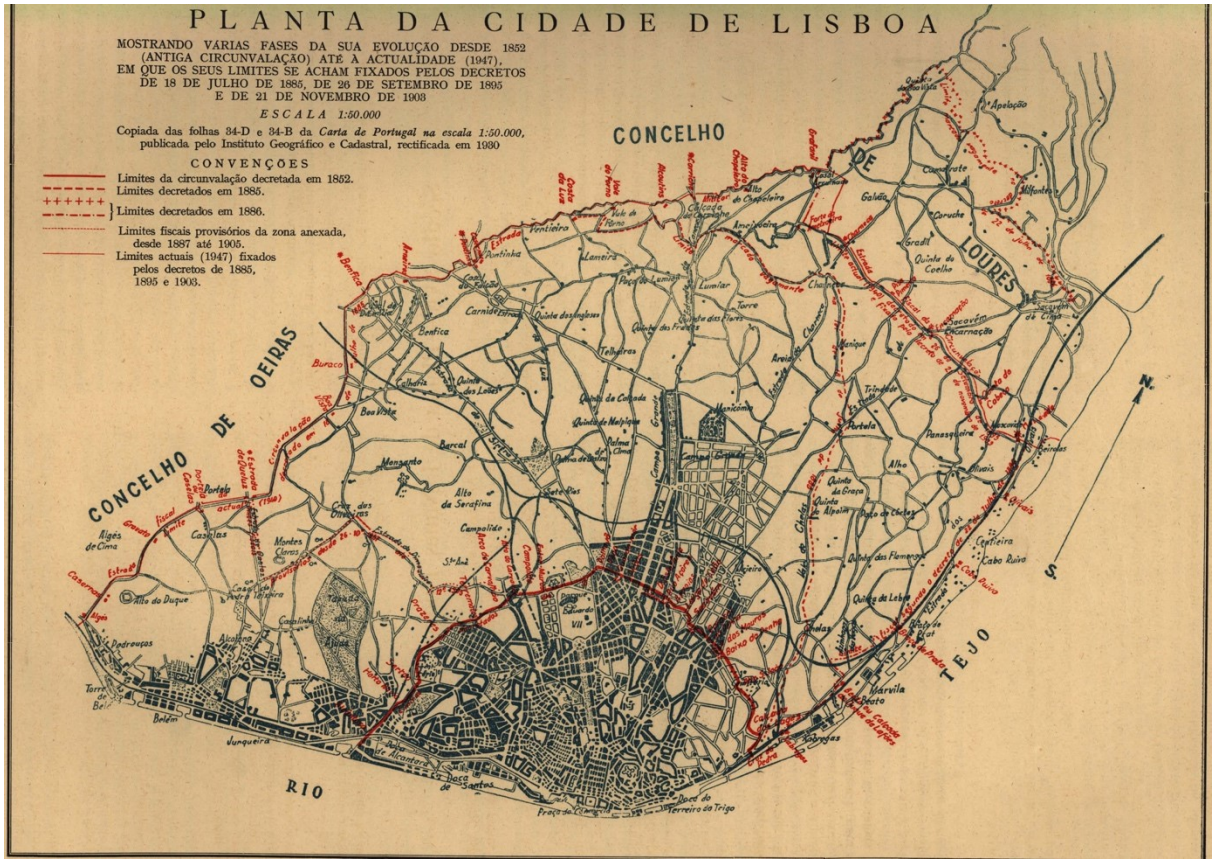

DS.FOM.
H. M. D. I. C.
CORTE G/H
ESC. 1:100
54 A
1 18


DS FOM
H. M. D. I. C.
CORTE I/J
ESC. 1:100
54 A
1 19

7.4. Cartografia Histórica






PLANTA DA CIDADE DE LISBOA
MOSTRANDO VÁRIAS FASES DA SUA EVOLUÇÃO DESDE 1852 (ANTIGA CIRCUNVALAÇÃO) ATÉ À ACTUALIDADE (1947), EM QUE OS SEUS LIMITES SE ACHAM FIXADOS PELOS DECRETOS DE 18 DE JULHO DE 1885, DE 26 DE SETEMBRO DE 1895 E DE 21 DE NOVEMBRO DE 1903
ESCALA 1:50.000
Copiada das folhas 34-D e 34-B da Carta de Portugal na escala 1:50.000, publicada pelo Instituto Geográfico e Cadastral, rectificada em 1930
CONVENÇÕES
Limites da circunvalação decretada em 1852.
Limites decretados em 1885.
Limites decretados em 1886.
Limites fiscais provisórios da zona anexada, desde 1887 até 1905.
Limites actuais (1947) fixados pelos decretos de 1885, 1895 e 1903.
CONCELHO DE OEIRAS
CONCELHO DE LOURES
RIO TEJO
N.
S.


PLANTA
CIDADE DE LISBOA
publicada por
JOÃO CARLOS NUNES SOUZA



Carta topográfica de Lisboa e seus Suburbios, Dir. Eng. Duarte João Fava, 1807. Fonte: AML.

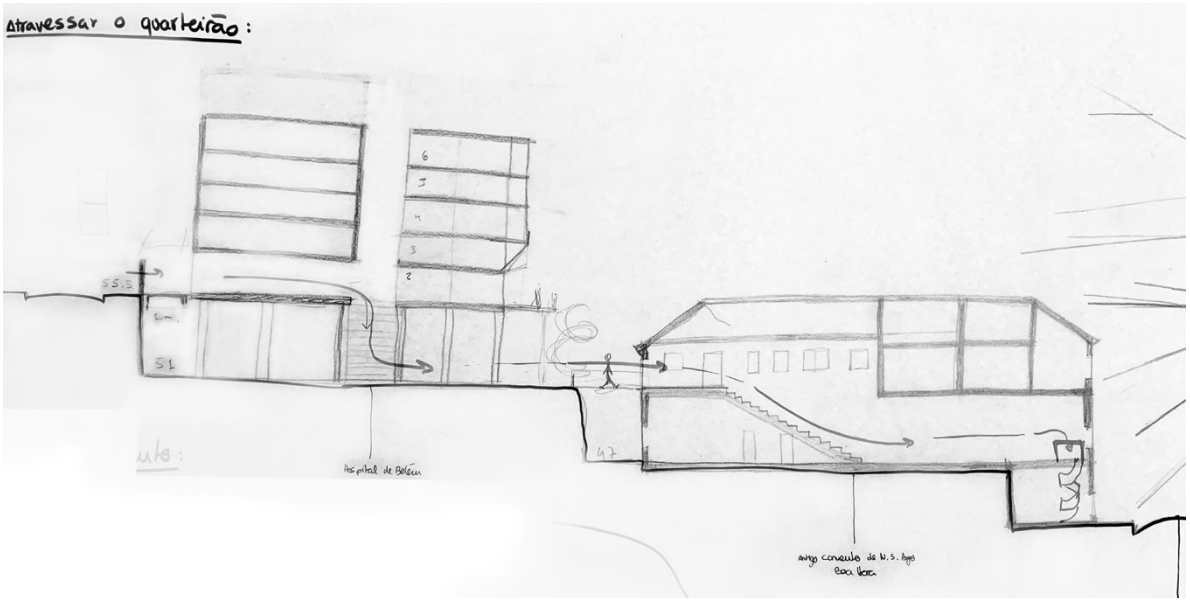


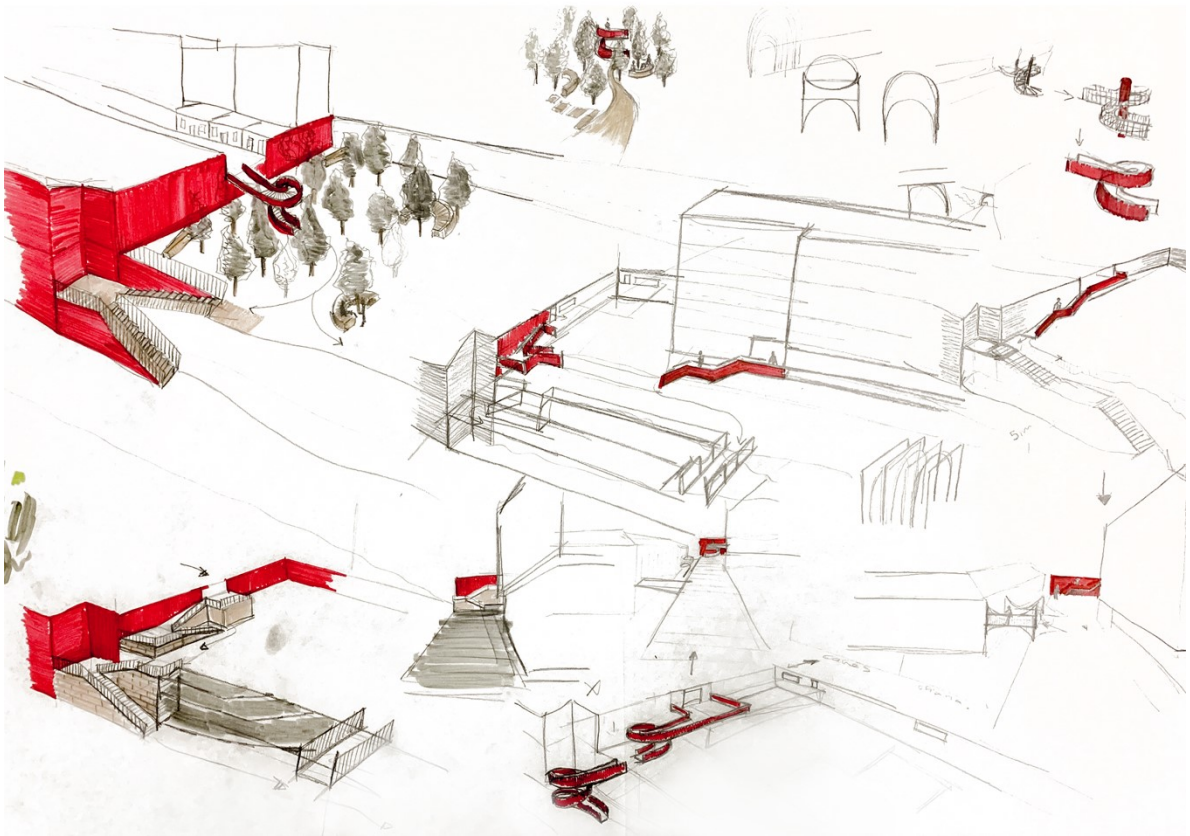
Planta Topográfica de Lisboa: planta 5D, Dir. de Júlio António Vieira da Silva Pinto, 1911. Fonte: AML.

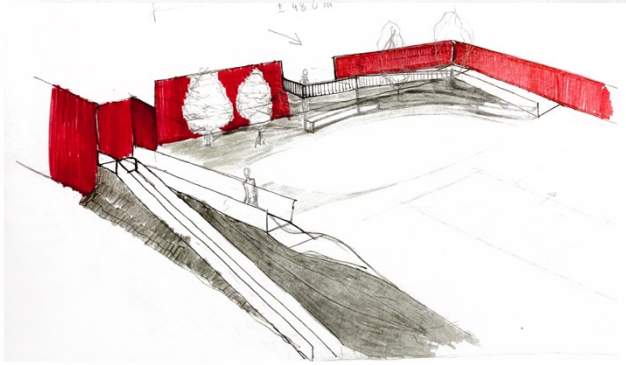


Planta da cidade de Lisboa: plantas 17, 18, 19.

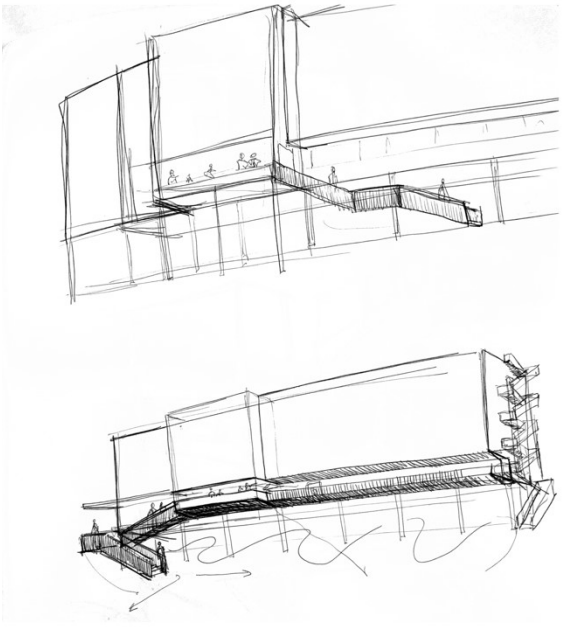
7.5. Registos do processo de trabalho: esquissos e maquetas

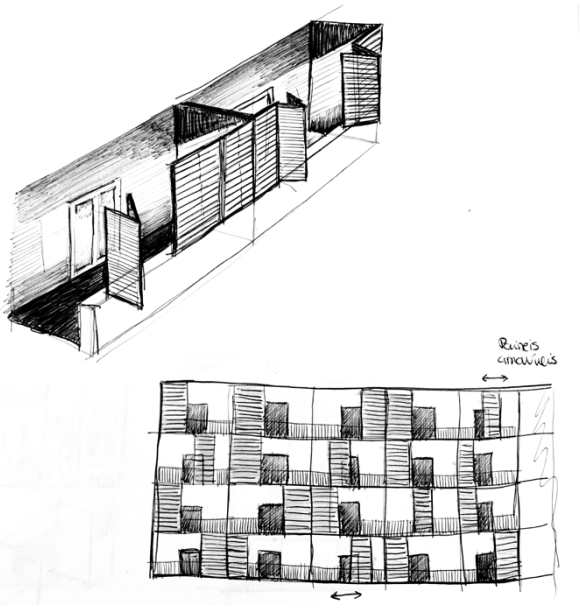


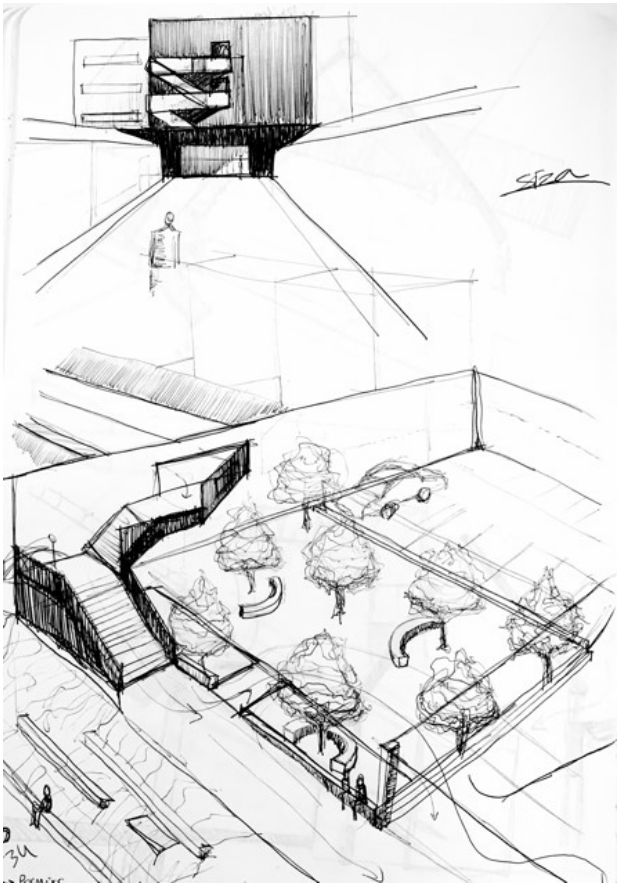


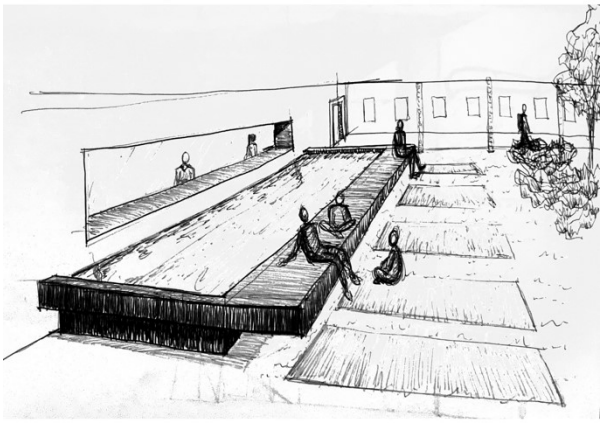


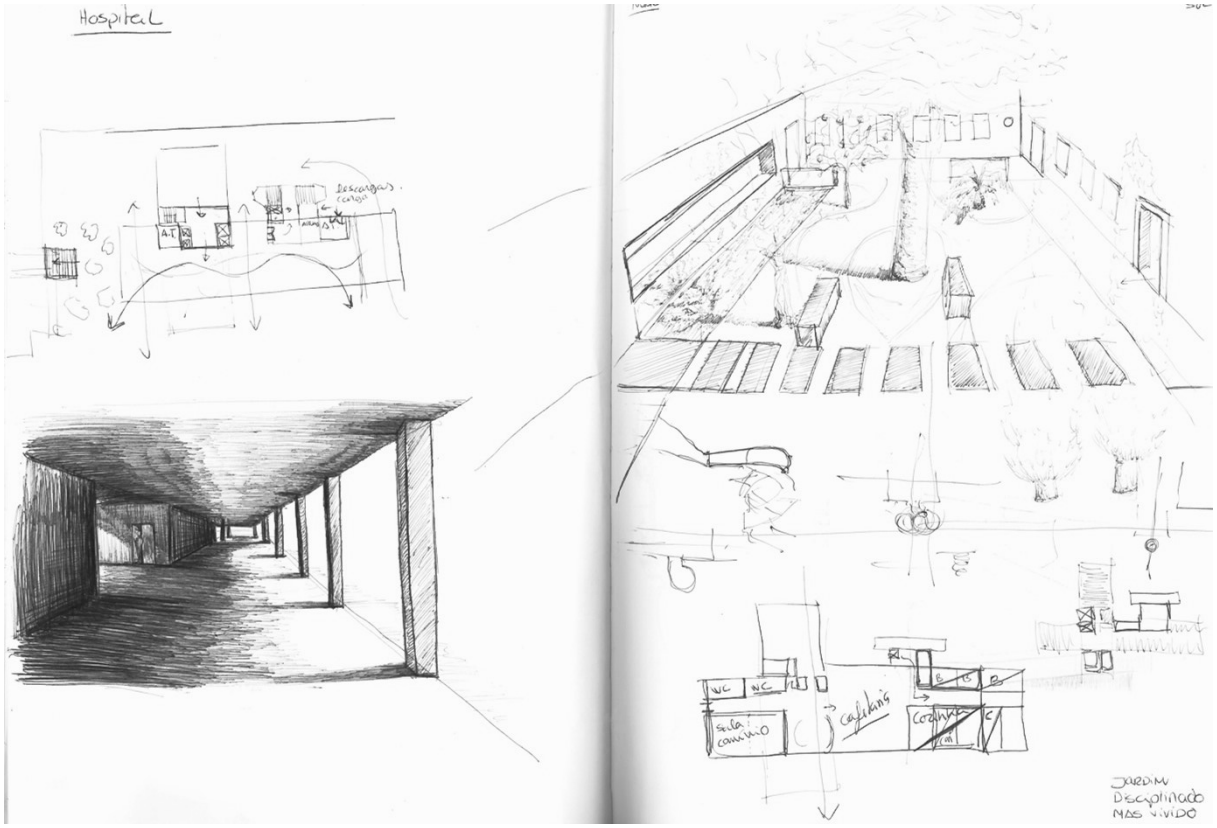

La roulette
1/4
1/3
2/3
Maison Brasil

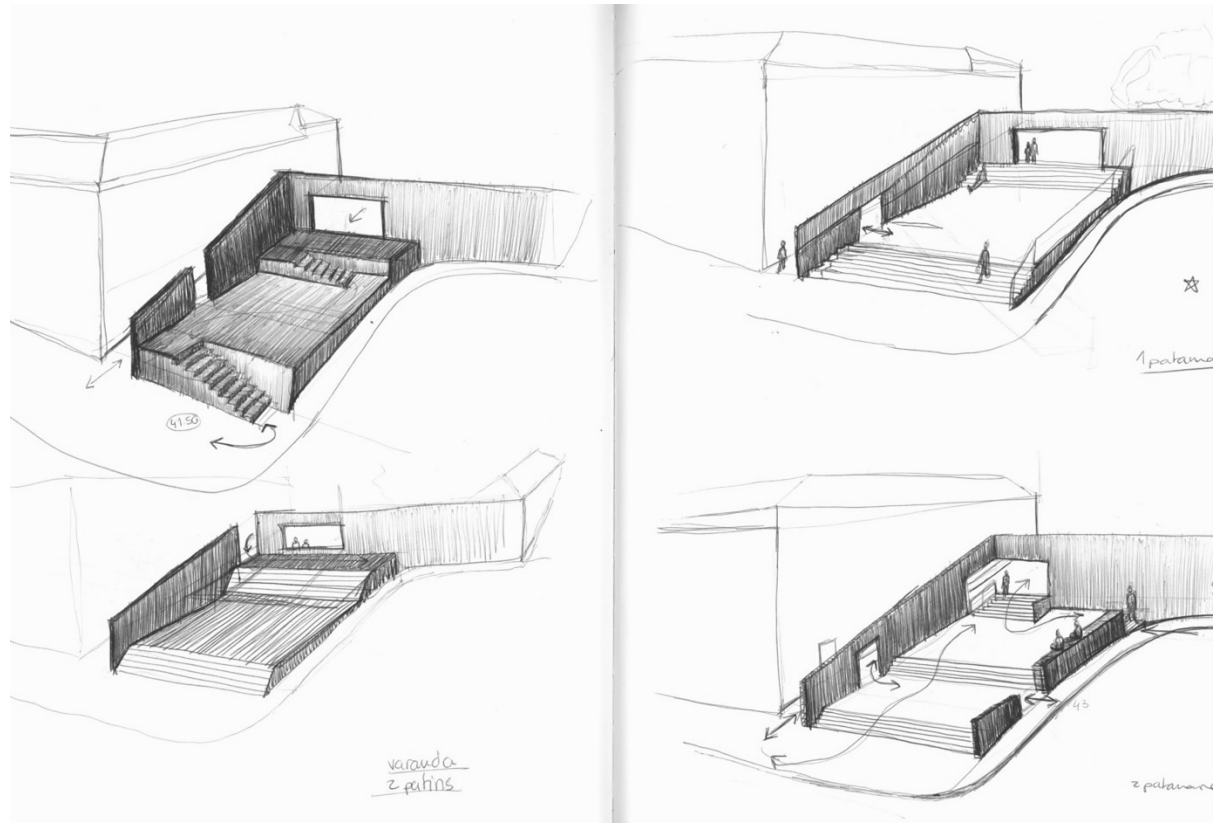


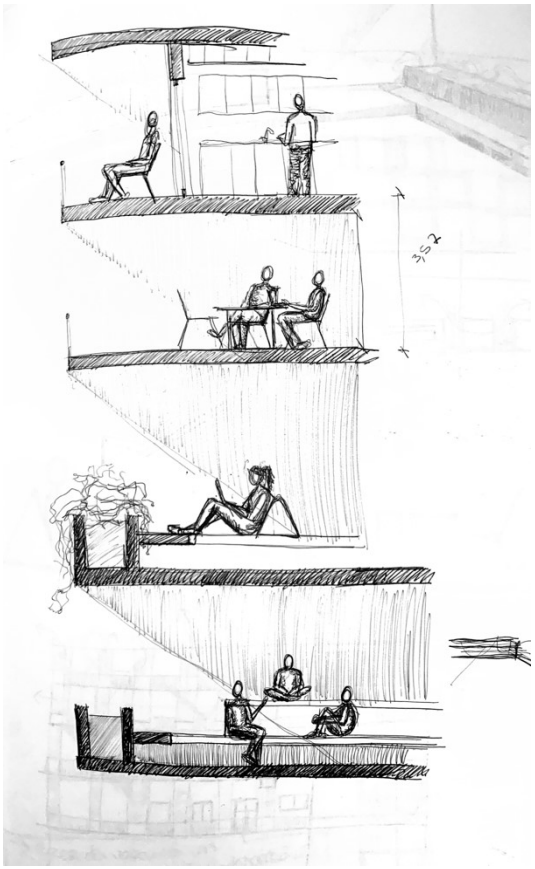

Rues circulaires

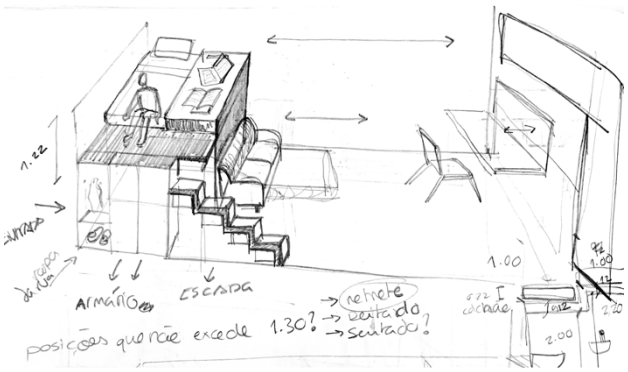


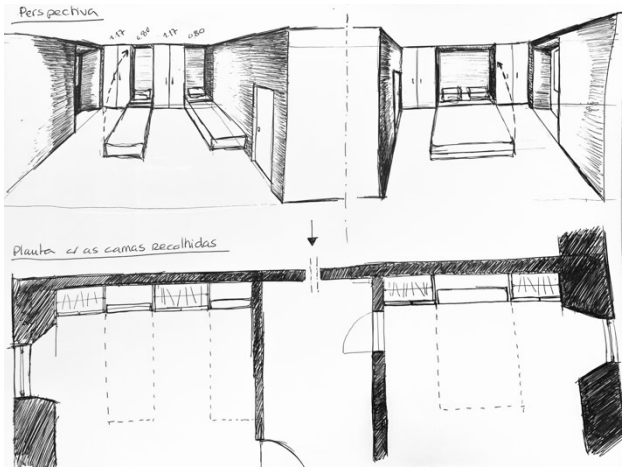


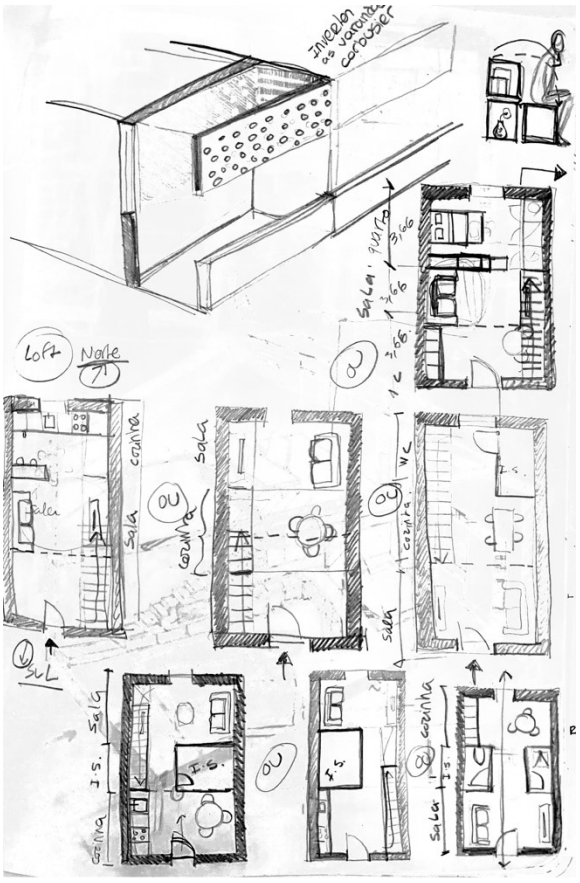

Hospital
descargas
A.T.
WC
WC
sala caminio
cafetaria
cozinha
JARDIM
Disciplinado
MAS VIVIDO

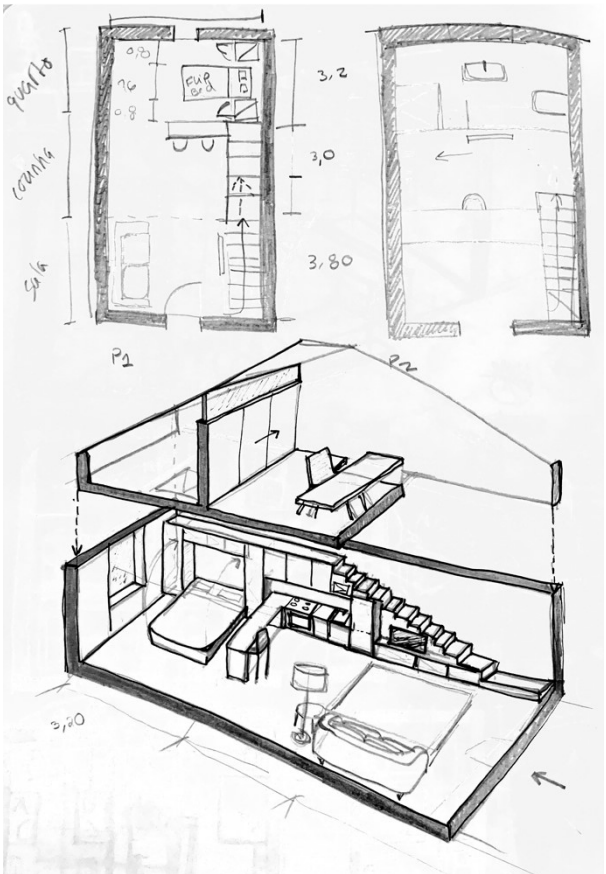

41.50
varanda
2 patins
1 patamar
2 patamar

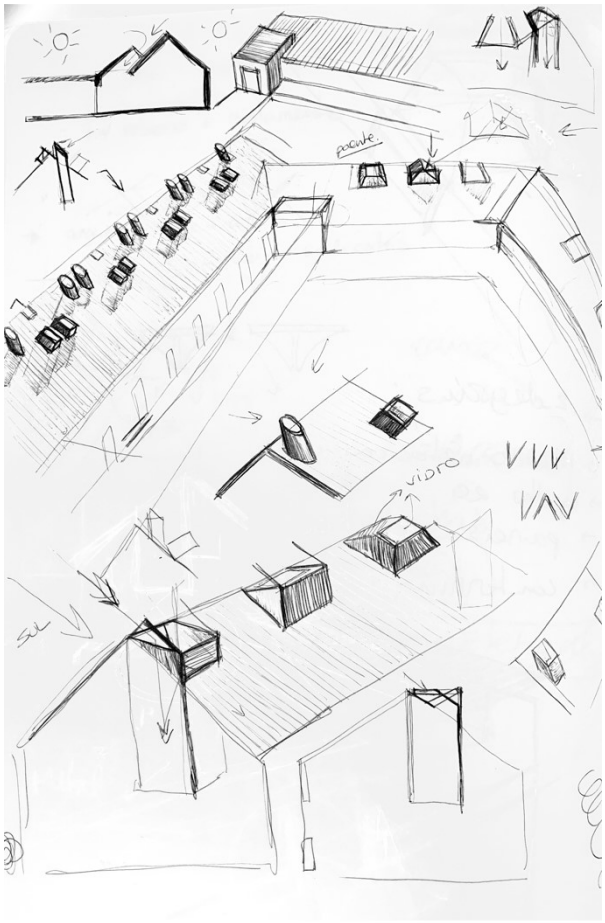

3,52

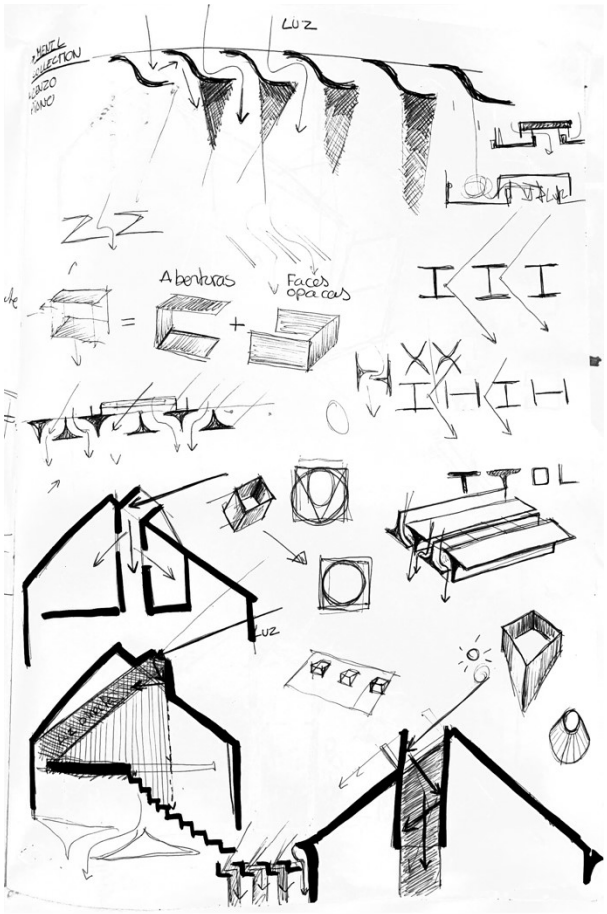

1.22
Armário
Escada
posições que não excede 1.30?
→ retrete
→ deitado
→ sentado?
1.00
2.00

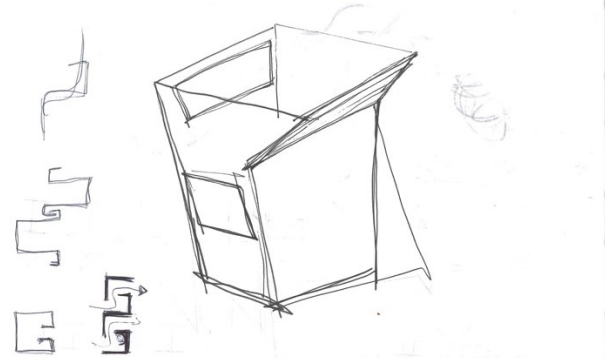

Perspectiva
Planta c/ as camas recolhidas

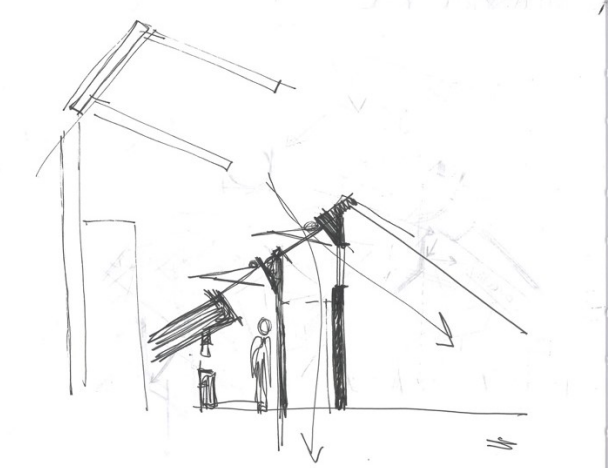

Inverter as varandas corbusier
Loft
Norte
Sala
cozinha
OU
I.S.
WC
Sul

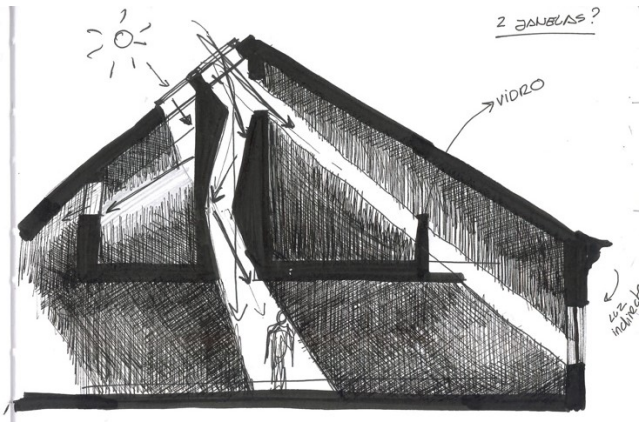

quarto
cozinha
sala
3,2
3,0
3,80
P1
P2
3,20

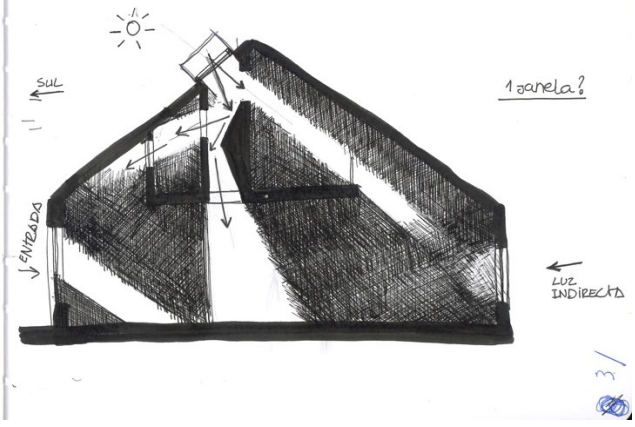

poente
vidro
sul

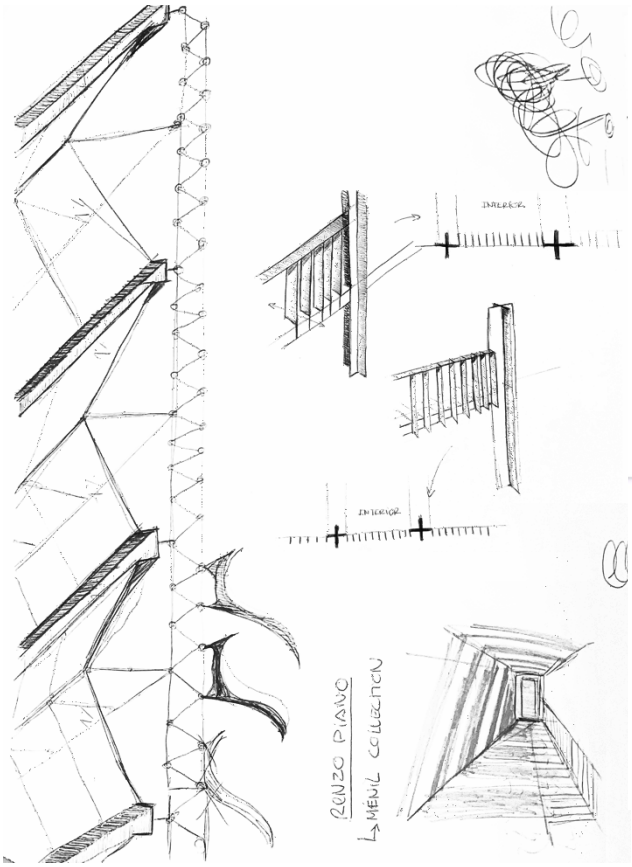

LUZ
Aberturas
Faces opacas
luz

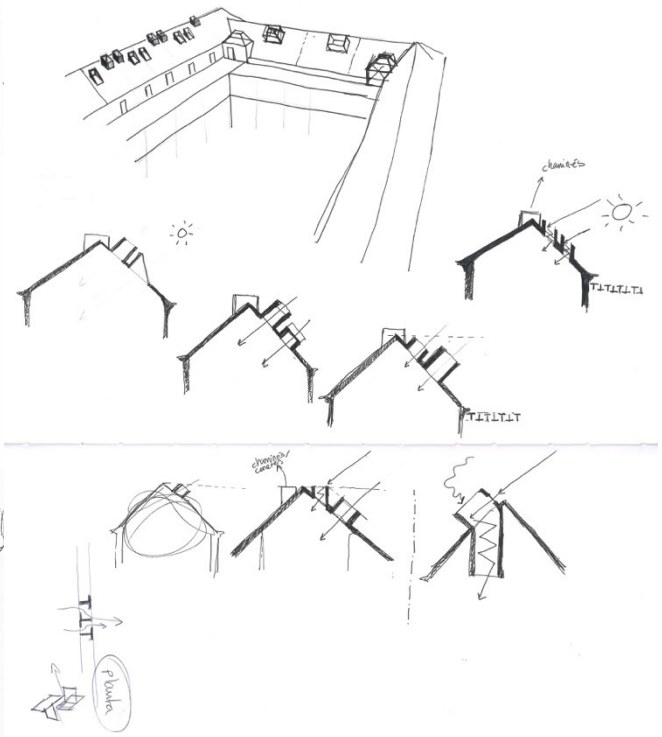


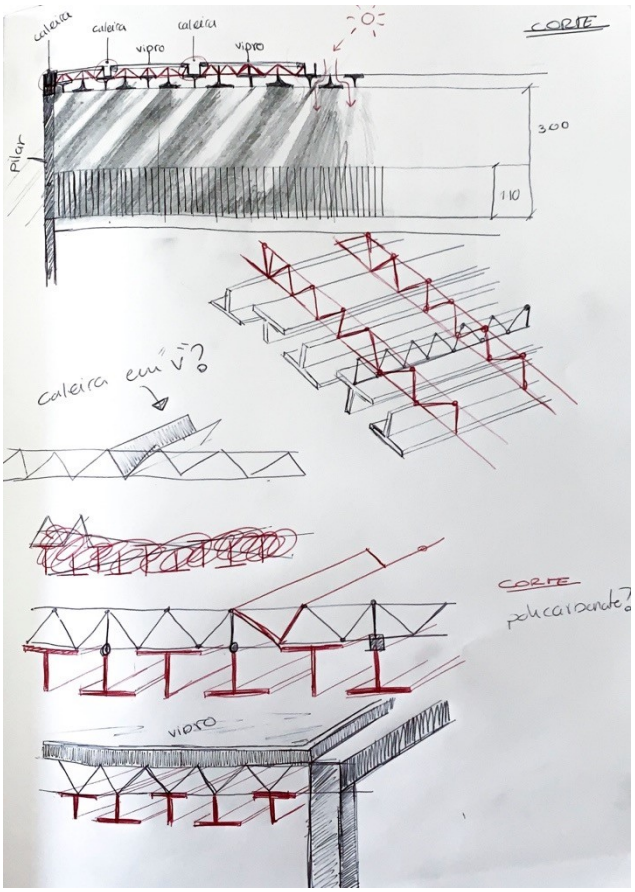


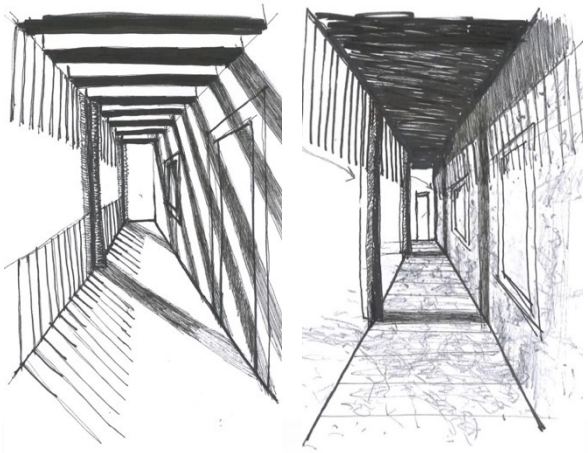

2 janelas?
vidro

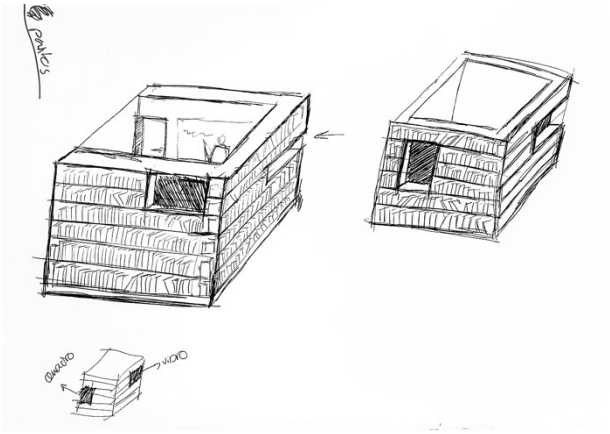

sul
1 janela?
ENTRADA
LUZ INDIRECTA


INTERIOR
INTERIOR
RENZO PIANO
↳ MENIL COLLECTION

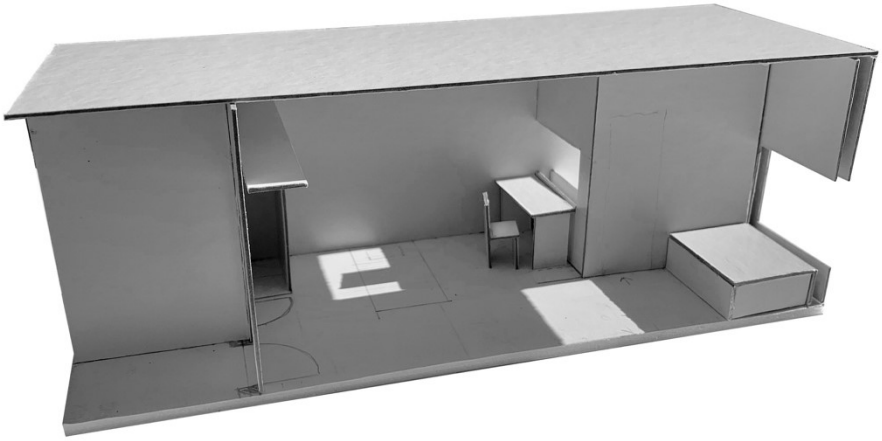

planta


caleira
caleira
caleira
vidro
vidro
CORTE
pilar
300
110
caleira em "V"?
CORTE
policarbonato?
vidro

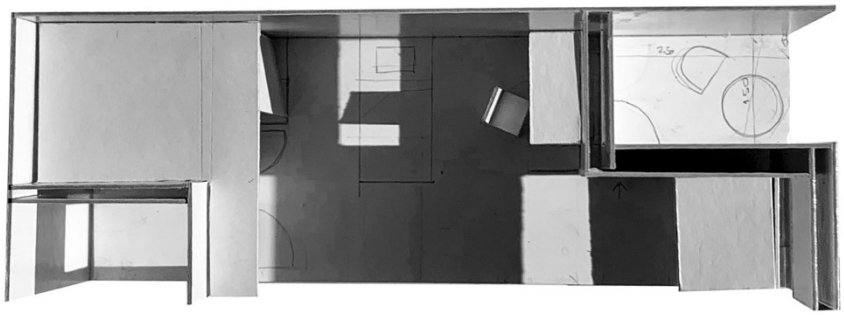



paulos
quadro
vidro

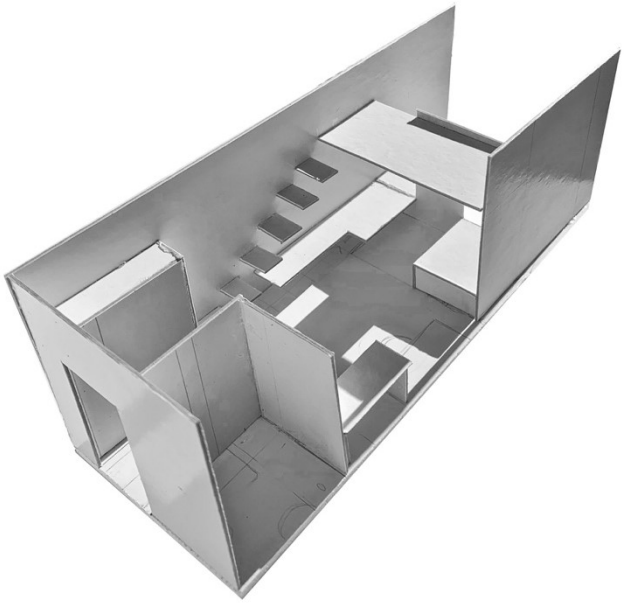
Quarto dos estudantes - hipótese 1 (escala 1/50)

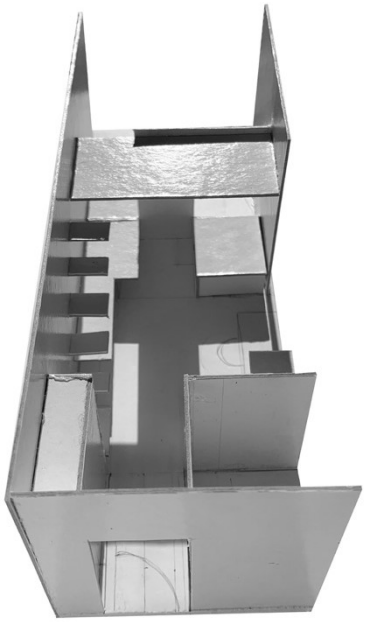




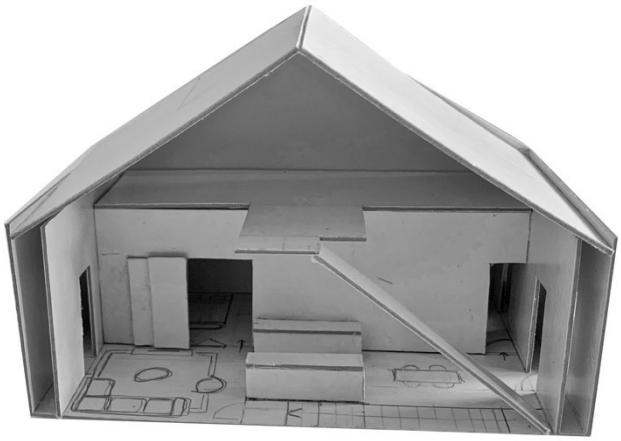


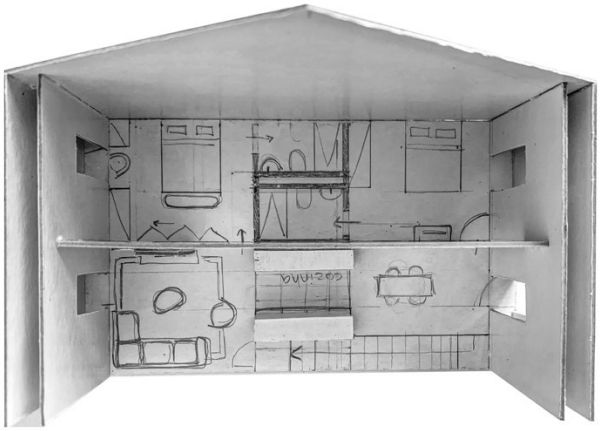
Quarto dos estudantes – hipótese 2 (escala 1/50)





Habitação T2 - hipótese 1 (escala 1/100)







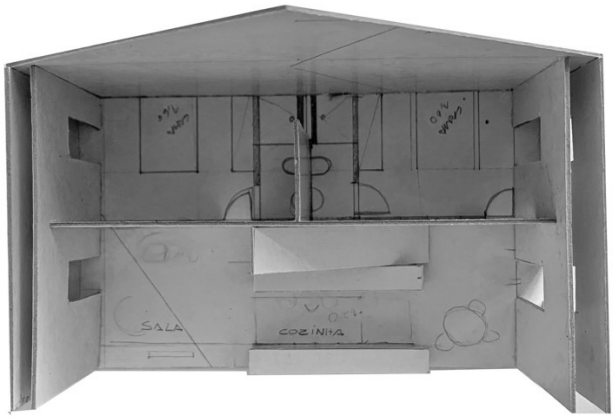




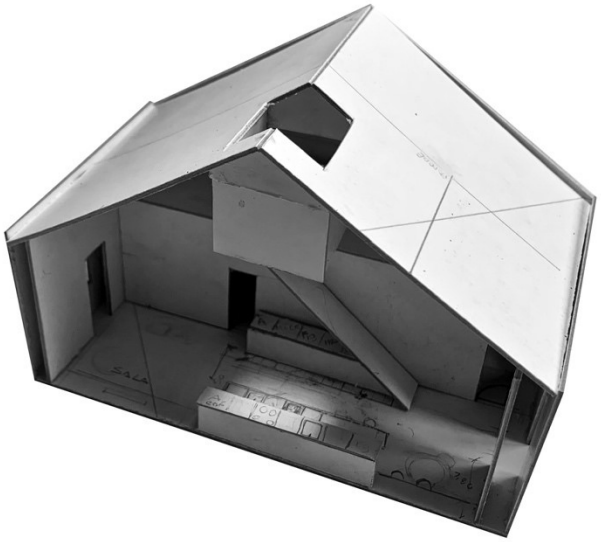


Habitação T2 - hipótese 2 (escala 1/100)

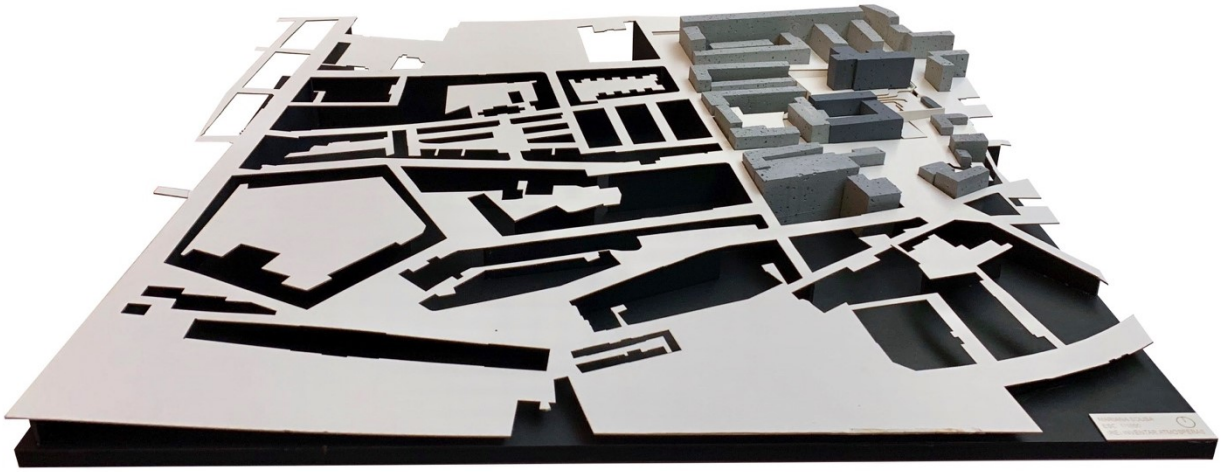


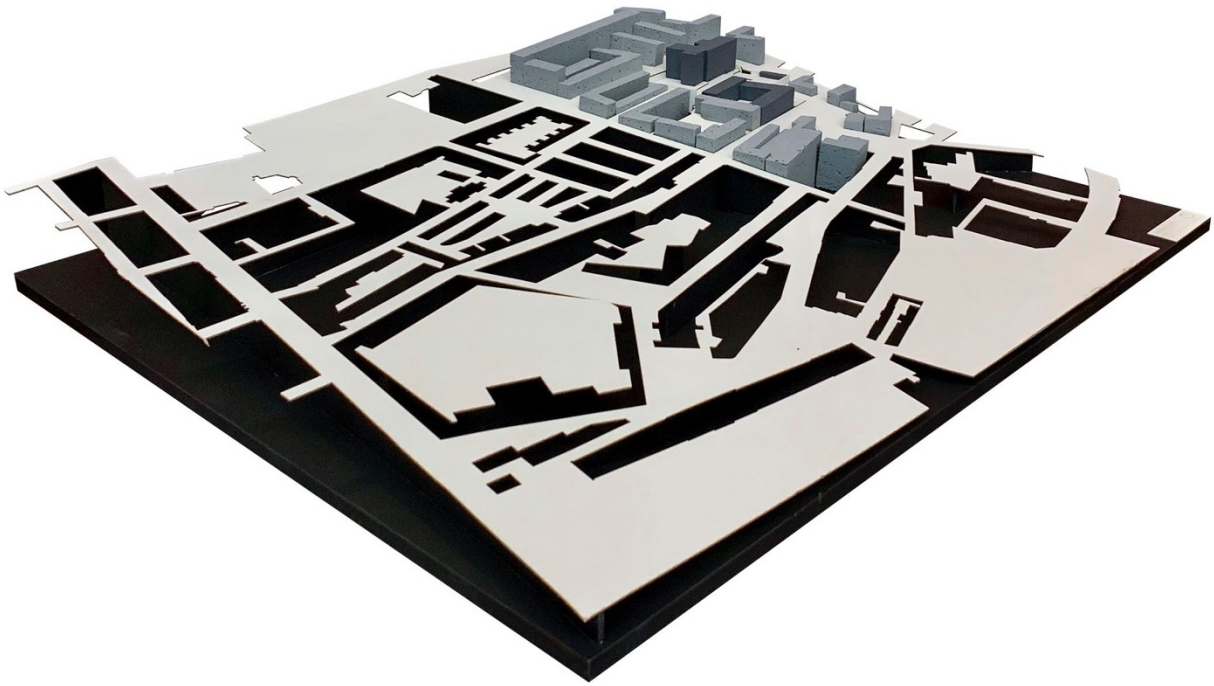




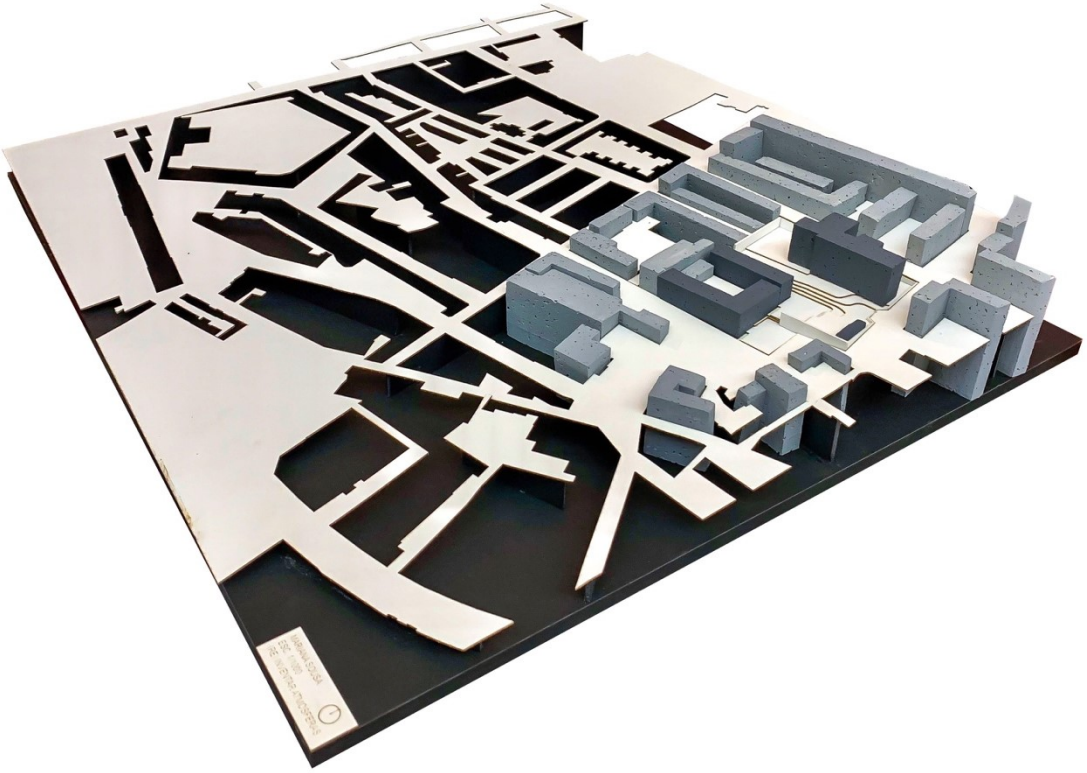


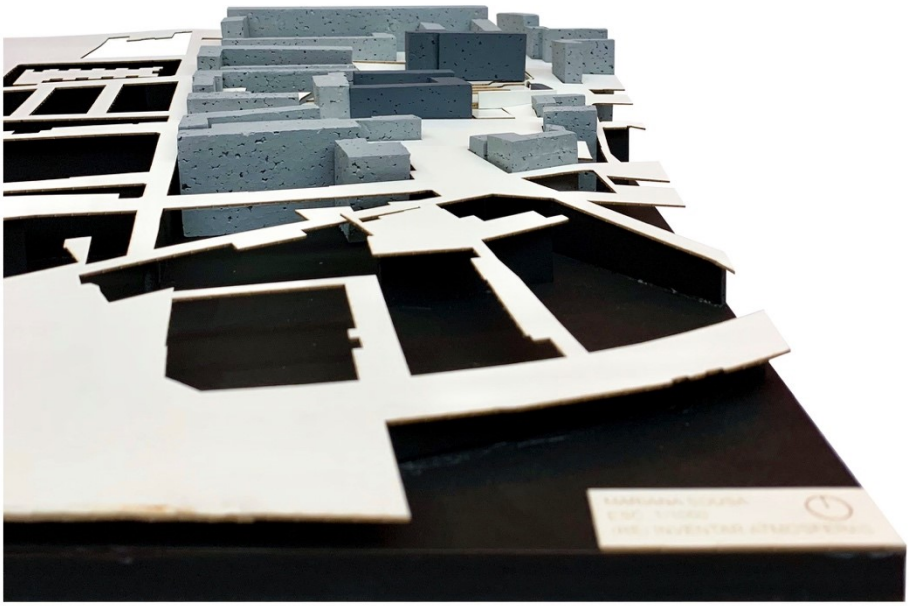
7.6. Maquetas finais



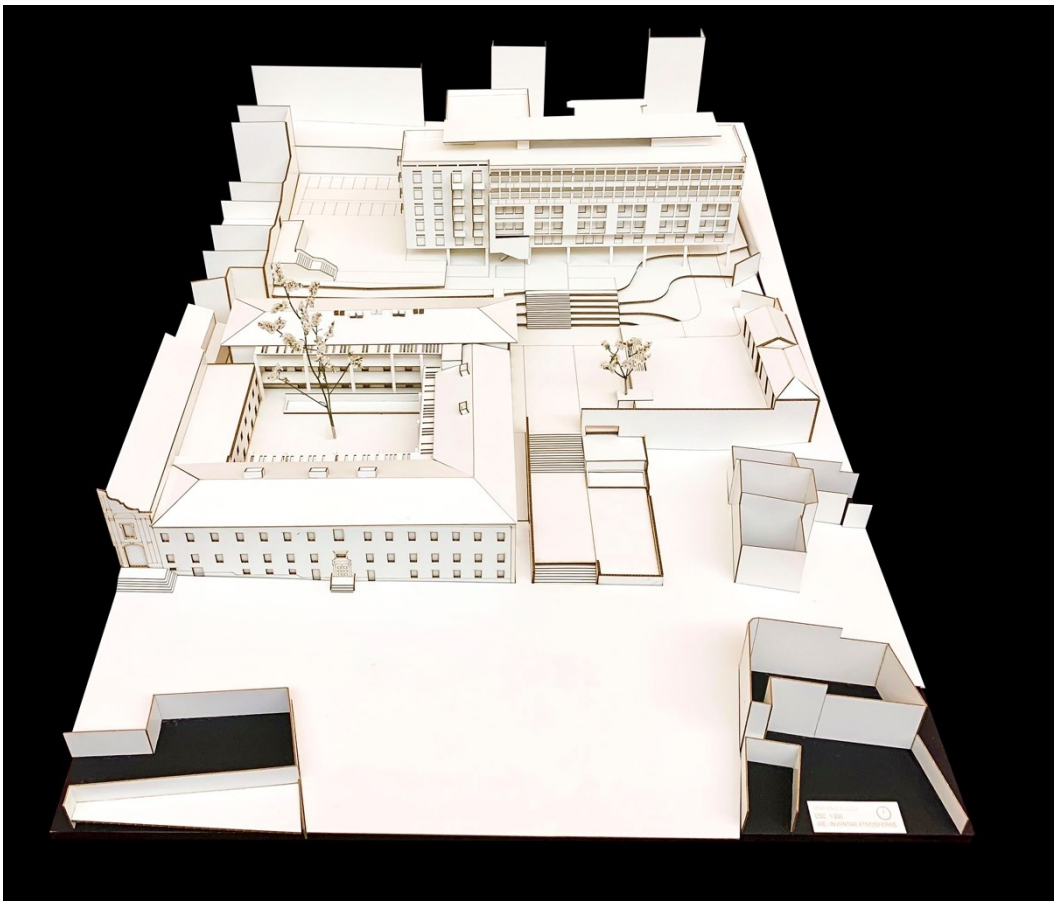


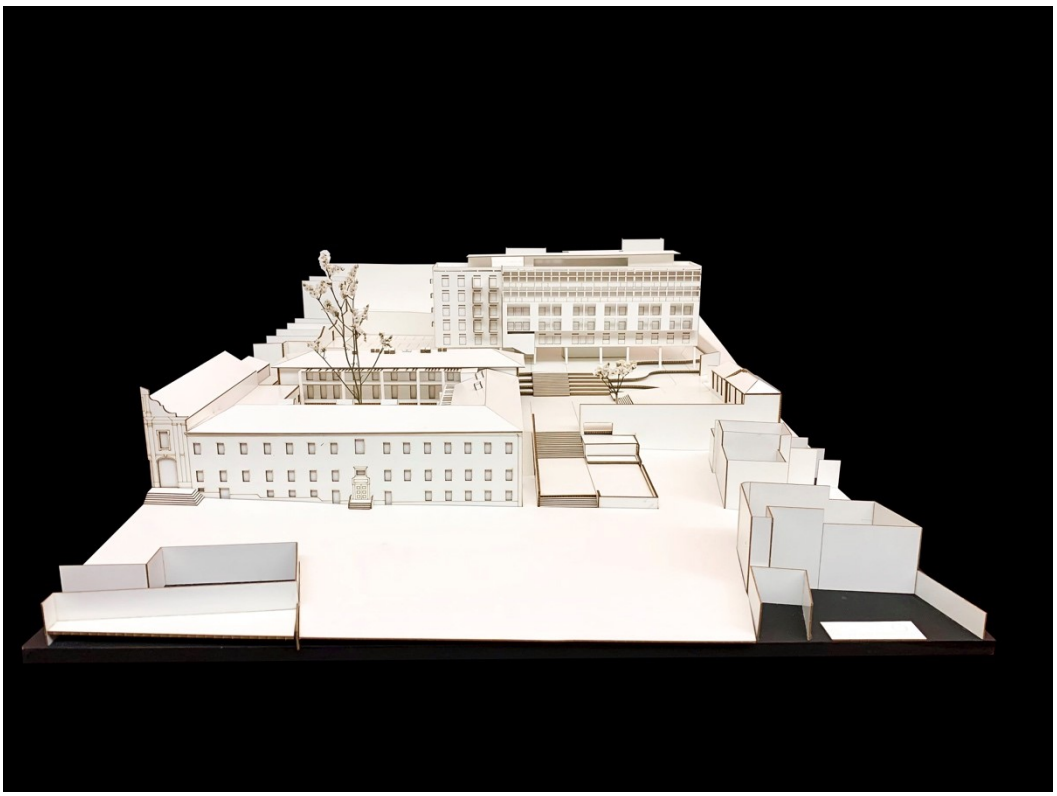
Maqueta final à escala 1/1000



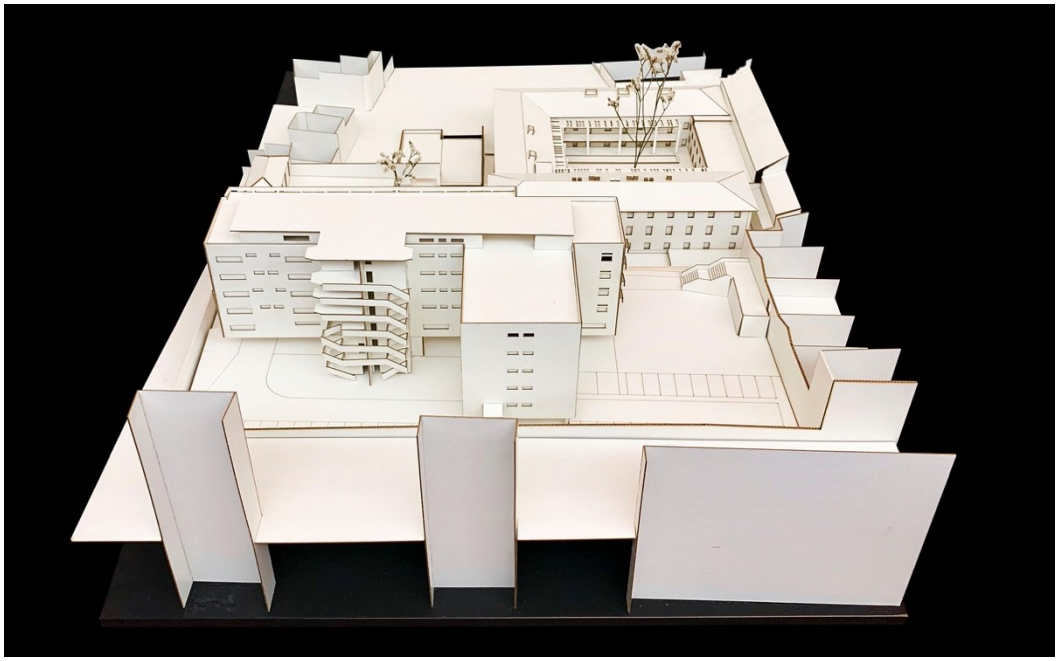


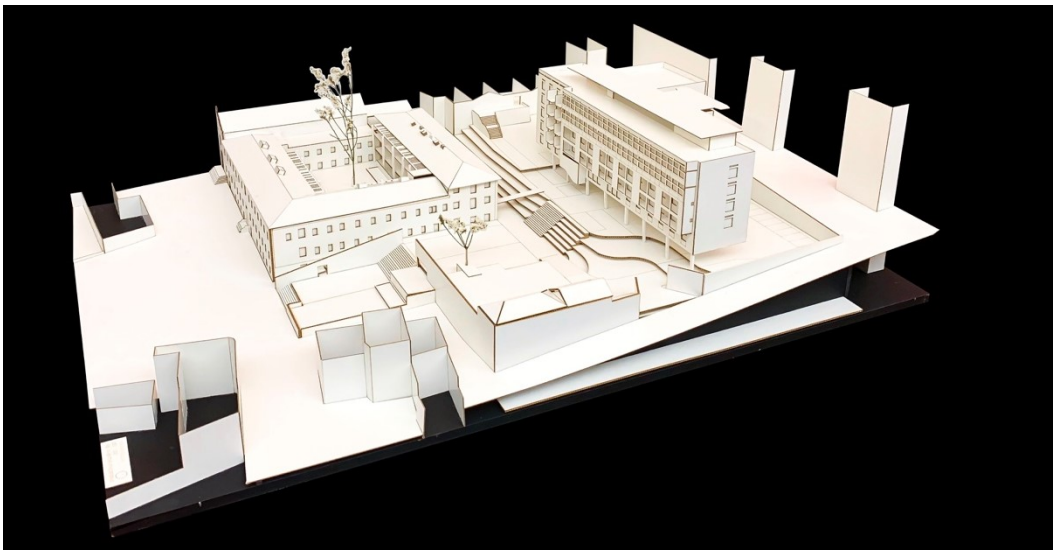
Maqueta final à escala 1/1000

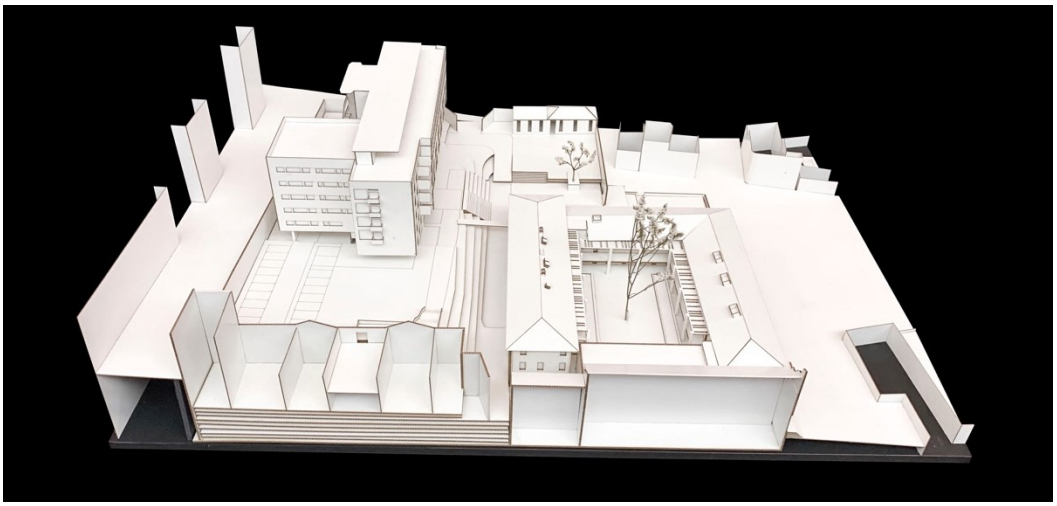




Maqueta final à escala 1/200







Maqueta final à escala 1/200





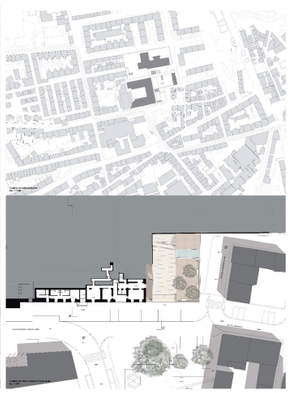



Maqueta final à escala 1/200

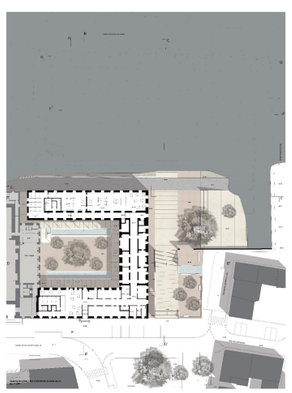
7.7. Painéis finais



P1 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



P3 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



P5 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



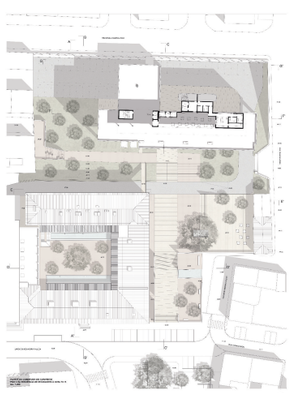
P7 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



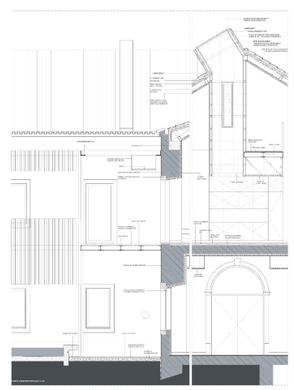
P9 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



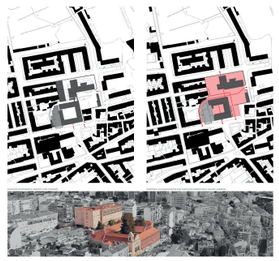
P11 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



P13 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



P15 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



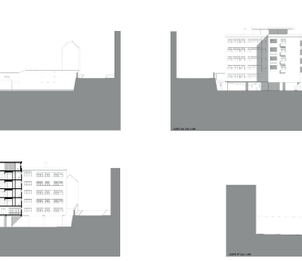
P2 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



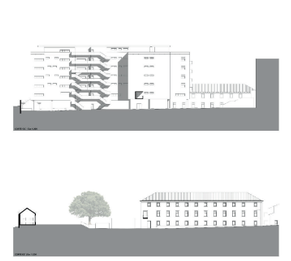
P4 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



P6 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



P8 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



P10 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



P12 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



P14 (RE) INVENTAR ATMOSFERAS Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém



PLANTA DOS CONVENTOS DE LISBOA



EVOLUÇÃO MORFOTIPOLÓGICA 1911 | 1940-50 | 2018



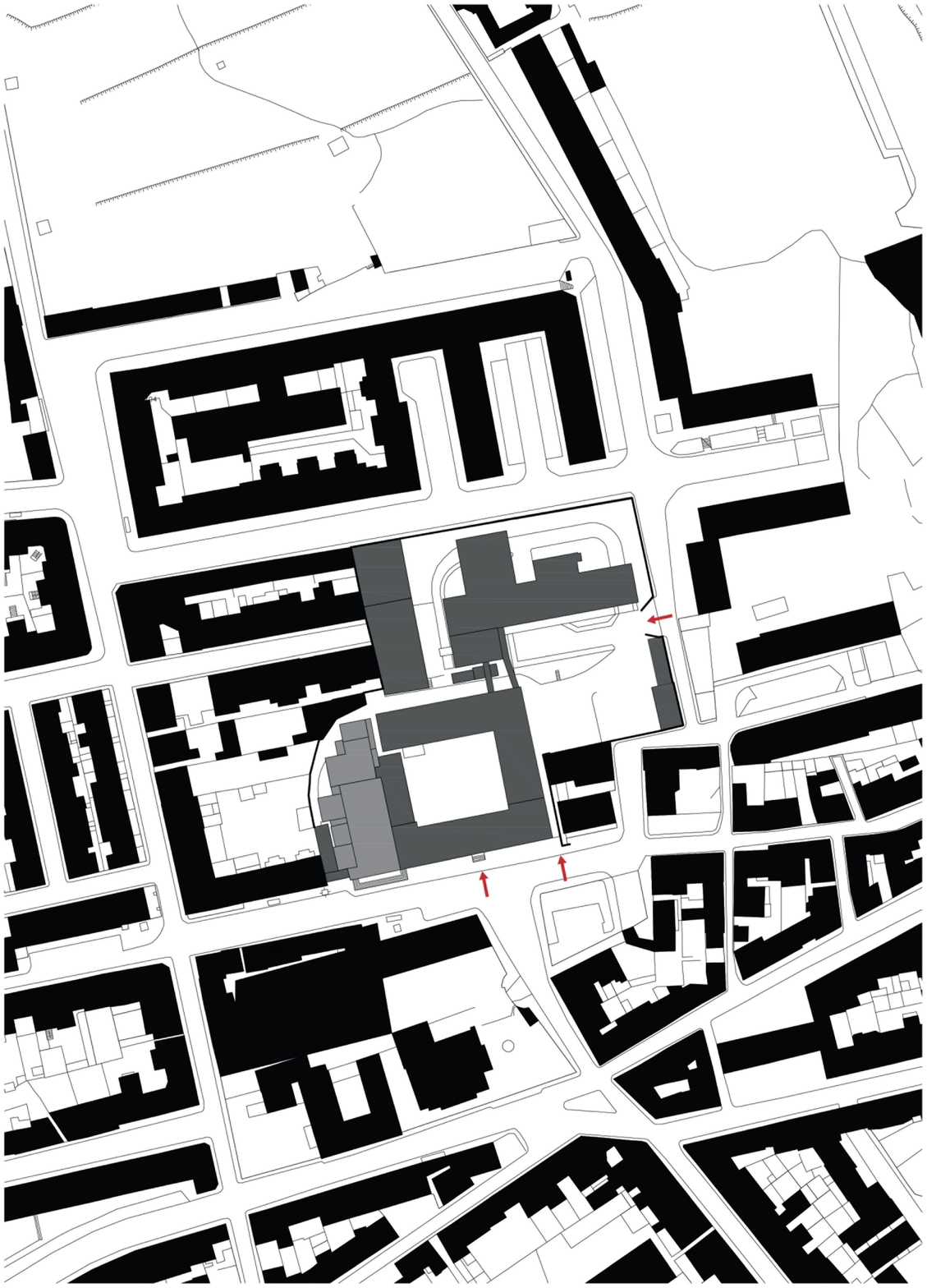


(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

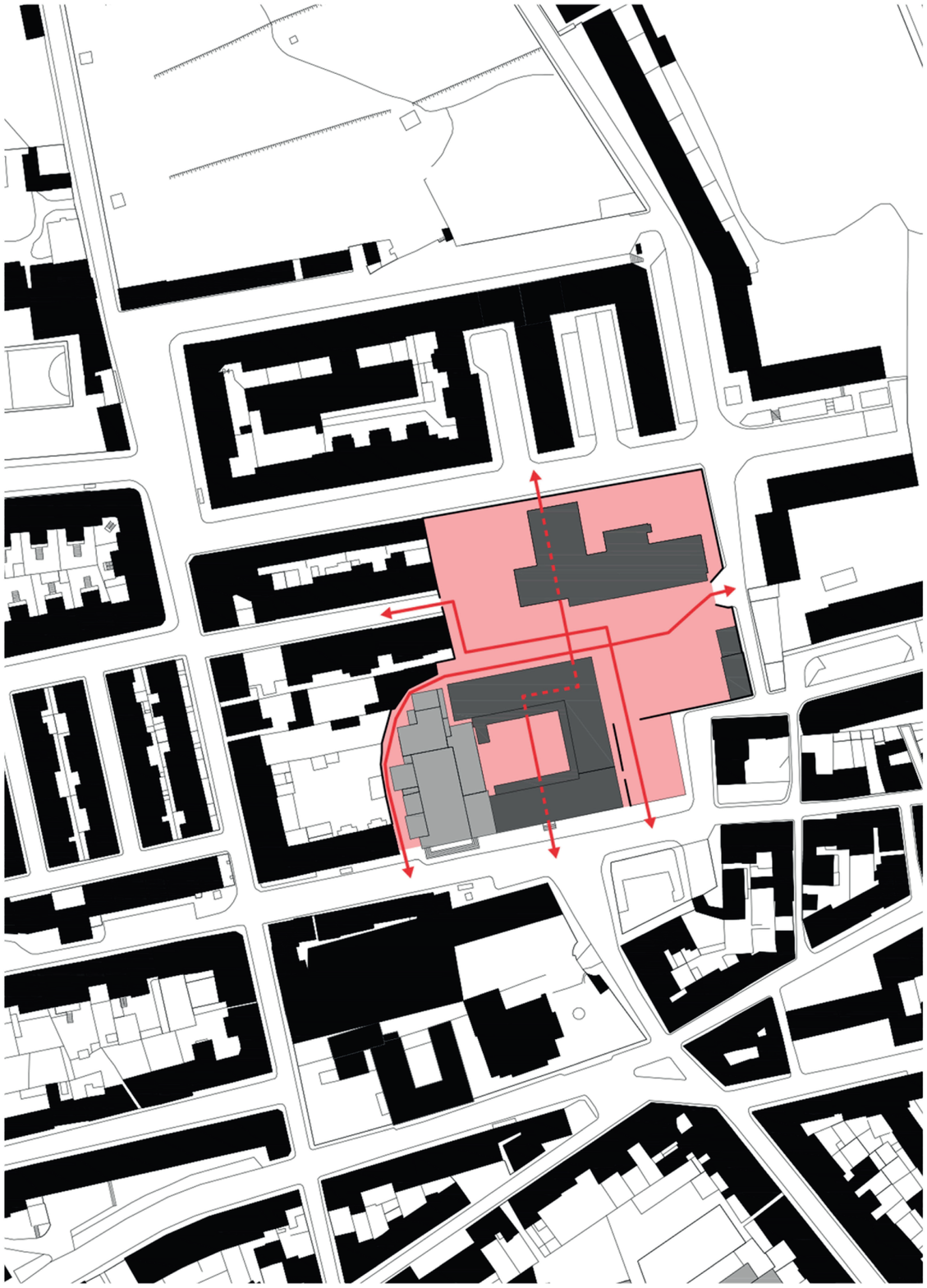
Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura



EDIFÍCIOS EXISTENTES E RESPECTIVOS ACESSOS



PROPOSTA DE REABILTAÇÃO DOS EDIFÍCIOS EXISTENTES E NOVOS ACESSOS



(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

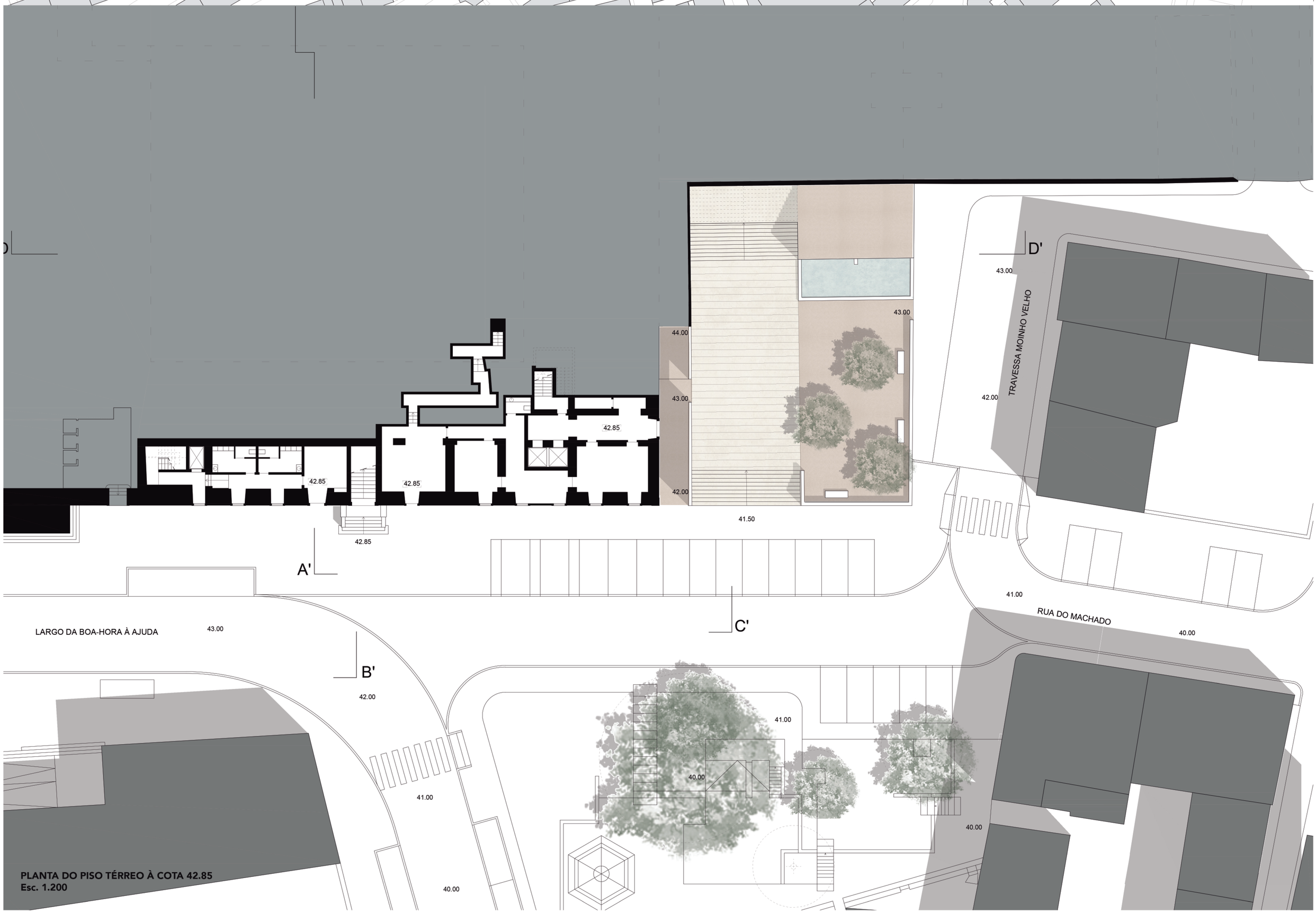
Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

P2

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
Esc. 1.1000



PLANTA DO PISO TÉRREO À COTA 42.85
Esc. 1.200

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

P3

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura



ALÇADO SUL | Esc 1.200



CORTE DD´ | Esc 1.200

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

P4

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura

TRAVESSA GUARDA-JÓIAS

RUA GUARDA-JÓIAS

TRAVESSA MOINHO VELHO

RUA DO MACHADO

LARGO DA BOA-HORA À AJUDA

camarim

palco

salão paroquial

PLANTA DO PISO 1 DO CONVENTO À COTA 46.15
Esc. 1.200

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

P5

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura



CORTE BB´ | Esc 1.200



CORTE CC´ | Esc 1.200

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura

TRAVESSA GUARDA-JÓIAS

RUA GUARDA-JÓIAS

TRAVESSA MOINHO VELHO

RUA DO MACHADO

LARGO DA BOA-HORA À AJUDA

BICICLETAS MOTAS

BICICLETAS MOTAS

BICICLETAS MOTAS

VAZIO 46.10

atendimento

secretaria

gabinete prior

A B C D E F G A' B' C' D' E' F' G'

PLANTA DO PISO 2 DO CONVENTO À COTA 50.70
PISO TÉRREO DA RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES À COTA 51.00
Esc. 1.200

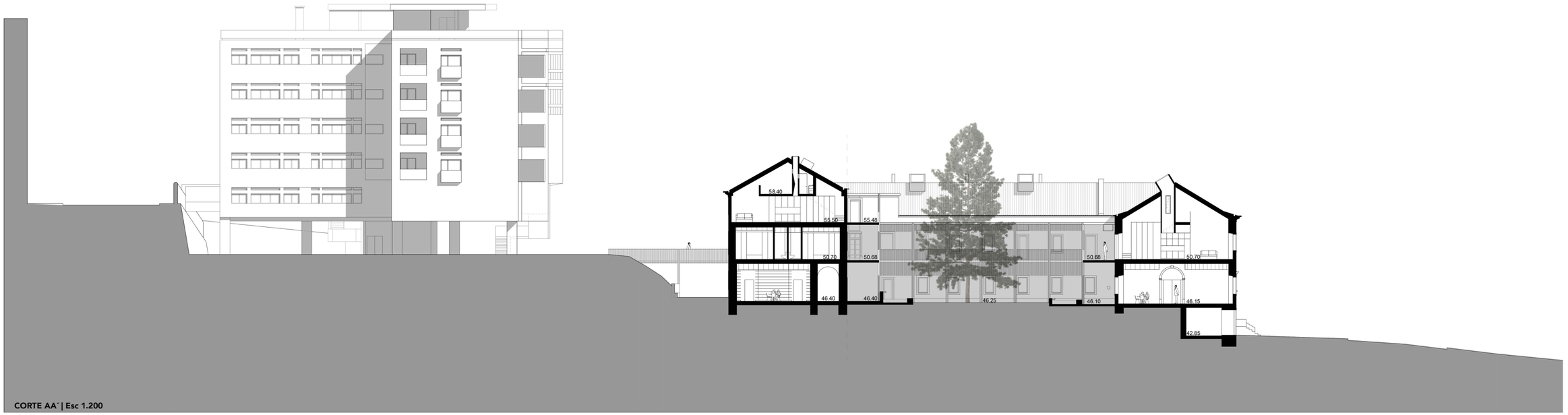
(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

P7

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura



CORTE AA´ | Esc 1.200



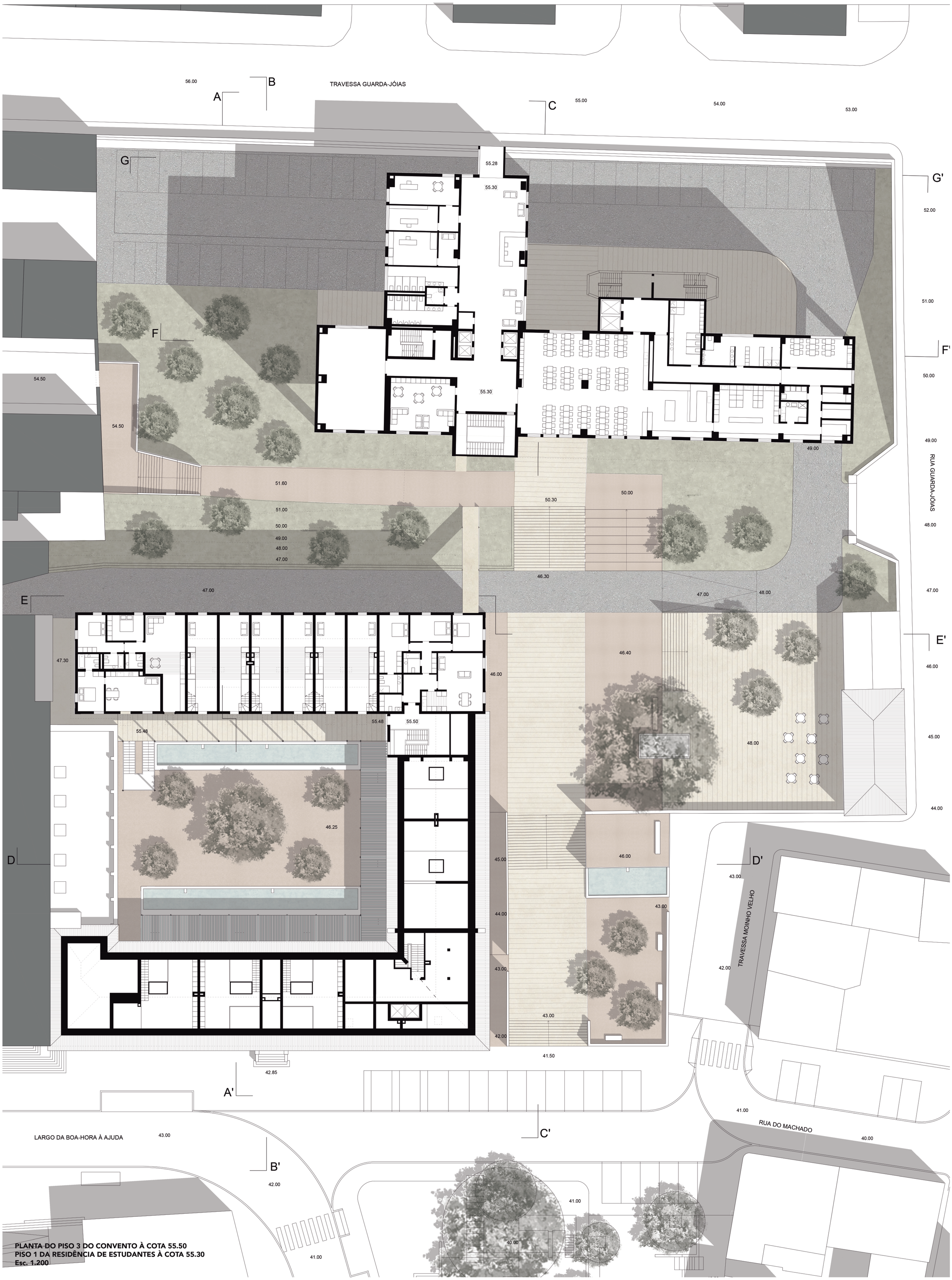
CORTE FF´ | Esc 1.200

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura



PLANTA DO PISO 3 DO CONVENTO À COTA 55.50
PISO 1 DA RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES À COTA 55.30
Esc. 1.200

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109
Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura

TRAVESSA GUARDA-JÓIAS

RUA GUARDA-JÓIAS

TRAVESSA MOINHO VELHO

RUA DO MACHADO

LARGO DA BOA-HORA À AJUDA

PLANTA DO PISO 4 DO CONVENTO À COTA 58.40
PISO 2 DA RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES À COTA 58.87
Esc. 1.200

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

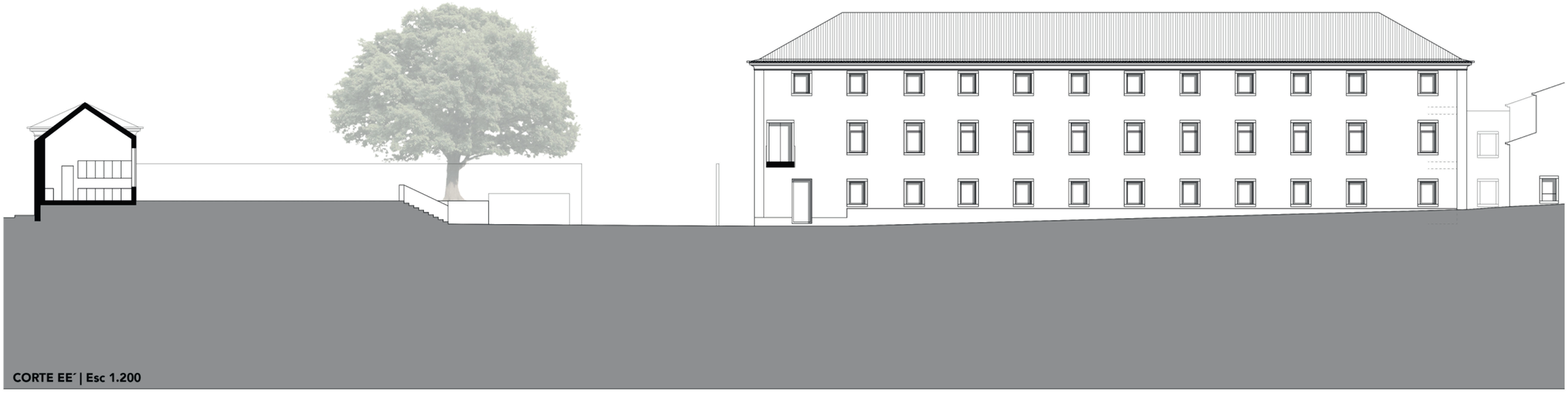
Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura



CORTE GG´ | Esc 1.200



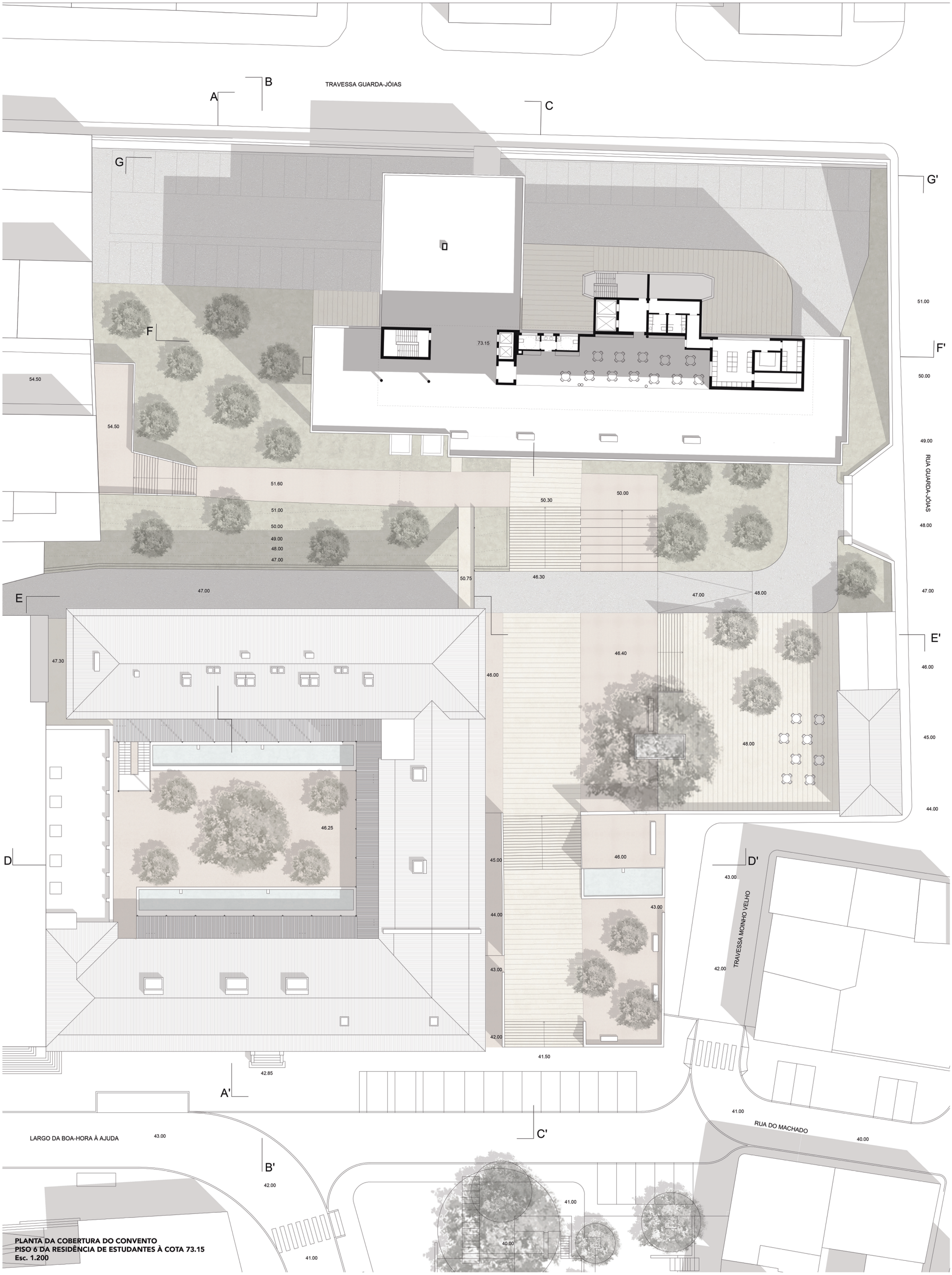
CORTE EE´ | Esc 1.200

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura



PLANTA DA COBERTURA DO CONVENTO
PISO 6 DA RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES À COTA 73.15
Esc. 1.200

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109
Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura





(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura

CAIXILHO EM AÇO METALIZADO E PINTADO COM VIDRO DUPLO

CHAPA ZINCO

PAINEL SANDWICH 9 CM

PLACA DE GESSO DE CARTONADO COM 15 MM DE ESP., PINTADA NA COR BRANCO.

ESTRUTURA EM PERFIS TUBULATRES DE AÇO GALVANIZADO COM 60X60X5 MM, METALIZADO.

PERFIL TUBULAR DE AÇO GALVANIZADO COM 200X100X8 MM, METALIZADO.

CHAPA ZINCO

TELHA MARSELHA

RIPA METÁLICA

PAINEL SANDWICH COM 11 CM DE ESP.

LÃ MINERAL COM 6CM DE ESP.

DUAS PLACAD DE GESSO CARTONADO HIDROFOGO PINTADO NA COR BRANCO

CANTONEIRA METÁLICA

LINTEL DE BETÃO

CAIXA EM CHAPA DE AÇO QUINADO COM 5MM ESP.

VIDRO

PAREDE DE ALVENARIA EXISTENTE

PEDRA DE CANTARIA EXISTENTE A RECUPERAR

LÃ MINERAL COM 6 CM ESP.

RÉGUAS DE MADEIRA COM 22 MM

PERFIL HEB 200

MDF COM 3 CM ESP.

VIDRO COM 10 MM

LÃ MINERAL COM 6 CM ESP.

PEDRA LIOZ 2CM ESP.

BETONILHA HIDRÓFUGA, ARMADA E ESQUARTELADA

PERFIL HEB 200

SOALHO DE MADEIRA COM 22 MM

SARRAFOS 3X3 CM ESP.

GRANULADO DE CORTIÇA

BETONILHA HIDROFUGA, ARMADA COM 5CM ESP.

PAREDE DE ALVENARIA EXISTENTE

LÃ MINERAL COM 6 CM ESP.

CAIXILHO EM AÇO, METALIZADO E PINTADO COM VIDROS DUPLO

PEDRA LIOZ 2CM ESP.

PEDRA LIOZ 4CM ESP.

BETONILHA HIDROFÚGA, ARMADA COM 5CM ESP.

SISTEMA DE IMPERMEABILIZAÇÃO

CORTE CONSTRUTIVO (AA')1:20

(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura





(RE) INVENTAR ATMOSFERAS

Reabilitação do antigo Hospital Militar de Belém

MARIANA ALBERGARIA E SOUSA 20130109

Orientação Científica: Prof. Dr. Arq. José Aguiar
U Lisboa - Faculdade de Arquitectura